



LITTLE STRANGER

meu céu, meu inferno

LEIGH RIVERS



LITTLE STRANGER

meu céu, meu inferno

LEIGH RIVERS

Tradução
Marcela Pettezzoni

1ª EDIÇÃO - 2024
RIO GRANDE DO SUL



© 2024 Editora Five..
Todos os direitos reservados

Produção Editorial:
GRUPO EDITORIAL FIVE

Tradução:
MARCELA PETTEZZONI

Preparação e Revisão:
EN SERVIÇOS EDITORIAIS

Diagramação e Produção digital:
Saavedra Edições

Capa:
BIA SANTANA DESIGN
Ilustração da capa e do miolo:
MACROVECTOR | FREEPIK

Todos os direitos reservados e protegidos pela lei 9.610 de 19/02/1998. Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da editora, poderá ser reproduzida ou transmitida sejam quais forem os meios empregados: eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação ou quaisquer outros. Os direitos morais do autor foram declarados.

Esta obra literária é ficção. Qualquer nome, lugares, personagens e incidentes são produto da imaginação do autor. Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou mortas, eventos ou estabelecimentos é mera coincidência.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

R622

Rivers, Leigh

Little Stranger [livro eletrônico] / Leigh Rivers ; tradução Marcela Pettezoni

— 1. ed. — Porto Alegre, RS: Grupo Editorial Five, 2024.

Recurso digital (Série The Web Of Silence ; 1)

Título original: Little Stranger

Modo de acesso: word wide web

ISBN 978-65-5214-019-7 (recurso eletrônico)

1. Ficção norte-americana I. Título. II. Série.

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura norte-americana 813



1ª edição – 2024

DIREITOS CEDIDOS PARA ESTA EDIÇÃO:

GRUPO EDITORIAL FIVE

SUMÁRIO

[Capa](#)

[Folha de Rosto](#)

[Créditos](#)

[Playlist](#)

[Aviso de Conteúdo](#)

[Parte Um](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Parte Dois: oito anos depois](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Epílogo](#)

[Sobre a autora](#)

Grupo editorial Five



PLAYLIST

- Dark Things – Adona
- Sick Obsession – Landon Tewers
- Twisted – Missio
- One Way Or Another – Until The Ribbon Breaks
- Archangel – Mejko, Rose Ghould
- Heartbeat – Isabel Larosa
- Scars – Boy Epic
- In Flames – Digital Daggers
- Vendetta – Unsecret, Krigarè
- Hotel Drive – Vice Monroe
- M3rry Go – Vice Monroe
- Young And Beautiful – Lana Del Ray
- Wildest Dreams – Taylor Swift



AVISO DE CONTEÚDO

Não se deixe enganar pela “Parte Um”, este livro é um dos mais sombrios que já escrevi e aborda assuntos que alguns leitores podem achar perturbadores.

Se livros *dark* e *taboo* não são sua praia, então *Little Stranger* não é para você. Na verdade, se algo listado te der gatilhos, imploro que pare agora, pense na sua saúde mental e mande este livro de volta para onde você o encontrou: nas profundezas do inferno.

Os personagens são irmãos adotivos, **não têm relação consanguínea**, mas foram criados juntos.

Se você se sente confortável com sonofilia pesada, consentimento duvidoso, drogas, branding, asfixia, e outros kinks como meio-irmãos, facas, dominação, sangue, dor, chave de fenda, medo, breeding, sexo anal e aranhas, Malachi Vize — meu novo psicopata mudo favorito — está esperando por você.

*Se um estranho mascarado pressiona uma chave
de fenda em seu pescoço e lhe diz para correr, o
que você faz?*





PARTE UM



CAPÍTULO 1

Olivia
Aos sete anos...

Mamãe segura minha mão enquanto eu salto com entusiasmo em meus sapatos rosa brilhantes. O aeroporto é muito barulhento devido a todas as pessoas com pressa e multidões correndo com suas malas prontas para embarcar no grande avião!

— Ele já chegou? — pergunto com um sorriso enorme, puxando a mão da mamãe e saltitando mais um pouco.

— Ainda não, querida — ela responde, olhando para o meu pai. Ele não parece tão animado quanto nós duas, mas eu os ouvi conversando esta manhã, e ele está ansioso para finalmente conhecê-lo.

Meu novo irmão. Ele é um ano mais velho que eu e, pelo que ouvi dos meus pais, ele sofreu *abusos*, uma palavra que eles também usaram quando me adotaram.

Papai coloca a mão em cima da minha cabeça para me impedir de pular. Ele não gosta quando eu faço isso. Ele geralmente bate na minha bunda e depois me manda para o meu quarto.

— Pare com essa agitação. Você promete que vai se comportar, anjo?

Concordo com entusiasmo e sorriso, levantando meu dedo mindinho.

— Eu prometo.

Ele não entrelaça o dedo mindinho no meu, então eu abaixo a mão e faço um beicinho.

Mas então minha mãe solta um gritinho e se inclina em minha direção.

— Querida, este é seu novo irmão. Lembra quando papai e eu resgatamos você daquele lugar malvado? Nós o resgatamos de lá também!

Um menino vem em nossa direção segurando um saco plástico. *Onde está a sua mala?* Ele é mais alto que eu, tem cabelo preto e olhos azuis como a cor do cabelo da minha boneca favorita.

— Boa sorte — a senhora segurando a mão dele murmura para minha mãe e revira os olhos enquanto entrega alguns papéis para o papai. — Assine tudo. A última página é sobre o terapeuta dele. Por favor, fique com essa e assine depois de ler tudo e concordar que ele comparecerá a todas as sessões.

Papai bufa.

— Você tem certeza disso? Já viu o relatório dele?

Ele está olhando para a mamãe, que estreita os olhos para ele.

— Sim, Jamieson. Foi você quem me mostrou em primeiro lugar, então coloque um sorriso no rosto ou eu mesma farei isso.

Papai sorri.

Balanço o tule do vestido de princesa que coloquei para surpreendê-lo. Quero que ele seja tão feliz quanto eu, mas ele não está sorrindo nem batendo palmas como eu. Ele parece... triste. Mamãe disse que eu a animo quando converso com ela, então dou um passo à frente.

— Oi! — digo com um sorriso enorme. — Meu nome é Olivia. Eu tenho sete anos! — Levanto sete dedos. — Você acha que pareço uma princesa? — Aponto para o meu vestido.

O garoto me encara, dando um passo para frente, me fazendo olhá-lo. Ele é como o bombeiro que me tirou da casa em chamas — uma grande torre humana ambulante!

Por que ele não está dizendo oi também? Ele não gostou do meu vestido?

Em vez de falar, ele inclina um pouco a cabeça, me observando.

Meu sorriso desaparece.

— Você não gostou do meu vestido? — Tem brilhos rosa para combinar com as fitas do meu cabelo. Mamãe até me deixou usar um pouco de seu brilho labial para fazer meus lábios brilharem como estrelas cintilantes.

Ele faz algo com as mãos e eu estreito os olhos olhando para mamãe. Ela está conversando com a senhora e meu pai está escrevendo nos papéis. Me viro para o menino e ele faz a mesma coisa com as mãos novamente.

— Foi assustador no avião? Eu sempre choro quando ele vai muito rápido e dispara para o céu! Papai sempre nos obriga a ir em um. Ele é seu pai agora também!

Ele apenas olha para mim, levando a mão até a nuca e bagunçando o cabelo preto encaracolado.

Me volto para meus pais novamente e arfo quando o garoto segura meu pulso, fazendo meus olhos se voltarem para ele. Ele está movendo as mãos novamente e eu pisco.

Confusa, inclino a cabeça como ele fez há um minuto, fazendo meu cabelo castanho cobrir meus olhos.

Ele aponta para as portas giratórias e me oferece a mão. Mamãe e papai ainda estão conversando com a senhora, então deixo ele pegar minha mão e corremos em direção à porta. Talvez ele queira brincar de esconde-esconde? Sou muito boa em encontrar ótimos esconderijos.

Eu rio enquanto meus sapatos de boneca batem no chão e meu cabelo voa loucamente.

Quando eu estava na outra casa, as meninas e os meninos sempre brincavam — os meninos nos perseguiam e, se conseguissem nos pegar, tínhamos que ir para a “cadeia”. Éramos tantos. Eu tinha muitos amigos! Mas então mamãe e papai vieram, me encontraram e me levaram para a casa deles.

É tão grande, e minha mãe disse que eu poderia ganhar um cachorro de aniversário se eu me comportasse. Será meu primeiro aniversário com eles e mal posso esperar para receber meu primeiro presente.

— Onde estamos indo? — pergunto quando ele continua me puxando pelo aeroporto, esquivando-se de todas as pessoas apressadas, muito mais altas que nós. Eu tropeço e grito ao cair para frente, mas o garoto me segura, me colocando de pé novamente.

Corremos de novo e começo a rir de novo. O menino para diante de uma porta e olha ao nosso redor, depois me puxa para dentro. Suspiro e tento sair quando vejo que estamos em um banheiro cheio de meninos.

Me fazer olhar para ele, o garoto faz algo com as mãos novamente e depois aponta para si mesmo. Quando ainda não tenho ideia do que ele está fazendo, ele aponta para a boca e balança a cabeça, depois aponta para a minha boca e acena com a cabeça.

— Você não consegue falar?

Ele balança a cabeça novamente e meus olhos se arregalam.

— Tudo bem. Eu não consegui falar por tanto, tanto tempo! Eu posso te ensinar.

Irritado, ele revira os olhos. *Que rude!*

Ele aponta para mim novamente e depois pressiona a palma da mão no peito, e há algo assustador em seus olhos quando ele se aproxima ainda mais. Quero voltar para nossos pais, mas antes que eu possa perguntar o que ele está fazendo ou gritar bem alto, papai abre a porta e minha mãe me pega nos braços.

— Eu disse para você não causar problemas! — papai grita comigo.

Meus olhos se fecham e espero que ele grite mais um pouco, mas ele não o faz.

— E você! — ele diz ao garoto. — Estou de olho em você, homenzinho. Se aprontar mais, irá para outra casa. Você é Malachi Vize agora, e os Vizes não saem da linha, então se acostume.

Meus lábios se curvam em um sorriso. Eu também sou uma Vize. Não temos medo de nada. Exceto aranhas; elas me assustam.

O menino abaixa a cabeça e gira o punho contra o peito.

— Ele está pedindo desculpas, querida — mamãe sussurra para mim. — Ele se comunica em linguagem de sinais.

— O que é isso? Eu quero fazer também!

Ela ri e beija minha testa.

— Eu vou te ensinar. Vamos ensinar a casa inteira.

— Até as pessoas que trabalham lá em casa?

Ela assente com a cabeça e coloca uma mecha de cabelo atrás da minha orelha.

— Sim. Garantiremos que os chefs, empregadas e seguranças saibam como falar. Malachi ficará confortável em casa. Ele é um de nós agora.

Minha nova mamãe é legal. Ela nunca grita comigo ou me assusta como papai. Ela sempre trança meu cabelo, pinta minhas unhas e canta comigo no carro.

Eu gosto da minha mãe.

No carro, Malachi se senta ao meu lado e me encara durante todo o caminho para casa. É um pouco estranho e está me deixando um pouco nervosa. Mesmo assim, sorrio para ele, mas ele apenas inclina a cabeça, como se estivesse me estudando. Malachi continua olhando para o meu cabelo. Talvez ele goste das minhas fitas?

Quando chegamos ao meu quarto — que agora dividiremos porque nossa mãe acha que será a melhor maneira de “criarmos laços” — ele se senta na cama em frente à minha e me observa enquanto mostro a ele minha nova casa de bonecas. Ele não ri quando faço uma piada, ou quando faço minha Barbie falar com ele. Quando lhe dou uma de minhas bonecas para brincar comigo, ele arranca a cabeça dela e me faz arregalar os olhos.

— Não! — eu grito, arrancando-a dele. — Não pode fazer isso, Malachi!

Ele aponta para mim novamente e coloca a palma da mão no peito.

— O que isso significa? — pergunto, colocando a cabeça da boneca de volta e a escondendo na casa de madeira. — Você pode me ensinar?

Ele sorri e pega uma mecha do meu cabelo, esfregando-a entre os dedos.

— Você quer cheirar? Tem cheiro de morango!

Malachi leva meu cabelo até o nariz e inspira, fechando os olhos. Eu congelo quando ele me puxa para um abraço. Um abraço bem apertado. Ele está segurando minha nuca contra seu peito e cheirando meu cabelo. Eu rio quando ele passa os dedos pelos fios.

Ele se afasta, faz algo com as mãos novamente e eu pego um papel e lhe entrego um pacote de giz de cera.

— Você sabe escrever? Se não, posso te ensinar isso também.

Eu o vejo pegar o giz preto e escrever uma palavra que não faz sentido.

Minha.



CAPÍTULO 2

Olivia

Aos onze anos...

— E quando você pressiona as teclas juntas, saí esse som. — O piano emite sons enquanto minha tutora me mostra como tocar “Parabéns Pra Você”. Ela está me ensinando há duas semanas e perguntei se poderia me mostrar como tocar essa música, para que eu pudesse tocá-la para Malachi.

Ele está fazendo doze anos hoje, mas não quer uma festa, nem um dia em família. Na verdade, ele parece triste. Meus abraços costumam fazê-lo se sentir melhor, ou quando me deito ao lado dele na cama e assistimos filmes, mas ele disse não quando perguntei antes.

Bem, ele disse “não” em linguagem de sinais porque ainda não fala. Mamãe disse que é seletivo — ele opta por não falar, e não o faz desde os cinco anos de idade. Não sei o porquê; meu pai disse que me explicaria quando eu fosse mais velha.

Às vezes, quando estamos deitados na cama ou na barraca que costumamos montar na sala, tento persuadi-lo ou enganá-lo para que ele fale, o que o deixa furioso — ele me ignora por dias quando faço isso. Meus amigos o acham estranho por não falar e riem quando ele sinaliza para mim, mas eu os mando calarem a boca.

Ainda dividimos um quarto. Mamãe queria mudá-lo para um quarto próprio, mas ele implorou que ela o deixasse ficar. Ele tem medo do escuro e às vezes dorme ao meu lado. E não acho que ele gosta muito do papai. Malachi saiu correndo de seu escritório com um olho roxo outro dia.

Levanto os olhos do piano quando Malachi entra. Ele está vestindo um moletom preto, com o capuz levantado, quase cobrindo seu cabelo preto encaracolado. Ele se senta no sofá em frente ao piano e me observa enquanto termino a aula.

Minha tutora sai para falar com mamãe sobre ter que reagendar minha próxima aula, e elas começam uma conversa. Eu as ouço falar sobre o aniversário de Malachi e sobre meu pai que não estará aqui porque ele vai trabalhar até tarde intencionalmente.

Malachi se senta no banquinho ao meu lado.

— *Me ensina?* — ele sinaliza e observa meus dedos enquanto eu toco o que acabei de aprender, e seus olhos brilham quando percebe o que é.

Eu sorrio e dou de ombros.

— Feliz aniversário — digo baixinho. — Era para ser uma surpresa.

— *Obrigado* — sinaliza e depois gesticula novamente para o piano. — *Toque.*

Desta vez, eu estrago tudo, e ele ri silenciosamente de mim quando eu bufo e cruzo os braços; então ele começa a pressionar as teclas à sua frente, em um tom mais agudo, e tento não rir de suas terríveis habilidades no piano.

— Você gostou do presente que eu te dei? Mamãe me ajudou a escolher.

Malachi assente com cabeça e beija minha bochecha, sinalizando um obrigado.

Viro minha bochecha e aponto para a outra. Ele a beija, eu aponto para minha testa e ele beija também. Quando aponto para meu nariz, ele beija meus lábios e eu congelo.

Me afastando, olho para ele com os olhos arregalados.

— Mamãe me disse para não deixar meninos me beijarem! Você é um menino!

— *Eu sou seu irmão, então não tem problema.*

— S3rio?

Ele assente e seus olhos brilham. Malachi me observa por um longo segundo e depois vira o corpo, pressionando as teclas do piano novamente.

Olho por cima do ombro e noto minha m3e parada na porta, parecendo preocupada enquanto segura o bolo de anivers3rio de Malachi; as velas j3 derretendo.

Mais tarde naquela noite, papai chega em casa e arrasta Malachi para fora da cama, e quando tento perguntar o que aconteceu, ele grita e manda eu voltar a dormir.

Quando Malachi volta ao nosso quarto horas depois, ele est3 visivelmente tremendo e me pede desculpas usando as m3os. Eu o abraço e o seguro at3 ele adormecer.



CAPÍTULO 3

Olivia

Aos dezesseis anos...

Escovo meu cabelo diante do espelho, prendo-o em um rabo de cavalo alto para mantê-lo longe do rosto, passo um pouco de rímel e procuro meu brilho labial favorito. Se eu não me apressar, vou me atrasar para o treino de líder de torcida e, como capitã, preciso ser responsável e tentar chegar lá pelo menos vinte minutos antes de todo mundo.

Minha penteadeira treme quando bato a gaveta e solto um suspiro longo e irritado.

— Cadê? — murmuro, procurando novamente nas minhas necessaires de maquiagem. Pego minha mochila escolar do chão e examino o resto do meu quarto.

Eu me abaixo para olhar dentro da minha mochila novamente no momento em que ouço uma batida na porta do meu quarto. Malachi está parado na porta, segurando meu brilho labial.

— Por que você está com isso? — pergunto a ele, franzindo a testa. Então minhas sobrancelhas suavizam. — Eu deixei na cozinha de novo?

Ele assente com a cabeça e entra silenciosamente, fechando a porta atrás de si. Malachi joga meu brilho labial para mim e tira o boné, virando-o para trás

para domar seu cabelo ondulado.

Durante o último ano, Malachi passou de um menino para um homem. Aos dezessete anos, ele parece ter vinte, com um queixo esculpido, cílios longos e olhos azuis brilhantes como diamantes. Ele tem músculos que começaram a ficar visíveis através das roupas e adora correr. Certa vez, ele me sinalizou que isso o ajuda a clarear sua cabeça.

Às vezes, corremos juntos. Ouvimos a mesma música — geralmente Taylor Swift, quando eu escolho, ou Bad Omens, quando ele escolhe — e depois nos sentamos à beira do lago e assistimos ao nascer do sol antes de irmos para casa nos prepararmos para a escola.

Todas as minhas amigas querem beijá-lo. Ele é o quieto e misterioso Malachi Vize que todo mundo quer um pedaço. Fico enojada, principalmente quando elas entram em detalhes no grupo de mensagens sobre coisas que prefiro não ler. Malachi não é popular, ele é o “esquisito quieto”, mas elas dizem coisas pelas suas costas porque ficam com muito medo de dizer qualquer coisa na cara dele.

Malachi se inclina e cheira meu cabelo, como faz todos os dias, depois se senta na minha cama e sinaliza: — *Aonde você está indo?*

— Abigail vai fazer uma festa do pijama. Papai disse que eu podia ir.

Seus olhos escurecem um pouco e sua mandíbula se contrai.

Ele faz muito isso.

— Você vai sair? — eu pergunto, e ele balança a cabeça.

Quando digo “sair”, quero dizer dirigir a moto que mamãe deu a ele em seu aniversário de dezessete anos. Malachi dirige como um lunático e acha que nossos pais não sabem que ele fuma, mas todos nós sentimos o cheiro vindo de seu quarto, do outro lado da mansão.

Mamãe o transferiu para seu próprio quarto depois que ele me beijou na boca na frente deles.

Foi algo inocente. Tínhamos acabado de ganhar um jogo de tabuleiro juntos e estávamos comemorando. Aparentemente do jeito errado.

Observá-los esvaziar o lado dele do quarto foi o pior dia da minha vida — e provavelmente da dele, também. Nunca me senti só desde que mamãe e papai

me adotaram e Malachi sempre esteve aqui, me fazendo companhia, principalmente nas noites de tempestade.

Meus pesadelos voltaram e, às vezes, quando não consigo nem respirar por causa deles, vou até o seu quarto. Malachi nunca me rejeita — ele também sente falta de dividir o quarto comigo.

Costumávamos aproximar as camas e dar as mãos, e ele às vezes ficava sentado na beirada da minha cama até eu adormecer. Ele é um irmão tão protetor, sempre se certificando de que estou bem. Mesmo anos depois, ainda odeio que ele esteja do outro lado da casa.

— *Fique* — ele sinaliza. — *Assista a um filme comigo.*

— Eu já disse que iria. Podemos assistir a um filme amanhã à noite — digo, passando o gloss nos lábios e franzindo-os no espelho da penteadeira. Faço beicinho para ele em meu reflexo. — Ah, meu irmão vai sentir minha falta?

Ele se levanta da minha cama e eu suspiro quando ele agarra meu cabelo e puxa minha cabeça para trás. Segurando meu rosto com a outra mão, ele espalha o brilho labial na minha boca com o polegar.

Malachi puxa meu lábio inferior para baixo e o observa voltar ao lugar. Ele parece... hipnotizado?

E, por alguma razão, também fico presa em um transe quando ele agarra meu queixo, puxando meu cabelo com força suficiente para que eu sibile, mas não luto contra e nem digo para ele parar. Uma parte de mim quer que ele puxe com mais força — eu quero que ele... faça alguma coisa.

O que está acontecendo?

Ele me solta e se afasta, seu peito subindo e descendo como se estivesse tentando se controlar. Malachi olha para seu polegar, brilhando com o brilho dos meus lábios, e depois para meu cabelo agora bagunçado.

Minha respiração está pesada enquanto limpo a boca e meu coração dispara no peito, confusa sobre como me sinto e por que estou tão corada.

A cadeira em que estou é colocada na frente da minha penteadeira, Malachi pega minha escova, tira o elástico e começa a passar a escova pelo meu cabelo como se nada tivesse acontecido.



Três dias depois, mamãe está cortando legumes quando entro na cozinha, o rádio tocando baixinho enquanto ela cantarola a música. Papai está no trabalho, como sempre. Se ele não está com o nariz enfiado em alguma papelada, está em uma ligação ou no tribunal, representando algum maluco que está tentando não pegar prisão perpétua por assassinar seis pessoas em uma noite.

Os Vizes são famosos por casos que costumam se espalhar em canais de notícias e mídias sociais de todo o mundo. Papai é advogado de defesa criminal e minha mãe é juíza. No entanto, desde que eles adotaram Malachi e eu, ela trabalha cada vez menos e pinta em sua sala de arte enquanto estamos na escola.

Não me lembro muito da minha vida antes de vir para cá, mas me lembro de como meu corpo se sentia quando passava dias sem comer; quando minha mãe biológica, viciada em drogas, deixava homens entrar e sair de casa; a maneira como meu irmãozinho parou de chorar para sempre. Ele ficou deitado em seu berço por dias antes do serviço social aparecer e encontrar seu corpo em decomposição embalado em meus braços.

Pedindo desculpas repetidas vezes por não o salvar, fui levada às pressas para o pronto-socorro e, uma semana depois, os Vizes se apresentaram e disseram que garantiriam que eu nunca mais sentiria a sensação de passar fome novamente.

Eles mantiveram sua palavra.

Embora eu tenha medo do meu pai, eu o amo. Ele é severo com Malachi e fala muito palavrão, mas percebo que está tentando ser mais calmo e melhor. Ele não consome mais álcool e se mantém ocupado. Não posso dizer que Malachi receba dele o mesmo tratamento que eu. A única razão pela qual meu irmão ainda está sob este teto é porque mamãe e eu o amamos, e ele faz parte da nossa família.

O dito irmão entra na cozinha atrás de mim, seu ombro roçando o meu, depois bagunça o cabelo enquanto olha para a geladeira e pega um suco de laranja. Seus olhos deslizam para mamãe e depois para mim, e algo brilha em seus olhos.

Fui à casa de uma amiga na outra noite, mas escapei quando todos adormeceram e, em vez de subir pela minha janela, subi direto na de Malachi.

Mas isso é uma coisa normal que irmãos fazem, certo?



CAPÍTULO 4

Olivia
Aos dezoito anos...

— Acho que te odeio.

Malachi parece ofendido quando saímos da loja onde ele acabou de comprar um aracnídeo. A caixa furada está sendo abraçada contra seu peito enquanto destranco meu carro e faço uma careta quando ele coloca a caixa de papelão no banco de trás.

Ela treme um pouco e eu balanço a cabeça.

— Eu definitivamente te odeio. Se você devolver, não revogarei seu cartão de irmão mais velho.

— *Pare de ter medo.*

— Não. Vai se foder. Por que, de todos os bichinhos fofos que têm por aí, você comprou uma tarântula? Quando você me disse que queria um animal de estimação, pensei que se referia a um gatinho ou a um maldito cachorro!

Meu irmão estreita os olhos para mim e eu reviro os meus enquanto ligo o motor para voltar para casa. Nossos pais ainda estarão fora — eles têm uma reunião sobre um novo filho adotivo que poderá morar conosco em breve.

Espero que não seja outro irmão — adoro Malachi, mas às vezes ele dá muito trabalho, principalmente com sua possessividade. Ficou mais evidente quando eu tinha dezesseis anos e saía para dormir na casa de amigas, para ter dias das meninas ou até mesmo para ir à academia. Todas as vezes, sem falta, ele explodia meu celular com mensagens, porque obviamente ele não conseguia ligar, pois ainda não fala.

Uma vez, quando Abbi e eu ficamos bêbadas na casa dos pais dela e eu liguei para ele, pronunciei as palavras arrastadas e enviei minha localização antes de perder meu celular, e ele me procurou em sua moto por horas.

Quando foi forçado a desistir e voltar para casa, me encontrou dormindo em sua cama. Acordei de manhã com a cabeça apoiada no peito dele — terrivelmente emaranhada em seu corpo — e o diabinho no meu ombro me disse para ficar, mas eu sabia que era errado, então saí de fininho e fui para o meu próprio quarto.

Imagine mais um dele em casa? Eu ficaria louca. Eu o amo, de verdade, mas às vezes tenho pensamentos estranhos sobre Malachi. Quando meus dedos deslizam entre minhas coxas ou quando estou beijando outra pessoa, é vergonhoso quantas vezes o rosto dele surge em minha mente quando alcanço meu orgasmo.

Então, em seguida, eu tenho que me sentar para tomar café da manhã, almoçar ou jantar com ele e com nossos pais e fingir que não acabei de gozar apenas de pensar em meu irmão.

— Preciso abastecer — digo quando percebo que o tanque está quase vazio. Entro no posto de gasolina mais próximo enquanto olho para a caixa por cima do ombro e me pergunto se ele notará se eu acidentalmente a deixar no teto do carro de outra pessoa.

Aranhas me dão arrepios. As pequenas que correm pelo chão do quarto, que ficam penduradas no teto ou param casualmente em cima de seu rosto enquanto você dorme já são ruins o suficiente, mas a coisa peluda naquela caixa não é apenas uma pequena aranha; é vermelha, preta e peluda e parece que vai me devorar.

A chuva cai, formando poças no chão enquanto eu luto com a manivela e a tampa do tanque; Malachi acaba abrindo-a para mim e se senta no capô

enquanto eu abasteço o tanque. Com os braços cruzados, ele olha para mim e eu estreito os olhos.

— O que foi?

— *Você não está com o brilho labial.*

Esfrego os lábios; eles estão manchados de vermelho por causa do batom que comprei há alguns dias.

— Eu prefiro este.

— *Eu não. Você parece uma prostituta.*

Dou um tapa em seu braço e ele ri silenciosamente.

— Mamãe quer que eu encontre um namorado porque aparentemente preciso de um homem para cuidar de mim. — Reviro os olhos. — Ela disse que eles vão tentar me juntar com aquele esquisito do Parker.

Os olhos de Malachi escurecem e sua mandíbula enrijece.

— *Você tem apenas dezoito anos.*

Eu ri.

— Diga isso a ela! — Virando a tampa do tanque, dou um tapinha em seu ombro. — Considere-se sortudo, papai acha que os homens são poderosos, ou você também seria forçado a se casar jovem.

Ele agarra meu pulso antes que eu possa me afastar e o deixa cair para sinalizar uma resposta.

— *Não, você não vai se casar.*

Eu suspiro.

— Sugiro que você não brigue com nossos pais sobre isso. A tradição deles é que eu devo ser pura e inocente até me casar, e você pode fazer o que quiser. Só aproveite sua liberdade.

Antes que ele possa responder — provavelmente algo bravo, dada a expressão em seus olhos — eu me viro, impedindo sua comunicação, e entro na loja de conveniência para pagar e pegar comida.

Enquanto espero na fila, um tapinha em meu ombro me faz pular e me virar, deixando cair meus sacos de batatas chips no chão. Nós dois nos ajoelhamos para pegá-los, e minha mão pousa na dele. Meus olhos se levantam

e encontro Adam, o garoto com quem eu costumava me sentar na aula de cálculo, sorrindo para mim.

Não o vejo há meses. Ele abandonou a escola e desapareceu, o que foi uma surpresa, já que era um dos melhores atletas, é inteligente e — ousar dizer — bonito?

Uma voz no fundo da minha cabeça grita para eu pegar as batatas e ir embora, mas acabamos conversando por quase dez minutos enquanto o caixa espera, juntando-se a nós quando comentamos como o tempo está terrível em junho, até a campainha tilintar acima da porta e Malachi entrar.

Seus olhos estão fixos no homem com quem estou conversando e ele parece bravo. *Não*. Furioso.

— Ah, desculpe, eu estava conversando com...

Ele bate a cabeça de Adam na parede com força suficiente para que eu estremeça com o som estridente. Uma, duas, três vezes, e o sangue espirra enquanto Adam fica mole no chão. Meus olhos estão arregalados, nenhum som sai dos meus lábios entreabertos enquanto o caixa corre para chamar a polícia.

As narinas de Malachi estão dilatadas e ele se vira para mim, agarra meu queixo e sinaliza: — *Não*.

— Eu não fiz nada. — Respiro fundo. — Por que... por que você fez isso? — Meu olhar cai para Adam desmaiado, com sangue escorrendo de um corte na cabeça, e olho para cima. — Malachi...

Ele balança a cabeça baixando seu olhar furioso para Adam despertando e tentando se levantar do chão, agarra meu pulso e me puxa para fora da loja de conveniência do posto.

Ele me joga no carro e bate a porta. Permaneço congelada, mal piscando enquanto Malachi se senta atrás do volante. Ele está sinalizando algo para mim, mas não estou olhando, meu coração dispara enquanto ele bufa e sai disparado do posto de gasolina.

Malachi está nos levando para casa, e eu fico sentada em silêncio, ocasionalmente olhando para sua mão direita, a que ele usou para atacar Adam. Tremendo, ele agarra o volante, e eu engulo em seco ao ver as veias salientes em seus braços, sentindo uma sensação entre minhas pernas que definitivamente não deveria estar ali.

Eu não deveria ficar excitada ao vê-lo atacar alguém. Sua violência deveria ser punida. Eu deveria estar gritando com ele; mas, em vez disso, estou o imaginando me segurando e...

— Por que você fez isso? — pergunto, tentando manter meu tom calmo e controlado. Mas eu falho.

Por que minha voz soa tão ofegante e necessitada?

Por que minha calcinha está encharcada?

Doente. Doente, doente, doente. E vergonhoso.

Malachi me ignora e dirige mais rápido.

— Era um amigo da escola. Ele esbarrou em mim acidentalmente e estávamos apenas conversando. Ele não estava sendo um idiota nem nada.

— *Cale a boca* — ele sinaliza.

Eu faço uma careta, cruzando os braços.

— Os policiais vão atrás de você, papai vai ficar muito bravo, e mamãe vai brigar com ele. Apenas me deixe na casa da Abbi.

— *Não.*

— Malachi. Me deixe na casa de Abbi ou eu vou gritar.

Ele olha para mim, pisa no acelerador e sinaliza: — *Grite, então.*

Balanço a cabeça e olho pela janela. Ele não me leva para a casa da minha amiga, e sim para a nossa casa. Assim que entra na garagem, abro a porta e corro para o meu quarto.

Mamãe e papai chegam em casa na mesma hora que a polícia, informando que Adam não quer prestar queixas. O tempo todo Malachi permanece inabalável, relaxado em uma cadeira com as pernas abertas, os olhos colados em um ponto na parede enquanto ignora todo mundo.

Ele recebe um aviso — para se comportar e possivelmente procurar ajuda.

Os olhos da nossa mãe estão úmidos e ela fica olhando para Malachi como se ele fosse defender suas ações, mas ele acende o isqueiro e a ignora.

— Qual seu problema? — papai grita com ele. — Você tem sorte de ele não querer prestar queixa, ou você deixaria nossa família com uma imagem terrível!

Mamãe se senta.

— A família de Adam disse que retiraria as acusações sob certas condições.

— Que condições? — pergunto, e ela me oferece um sorriso caloroso.

— Uma condição. Prometemos Olivia a Adam.

As mãos de Malachi se fecham e os olhos de papai se arregalam.

— Achei que o acordo era com Parker.

Mamãe dá de ombros.

— É sempre bom ter mais de uma opção, Jamieson.

— E quantas opções você planeja dar à nossa filha, Jennifer?

Quando eles usam os nomes nesses tons, as coisas geralmente explodem em seguida. Engolindo em seco, baixo o olhar para o meu colo, o constrangimento percorrendo meu corpo enquanto eles discutem.

Há um chute na minha canela e levanto meu olhar lacrimejante para encontrar Malachi olhando para mim. Suas sobrancelhas estão franzidas e, enquanto nossos pais discutem, ele sinaliza: — *Vou matar qualquer um que tocar em você.*

Eu acredito nele.

Mas isso tudo é culpa dele.

A gritaria continua, mas Malachi não se importa. Ele nem sequer estremece quando papai derruba a mesa, frustrado. Mamãe começa a gritar com ele e, à medida que as coisas se transformam em uma competição sobre quem consegue levantar mais a voz, Malachi faz um gesto para a porta e nós dois saímos.

— Obrigada — respondo, me afastando de sua mão nas minhas costas, me conduzindo até a grande escadaria. — Por sua causa, mamãe vai me forçar a sair com ele também. Espero que você esteja orgulhoso de si mesmo, irmão. — Eu me afasto dele, indo para a esquerda em direção ao meu quarto.



— Você está acordada, querida?

Pauso o que está passando na TV e me sento.

— Sim. Entre.

Minha mãe abre a porta e a fecha silenciosamente atrás de si, com os olhos inchados. Ela e meu pai realmente travaram uma guerra mais cedo, e é óbvio que ela tinha acabado de parar de chorar.

— Você está bem? — pergunto. — Vocês discutiram por horas.

— Seu pai não gostou da minha sugestão de que você saísse com aquele garoto, mas essa era a condição dos pais de Adam para não prestar queixa contra Malachi.

Eu pressiono meus lábios.

— Então, para impedir que ele seja acusado, preciso ir a um encontro. Isso é chantagem e, honestamente, me enoja que você tenha concordado com isso.

— Se você não for, Malachi terá muitos problemas.

Quando eu olho fixamente para ela, acrescenta: — Você sabe por que seu irmão fez aquilo hoje?

— Não. Eu só estava conversando com Adam, mas ele não quer me dizer por que fez aquilo — respondo balançando a cabeça. Ela suspira e se senta na beira da minha cama, passando as mãos pelo cabelo loiro dourado e grosso, e sem nenhum fio grisalho, apesar do cabelo do meu pai ser extremamente branco.

— Ele não vai falar conosco. Ele nunca falou conosco, mesmo quando chorei e implorei para que se abrisse comigo, Malachi só me encarou. Mas ele conversa com você.

Dou de ombros.

— É, somos próximos assim — Desculpe perguntar isso, mas você pode me dizer a verdade, querida. Ele alguma vez já...machucou você?

Meus olhos se arregalam e eu me sento mais ereta.

— O quê? Não! Por que ele faria isso?

— Malachi não é como nós, Olivia. Não sei por que pensamos que conseguiríamos lidar com alguém como ele. Tão perturbado e tão... não sei. As tendências controladoras e possessivas dele com você são perigosas. Até quando seu pai beija sua testa, Malachi olha para ele como se fosse cortar a garganta dele. Ele não faz terapia e não toma medicamentos, e eu temo que precise muito de ambos.

— Por que ele precisaria?

Ela morde o lábio e os pressiona.

— Malachi tem... problemas. Além de todo o trauma de sua vida antes de vir para cá que desencadeou seu mutismo, ele não é mentalmente normal. Você já ouviu falar de transtorno de personalidade antissocial?

— Claro, mas Malachi não é um psicopata nem nada do tipo. Ele é apenas quieto e tem um temperamento forte.

Mamãe balança a cabeça.

— Ele foi diagnosticado aos quinze anos, querida. E... seu pai e eu achamos que talvez devêssemos pedir a ele que saia de casa agora que já tem dezenove anos e já está na idade de se sustentar.

Cerro meus dentes enquanto jogo meu edredom para longe.

— Não — forço as palavras para saírem. — Se ele for, eu vou.

— Não seja burra, Olivia. Por que você faria isso? Malachi precisa de espaço e de nenhuma restrição, e se estiver morando sob nosso teto, ele precisa obedecer às nossas regras. Seu pai não consegue nem estar no mesmo ambiente que ele sem se sentir desconfortável. Você não pode ir embora, você tem... laços com a nossa família. Você é uma Vize.

— Eu prometo a você, mãe, se Malachi for, eu irei com ele.

— Muito bem. — Seus ombros se curvam e ela olha para o chão por um longo minuto. — Se ele errar mais uma vez, não me importa quais serão as repercussões. Malachi será avisado para sair. Nós o criamos, lhe demos roupas e o alimentamos. Já fizemos o nosso trabalho. Ele já cresceu e não vai mais envergonhar esta família.

— É assim que você pensa sobre mim também? Você já fez seu trabalho ao me criar, e agora não precisa mais agir como minha mãe? Você vai me vender para que eu me case com o filho de outra pessoa e garantir mais dinheiro para vocês?

— Deus, claro que não, Olivia. Você é minha filha e sempre será. Não tenho medo de você e não me sinto desconfortável em trazer novos filhos adotivos com você aqui. Mas Malachi? Ele agrediu gravemente alguém só por falar com você. O que acontecerá se um novo filho quiser ser seu amigo?

Lágrimas quentes escorrem pelo meu rosto.

— Malachi é seu filho.

— Ele é, e eu o amo; todos nós amamos, mas ele é perigoso, desequilibrado e imprevisível. Ele não consegue sentir remorso, empatia, arrependimento nem mesmo amar alguém da maneira adequada. Ele é uma arma.

— Saia! — eu grito. — Saia e nunca mais fale assim do seu filho.

— Estou apenas cuidando de nós, querida. Se você puder conversar com Malachi sobre medicação e terapia, poderemos ajudá-lo a não acabar na prisão, ou, até pior, morto por brigar com a pessoa errada. Ele nem sequer considerou as câmeras ou testemunhas quando bateu a cabeça daquele pobre garoto na parede.

Ela tenta colocar a mão na minha e eu me afasto.

— Eu estava conversando com a mãe de Adam ao telefone. Ele está disposto a jantar com você neste final de semana. Posso remarcar seu encontro com Parker para o final de semana seguinte.

Cerro meus dentes.

— Uau, que querido da parte dele.

— Podemos ir comprar vestidos amanhã. Escolher algo bonito e que te valorize.

Não a dignifico com uma resposta e, quando ela sai do quarto, abraço os joelhos contra o peito, ouvindo suas palavras repetidas vezes em minha mente. Parte do que ela disse é verdade: Malachi é um pouco... descontrolado às vezes, mas ele não é esse monstro que ela o faz ser.

Pegando meu laptop, procuro “transtorno de personalidade antissocial”, verifico fóruns e relatórios médicos, e quanto mais leio, mais percebo que apesar de tudo que sinto por Malachi — ao me preocupar com ele, querer passar tempo com ele e sentir frio na barriga quando dormimos na mesma cama — ele talvez não sinta o mesmo por mim.

Mas então eu me bato interiormente. Ele é meu irmão, óbvio que não vai sentir a mesma coisa que eu. Ele é possessivo comigo porque sou irmã dele, não porque ele quer me foder.

Como ele vê a vida? Se ele não consegue sentir certas emoções, então como é viver no lugar dele? Malachi se importa em viver?

Não importa o que as características e médicos digam sobre o diagnóstico de Malachi, seja ele um psicopata, um sociopata ou qualquer outra coisa, ele é meu irmão mais velho e nunca me afastarei dele.

Horas depois, quando todos já estão dormindo, saio pela janela e me equilibro no parapeito do lado dele da mansão. Quando fiz isso pela primeira vez, anos atrás, fiquei com medo da queda. Alturas e eu não nos misturamos, mas me acostumei com esse percurso.

Ele nunca tranca a varanda, então deslizo pela porta e entro.

“Archangel” de MEJKO toca em seu alto-falante, baixo o suficiente para que ninguém mais na casa consiga ouvir. O barulho do metal, as rajadas de ar que ele exala cada vez que levanta a barra acima da cabeça enquanto está deitado no banco de musculação e o suor brilhante por todo o peito e rosto me causa arrepios, e eu fico em silêncio o observando, assim como ele faz quando me vê treinando no quintal.

Malachi coloca a barra de volta no banco e se senta, ofegante e suando silenciosamente e esfregando a toalha no rosto encharcado. Ele está usando apenas shorts e seu abdômen está à mostra, brilhando de suor quando ele se levanta, joga a toalha no chão e passa os dedos pelo cabelo já desgrenhado.

Ele olha para o lado, seus olhos encontrando os meus, e eu mexo minhas mãos inquietamente nas costas.

— Oi. Eu não consegui dormir.

Ele vem em minha direção, seu peito subindo e descendo enquanto diminui a distância entre nós, para na minha frente e pega uma das minhas tranças. Ele tira o elástico de cabelo e desembaraça meus fios, esfregando as mechas entre os dedos e levando-as até o nariz, inspirando e fechando os olhos.

A normalidade entre nós já não existe há um tempo, porque gosto quando ele faz isso. Isso o acalma e, por algum motivo, me acalma saber disso. Tentei trocar meu shampoo com aroma de morango uma vez, e ele jogou meu novo no lixo e encheu meu banheiro com aquele que ele ama.

— Por que você fez aquilo hoje? — sussurro, minha voz vacilando enquanto olho para ele através dos meus cílios. Aquela altura imponente, misturada com

seus músculos e covinhas... odeio o fato de ele ser meu irmão. Por que ele não podia ser apenas irmão de um amigo meu ou alguém que conheci por acaso?

Estou começando a achar que posso ter uma queda por Malachi — a terra precisa me devorar e me cuspir no espaço, por que, honestamente, que merda é essa?

Seu silêncio é ensurdecador e sua respiração começa a se acalmar depois de seu treino vigoroso.

— Mamãe me disse para falar com você sobre uma coisa. — Ele inclina a cabeça levemente, solta meu cabelo e se afasta. — Ela acha que você precisa de ajuda. Um terapeuta e medicamentos.

Malachi lambe o suor salgado dos lábios e pega uma toalha limpa, jogando-a por cima do ombro. Ele vira as costas para mim e meus olhos se concentram em sua extensão. Ele tem costas bonitas, uma tatuagem nas costelas que sobe pelas costas e pelos ombros.

Ainda está fresca — fui com ele fazer há alguns dias e li um livro por quase seis horas enquanto ele mantinha os olhos em mim. Perguntei se doía, mas ele negou com a cabeça.

Prefiro enfiar alfinetes nos olhos do que fazer uma tatuagem. Quem quer ser perfurado com agulhas repetidas vezes? Não, obrigada.

Ele me disse naquela noite, enquanto assistíamos a um filme, que iria conseguir uma máquina de tatuagem e escrever seu nome na minha coxa, depois a agarrou e me fez gritar enquanto me fazia cócegas. Acabei frustrada e apertando minhas coxas enquanto assistíamos a um filme.

Comportamento totalmente normal entre irmãos.

Eu quero aquele Malachi brincalhão, não esse que se afasta de mim e entra no banheiro para ligar o chuveiro. Ele volta, inclinando-se sobre o tanque de vidro para verificar sua tarântula.

Ele levanto o olhar.

— *Venha aqui.*

Hesitante, avanço, ficando ao lado dele enquanto observo a fera de oito patas correr para uma toca. Mas então Malachi se abaixa para pegá-la,

deixando-a rastejar até sua palma. Tento dar um passo para trás, mas ele agarra meu pulso para me manter no lugar.

A escuridão dentro de seus olhos me mantém no lugar, e meu corpo treme enquanto ele manipula minha palma para deixá-la virada para cima.

A aranha permanece nas costas da sua mão enquanto ele sinaliza para mim.

— *Você vai sair com aquele idiota?*

Eu mordo meu lábio.

— Eu preciso. Mamãe marcou um jantar para o final de semana.

Suas narinas se dilatam.

— *E o outro cara?*

Minha bufada é mais alta do que pretendia.

— Você já sabe que preciso. Aparentemente é o que as mulheres Vize fazem. Não posso dizer não.

Sua mandíbula treme e eu grito quando ele agarra meu pulso.

— Por favor, não — imploro, mal conseguindo ficar imóvel enquanto a aranha rasteja pelo seu braço, sobe pelo seu antebraço e se acomoda em sua palma. — Por favor, por favor, por favor, não.

Malachi tenta colocar aquela coisa horrível na minha palma. Eu me afasto bem a tempo e ela cai no chão. O grito que solto quando ela corre até meus pés vibra em meus ouvidos enquanto corro para o outro lado do quarto, me jogando em sua cama.

Ainda estou gritando quando Malachi sobe em cima de mim e cobre minha boca com a mão, os dedos cavando minha bochecha. Ele leva o dedo aos lábios, me dizendo para ficar em silêncio, mas tudo que consigo focar é em seu corpo sobre o meu e a dureza pressionada contra a parte interna da minha coxa.

Ele está...duro. Excitado.

Seu pau está duro e está pressionando contra mim. Eu. Sua irmã.

Engulo em seco, ficando tensa em todos os lugares possíveis para me impedir de me mover e sem respirar enquanto o sinto se contorcer. Sua mandíbula está cerrada com mais firmeza, seus olhos semicerrados enquanto ele olha para mim.

Tento dizer algo contra sua palma, mas apenas um gemido abafado sai de mim.

Ele está ficando mais duro?

Ah, Deus.

Não querendo apontar o óbvio, porque ele pode nem querer ficar duro, ou sentir o calor entre nós aumentando, ou a energia no quarto se alterando à medida que minha própria excitação cobre minha calcinha — e porque minha boca está coberta — eu levanto minhas mãos para sinalizar: — *Eu não vou gritar.*

Ele se contorce novamente e, antes de sair de cima de mim, pressiona seu corpo para baixo, de modo que seu pau deslize contra meu clitóris e eu mordo minha bochecha para suprimir um gemido.

Doente, eu sou uma doente. Ele não tem a intenção de fazer isso, mas aqui estou eu, com tesão e querendo que meu irmão pressione seu pau entre minhas pernas novamente. A sensação... ele é bem-dotado, isso é fato.

Me sento para dizer que dormirei no meu próprio quarto se ele quiser, mas minhas palavras se perdem quando vejo o contorno grosso e tenso de seu pênis através do short. Malachi nem está tentando esconder, sua música ainda toca ao fundo e sua tarântula está rastejando do braço até o ombro.

Levanto meus olhos para seu rosto e acho que ele me pegou olhando para seu pau. Ele acabou de pegar sua irmã mais nova salivando por causa de seu tamanho. Teria como esta noite ficar pior?

Ele inclina a cabeça, fechando as mãos ao lado do corpo antes de levantá-las.

— *Deite-se. Volto em um minuto.*

Ele aponta para o meu lado da cama e se vira, colocando a aranha de volta no tanque e indo para o chuveiro.

Minha pele formiga, sinto um frio na barriga insano e minhas coxas se esfregam enquanto me acomodo debaixo das cobertas e aguardo. A coberta está com o cheiro dele, e do jeito que estou, só me deixa pior. Deslizo minha mão entre minhas pernas, deixando escapar um gemido suave enquanto toco minha umidade. Com os olhos grudados na porta do banheiro, onde ele está nu e

molhado, imagino-o novamente em mim enquanto enfio dois dedos dentro de mim.

A maçaneta da porta balança e eu afasto meus dedos, precisando continuar, mas paro quando ele sai do banheiro com um short novo, esfregando o cabelo preto ondulado com uma toalha antes de colocá-la no cesto de roupa suja.

Ele se deita na cama ao meu lado, pega o controle remoto e liga a TV. Seu joelho bate no meu, e ele não o afasta enquanto sua coxa pressiona a minha. Me pergunto se ele sabe que meus dedos ainda estão molhados, ou que minha boceta não está em volta de nada e precisa de algo.

Ele.

Eu quero me dar um tapa.

— Me prometa que não vai bater em mais ninguém.

— *Não* — Malachi sinaliza.

Cruzando os braços, me afasto dele, mas grito quando ele agarra meu joelho e me puxa para perto de novo.

— *Pare de agir igual uma pirralha.*

— Cada vez que você bate em alguém, mamãe provavelmente vai tentar marcar um encontro para mim. Ela está desesperada para que eu me case jovem porque ela também se casou jovem.

Sua cabeça se volta para mim.

— *Quantos encontros ela marcou?*

— Já fui em quatro até agora. Faltam dois. Oba.

Ele se endireita.

— *Até agora? Você já foi em encontros?*

Revirando os olhos, eu bufo.

— Eu tenho dezoito anos.

— *E? Você transou com eles?*

Eu suspiro.

— Não vou falar sobre essas coisas com você!

Ele tenta sinalizar algo, mas eu agarro sua mão, entrelaçando nossos dedos.

— Assista ao filme, Malachi, ou vou voltar para o meu quarto.

De alguma forma, adormeço, acordando algumas horas depois e encontrando Malachi grudado nas minhas costas. Seus braços fortes me envolvem enquanto sua respiração suave sopra em meu pescoço, fazendo com que aquelas sensações proibidas retornem entre minhas pernas.

Não consigo voltar a dormir, especialmente porque seu pau está duro como granito e pressionado contra minha bunda. Seus braços me apertam enquanto finjo me mexer e esfrego minha bunda contra ele.

Então eu paro, congelando no lugar com os olhos arregalados — eu acabei de... esfregar minha bunda contra o pau do meu irmão adormecido?

Malachi se mexe e sua mão cai até a parte interna da minha coxa, agarrando-a, e eu reprimo um gemido quando seus dedos cavam minha pele. Quero deslizar sua mão para cima, pressionar seus dedos grossos no meu clitóris, sentir seu toque — *estou louca?*

Olho por cima do ombro e fico rígida quando vejo que seus olhos estão abertos, vidrados em mim.

— Eu acordei você? — pergunto, tentando ignorar sua mão, seu pau ou o fato de eu ter acabado de mexer minha bunda de novo.

Ele balança a cabeça.

— Você está bem?

Eu não deveria mencionar o fato de que ele está duro. Dormimos na mesma cama desde que éramos crianças e acho que isso nunca aconteceu. Claro, ele tinha ereções matinais de vez em quando, e uma vez acordei com a mão em sua protuberância — nunca afastei minha mão de algo tão rápido quanto naquela manhã. Mas agora estamos ambos acordados e nenhum de nós está saindo de nossas posições atuais.

Ainda estou olhando por cima do ombro com minha respiração fraca quando ele aperta ainda mais a parte interna da minha coxa, me puxando com mais firmeza contra si, fazendo com que seu pênis pressione com mais força entre minhas pernas e eu as separo um pouco. A cabeça do seu pênis está tão perto do meu clitóris... Ficar tão excitada com isso é uma loucura. Talvez seja eu quem precise consultar um terapeuta?

Ele solta a parte interna da minha coxa e seus dedos torcem a blusa do meu pijama, fazendo um botão abrir.

De repente, ele me solta e vira de costas, com o braço ainda debaixo de mim. Malachi esfrega a palma da mão no rosto, olhando para mim novamente antes de fechar os olhos.

Eu me viro para encará-lo, pressionado ao seu lado, e ele não me afasta. Quando coloco minha perna em cima de sua coxa, ele a mantém lá.

Usar shorts curtos foi uma má ideia — ou talvez boa. Pele com pele faz fogos de artifício estourarem enquanto minhas terminações nervosas chamam e me forçam a ter que lutar para manter a respiração estável. Malachi parece estar pensando, com as sobrancelhas arqueadas e os lábios entreabertos enquanto passa a ponta da língua pelo lábio inferior antes de capturá-lo com os dentes.

Então ele solta minha perna e pega minha mão, sem olhar para mim enquanto me puxa ainda mais para perto, e meus olhos se arregalam quando ele coloca minha mão em seu pau por cima de seu short.

— Malachi... — hesito, mesmo quando meus dedos se curvam em torno de sua espessura.

Ele não responde, nem mesmo olha para mim, mas seu pau pulsa, e quando digo seu nome novamente, precisando que ele olhe para mim, que fale comigo para confirmar o que está acontecendo; ele fica mais duro e pressiona com mais força a minha mão.

Tento afastá-lo, mas seus olhos se abrem e ele me impede.

— Eu sou sua irmã — argumento. — Nós... Não, Malachi. — Querer fazer algo e realmente fazer são duas coisas diferentes.

Ele fecha os olhos e levanta um pouco os quadris, fazendo nossas mãos esfregarem contra ele enquanto passa meus dedos em torno dele novamente e volta a mover os quadris.

— Somos irmãos — insisto, mas ele não está ouvindo enquanto arrasta minha mão até sua cintura, pressionando-a nos músculos tensos de seu abdômen, no calor de sua pele, antes de deslizar nossas mãos para baixo novamente.

Por mais que eu queira tocá-lo, agradá-lo, lembro a mim mesma que é proibido e que o mundo nunca permitiria que algo assim acontecesse. Sou doente e, se fizermos isso, o tornaria doente também.

Eu me afasto antes de alcançar o calor de sua pele macia.

— Não podemos — digo com firmeza. — Você sabe que é errado.

— *É só você não esfregar sua bunda no meu pau.*

Minha boca se abre em choque e não consigo falar por um longo minuto, mesmo quando ele fecha os olhos, cruza o braço para apoiar a cabeça na mão e enfia a outra na frente do short. Ainda consigo ver o contorno dele e fico com água na boca.

Malachi inclina a cabeça e sou pega olhando para seu pau novamente.

Eu umedeço meus lábios e me deito.

— Você me vê como uma irmã?

Sem olhar para mim, ele levanta a mão livre e sinaliza uma última coisa antes de adormecer.

— *Você é minha.*



CAPÍTULO 5

Olivia

O carinho na cama muda depois daquela noite.

A maneira como ele olha para mim ainda é a mesma, mas há algo a mais ali agora — como uma profunda necessidade ou fome. Ou talvez só seja repulsa pelo que quase fizemos? Não sei se Malachi está bravo ou confuso com o que aconteceu, ou talvez arrependido de suas ações.

Quero dizer, ele tentou colocar a mão da irmã no short dele. Mas, de novo, fui eu que me esfreguei contra ele.

Eu me bato interiormente ao pensar naquela noite, dois meses atrás.

Ainda ficamos juntos o tempo todo, eu ainda me recuso a chegar perto de sua tarântula peluda, e quando adormecemos na minha cama ou na dele, os abraços são mais quentes, nossas pernas ficam bem emaranhadas e sempre durmo melhor quando estou com ele.

Nós dois sabemos que é errado. Nossos pais ficariam mortificados se soubessem que somos tão próximos assim.

Malachi também sabe disso. Certa manhã, mamãe bateu na minha porta, e ele teve que rolar para fora da cama e se esconder embaixo dela enquanto ela falava comigo novamente sobre tentar levá-lo para a terapia — como se

estivéssemos conspirando contra ele. E então me agradeceu por ter saído com Adam e Parker e perguntou para qual deles eu me sentia mais adequada.

Eu poderia ter batido nela quando ela disse que me viu os beijando.

Malachi não falou comigo por quase duas semanas depois disso, e foi horrível, solitário e chato.

Depois fui para uma festa do pijama na casa de Abbi e acordei no meio da noite com Malachi subindo pela janela dela. Ele colocou a mão na minha boca e me fez sair com ele. Acabamos na minha cama e ele adormeceu, mas fiquei acordada por horas, com uma vontade de tocá-lo mais intensa do que nunca — forte e pulsante bem entre as minhas pernas enquanto ele roncava levemente no meu ouvido.

Tendo apenas eu como testemunha, beijei sua bochecha enquanto ele dormia, entrelacei nossos dedos e, quando deixei a curiosidade vencer, deixei minha mão deslizar gentilmente pelo seu peito e descer pelo seu abdômen definido para que eu pudesse mergulhar meus dedos em seu short.

Eu não toquei nele, não exatamente. Passei meus dedos sobre a pele macia, senti Malachi se contorcer enquanto envolvia meus dedos em torno de sua cintura, e me afastei quando ele se mexeu. Mas eu queria tocá-lo mais. Eu queria poder tocá-lo e não me preocupar com as consequências.

Isso é ruim? Que eu toquei no meu irmão enquanto ele dormia? Será que estou ficando louca e me agarrando muito a ele?

Meu celular vibra e solto um suspiro quando vejo quem é.

Parker:

Para onde você vai viajar? Acha que consegue fugir por algumas horas?

Eu:

Estou a oito horas de distância.

Parker:

Quando você volta?

Eu:

Segunda-feira. Mas estou ocupada a semana toda.

Parker:

Nos vemos quando der, então.

Desligo a tela e balanço a cabeça, olhando pela janela enquanto as luzes da cidade e os edifícios se transformam em árvores e bosques.

Malachi está sentado ao meu lado, com todas as coisas de acampamento guardadas no porta-malas e sacos de dormir entre nós. Vamos passar o final de semana fora, em algum lugar que papai está desesperado para visitar nas montanhas, e não tivemos escolha a não ser ir também. Tempo com a família e toda essa merda.

Você pensaria que como nossos pais são ricos, com uma casa chique e vários carros, eles teriam um trailer ou pelo menos pegariam a caminhonete para colocar todas as coisas, mas não, papai quer tentar acampar da maneira normal, nos esmagando com as coisas no processo.

Estou exausta, não dormi bem ontem à noite desde que Malachi saiu com os amigos e só voltou para casa de manhã cedo. Ele subiu pela minha janela às seis da manhã, cheirando a bebida e a cigarro, com os olhos vermelhos enquanto cambaleava em direção à minha cama.

Ele acendeu minha luminária e sinalizou para mim, mas foi tão bagunçado que não o entendi. Ele ficou parado no meio do meu quarto, andando e passando as mãos pelo cabelo, irritado, enquanto tentava se comunicar comigo e falhava.

Eu apenas o ajudei a tirar o moletom e a calça, dei-lhe um copo de água e dormi em seu peito enquanto seus braços me rodeavam. Ele já tinha saído quando acordei horas depois com meu pai batendo na minha porta e exigindo que eu fizesse as malas para um longo final de semana de acampamento.

Horrível.

Meu celular vibra novamente e meu queixo cai.

Malachi:

Segure minha mão.

Leio a mensagem três vezes e olho para ele, mas ele está olhando para o celular.

Malachi:

Não seja óbvia.

Eu:

Por que você quer segurar minha mão?

Malachi:

Preciso de uma razão? Me dê sua mão ou direi à mamãe que você tocou no meu pau enquanto eu dormia.

Eu me engasgo com o ar e papai espia por cima do ombro.

— Você está bem, anjo?

— Sim — respondo. — Perfeitamente bem.

Eu:

Você estava acordado?

Malachi:

Estou sempre acordado. Me dê a porra da sua mão.

Eu:

Não com eles conseguindo ver.

Malachi se move ao meu lado, e eu o observo tirar sua camisa flanela e colocá-la entre nós. Minha respiração falha quando ele puxa minha mão por baixo da roupa e entrelaça nossos dedos, nossos pais nem percebem enquanto minhas bochechas esquentam e minha garganta fica seca.

Ele aperta os dedos em volta dos meus, e eu aperto de volta, desviando os olhos quando mamãe desliga o rádio.

— Você embalou os sanduíches que deixei na mesa? — ela me pergunta.

— Sim. Estão na mochila de Malachi.

— E o papel higiênico?

— Sim — papai diz. — Temos tudo. Pare de pensar demais.

— Mas estamos tão longe de casa. E se surgir uma adoção de emergência?

— Daí voltamos. Teremos sinal de celular, então não entre em pânico com isso também, bebê.

Ele sempre a chama de “bebê”, e isso sempre me pega desprevenida. Não me lembro muito da minha vida antes de vir para a casa dos Vizes, mas o apelido “bebê” sempre me deixa desconfortável, e acho que pode ser um gatilho para mim, então fico feliz por não ter lembranças além de ter medo da escuridão e de gritos.

Mamãe suspira e se vira para olhar para o meu irmão.

— Onde você estava ontem à noite?

Ele olha através dela, sem soltar minha mão.

Quando mamãe sabe que não receberá nenhuma resposta, ela revira os olhos e olha para frente novamente.

— Às vezes é como falar com uma parede. Ele não estava no quarto dele.

Ela se vira novamente.

— Você saiu com aquela loira?

Eu recuo e tento soltar sua mão, mas Malachi me agarra com força, ignorando mamãe.

— Não, ele não chegou a sair com ela, lembra? — papai a lembra. — Ela tinha muito medo dele. — O alívio me inunda e olho para Malachi, que está estudando minha reação.

— Você não precisa ser um idiota com eles — digo baixinho. — Onde você foi ontem à noite, afinal? — Baixo minha voz. — Antes de você vir para minha cama.

Sinto falta do contato assim que ele afasta a mão e sinaliza: — *Eu estava com meus amigos. Eu já te disse.*

Como papai aumenta o volume do rádio, eu sinalizo de volta: — *Você se divertiu?*

— *Não muito.*

— *Por quê?* — pergunto.

Ele sorri e desvia o olhar novamente, enfiando a mão sob a flanela entre nós; esperando. Seu sorriso cresce quando coloco a minha também, e ficamos de mãos dadas em silêncio enquanto mamãe canta uma música de Isabel LaRosa.

Ele está digitando no celular novamente e o meu vibra.

Malachi:

Você ficou brava. Por quê?

Eu:

Não sei do que você está falando.

Malachi:

Minha irmãzinha ficou com ciúmes?

Eu faço uma careta e desligo a tela — então olho para ele e o encontro rindo silenciosamente e sorrindo com suas covinhas aparecendo.

Eu falo um “idiota” silencioso quando nossos olhos se encontram.

Não tenho certeza de quando adormeci, mas acordo assustada quando o carro para abruptamente no meio do nada, e o polegar de Malachi desliza por cima da minha mão, que agora está em cima de sua coxa, com a flanela ainda as escondendo dos olhos de mamãe e papai.

Nós nos soltamos e ele sinaliza: — *Ouvi você roncando. Mesmo com o canto ridículo da mamãe.*

Eu estreito meus olhos.

— Eu não ronco.

— Sim, você ronca, anjo — papai diz, rindo.

— Isso não é nada feminino, querida — mamãe acrescenta.

Fodam-se todos neste carro.

— Ok — papai começa a falar, desafivelando o cinto e virando-se para nós, e eu me endireito. — Malachi, você quer compartilhar a barraca comigo ou com sua irmã? Temos duas barracas para duas pessoas.

É um pouco estranho ele perguntar isso. Por que ele compartilharia a barraca com o pai com quem não se dá bem? Eles não conversam com frequência, então, em vez de sinalizar algo ou até mesmo tirar os olhos do celular, ele aponta para mim e volta a digitar com o polegar.

— Certo. As crianças ficam juntas. E eu e você.

— Por que você não comprou uma barraca maior? — mamãe pergunta.

Eles então entram em um debate sobre barracas, enquanto tento olhar para o grupo de mensagens que Malachi está digitando, mas de onde estou, só consigo ver emojis e um meme que um de seus amigos enviou.

Eles são todos muito assustadores de conversar. Eu o busquei uma vez quando estava bêbado, e eles estavam tocando heavy metal, com os cabelos espetados e piercings por todo o rosto.

Fiquei na entrada da garagem com meu uniforme de líder de torcida e eles me encararam como se eu não me encaixasse ali. Não como quando estávamos todos na escola e eles eram os excluídos.

Malachi deu um soco em um de seus amigos que tentou flertar comigo naquela noite — agora todos eles ficam longe de mim como se eu fosse uma doença. Malachi pode ser bastante... violento às vezes.

É estranho eu gostar quando ele fica com raiva e bate nas pessoas por minha causa? Exceto Adam, ele não fez nada de errado e tem sido muito gentil em nossos encontros. Nervoso, mas muito doce. Ainda não tenho ideia do motivo pelo qual Malachi o atacou.

Depois de montarmos as duas barracas, acendermos uma pequena fogueira entre elas e organizarmos nossos banheiros designados, nos aquecemos em torno das chamas, com a escuridão caindo enquanto as estrelas brilham. O estalo da madeira preenche o silêncio. Mamãe está com um saco de dormir enrolado nos ombros e sorri enquanto observa Malachi e eu tentarmos e não conseguirmos torrar marshmallows na fogueira.

Sua coxa está pressionada contra a minha, e estou muito consciente disso. Eu me pergunto se nossos pais conseguem ver também. Mas eles não dizem nada, apenas conversam entre si enquanto Malachi me ajuda a escolher o marshmallow maior e o coloca na ponta do palito para mim.

— Quem quer dar um passeio? — papai pergunta, e a mão da mamãe se levanta. — Vamos. Acho que conseguimos ter uma visão melhor das estrelas perto do penhasco. Vocês vêm, crianças?

Temos dezoito e dezenove anos e ele ainda nos chama de “crianças”. Nós dois balançamos a cabeça.

Assim que eles desaparecem de vista, Malachi pega seus cigarros e acende um — sopra uma nuvem acima de nossas cabeças e apoia os cotovelos nos joelhos separados.

— *Você não pode, então não peça* — ele sinaliza quando me vê olhando para o cigarro entre seus lábios.

— Eu não quero. Fumar faz mal — digo, como se ele não fumasse há dois anos. — É como pagar para morrer.

Ele ri silenciosamente e dá uma longa tragada.

Um silêncio se instala entre nós, mas, de repente, como se algo mudasse dentro dele, Malachi joga fora o cigarro fumado pela metade e se levanta. Meus olhos o seguem, e ele não me dá um segundo para pensar ou me mover antes de agarrar minha mão e me colocar de pé, me puxando em direção à nossa barraca.

Quase tropeço, mas sua mão firme me apertando me mantém em pé.

Ele continua segurando minha mão na sua enquanto abre o zíper da barraca e segura a abertura para eu entrar primeiro.

— O que está acontecendo? — pergunto, olhando ao redor para ver se nossos pais vão voltar.

— *Entre* — Malachi sinaliza —, *ou eu mesmo te arrasto para dentro.*

Eu bufo e cruzo os braços, arqueando uma sobrancelha diante de sua ameaça.

— Duvido.

Ele prossegue com a ameaça enquanto agarra a frente do meu suéter e me joga para dentro, me fazendo cair no saco de dormir.

— Caramba, Malachi! Você precisa ser tão bruto?

— *Sim* — ele sinaliza. — *Você nunca me escuta, sua teimosa.*

— Seu rude. O que estamos fazendo aqui? Você ainda está de ressaca e precisa dormir?

Talvez ele queira carinhos? Ele sempre quer carinhos antes de dormir. Acho que nunca conheci nenhum irmão tão carente e com tanta necessidade de dormir ao lado da irmã. Porém, nossa dinâmica mudou drasticamente quando ele colocou minha mão em seu pau, o mesmo pau contra o qual eu havia esfregado minha bunda — me lembro do quanto gostei da força dele segurando minha mão sobre seu comprimento impressionante.

Ah, Deus. Eu sempre me esqueço do que aconteceu e quando lembro minhas bochechas esquentam e ficam rosadas.

A lanterna está acesa, então consigo vê-lo ajoelhado na minha frente, sinalizando: — *Posso ver você?*

— Você consegue me ver.

Ele balança a cabeça e se aproxima, puxando a gola do meu suéter.

— *Sem isso.* — Então ele coloca a mão na minha coxa, beliscando o material. — *E isso.*

Meus olhos se arregalam.

— Por quê? — pergunto, sentindo sua respiração atingir meu rosto devido à proximidade.

— *Quero ver você* — ele sinaliza. — *Eu prometo não tocar em você.*

— Tenho certeza de que você já viu muitas garotas sem roupas. — Eu gemo internamente. Por que eu pareço uma esquisita ciumenta? — Você não precisa me ver.

Faço uma pausa enquanto ele balança a cabeça.

— *Não.*

— Você nunca viu nenhuma?

— *Não* — Malachi sinaliza novamente. — *Além disso, é o seu corpo que eu quero ver. Por que você não me mostra?*

Mexo no zíper do saco de dormir.

— E se nossos pais nos virem? Você sabe que é errado.

— *Eles não vão. Nós os ouviremos chegando.*

— Mas... eu... é sério? — Ele olha fixamente para mim. — Sou sua irmã.

— *E esse é o seu lema. Tire a roupa, Olivia.*

Eu mordo meu lábio.

— Eu tiro, mas com uma condição. — Ele olha atentamente para mim, esperando. — Se nós fizermos disso um jogo. — Sorrio e inclino a cabeça, me apoiando nos cotovelos, como se meu coração não estivesse prestes a sair do peito. — Eu faço perguntas e, se você responder honestamente, tirarei alguma peça de roupa. Se você não responder, ou eu souber que você está mentindo, você tira.

— *Tudo bem, me pergunte algo.*

Me sento, abraçando os joelhos.

— Você usou drogas ontem à noite?

Ele suspira silenciosamente.

— *Sim. Alguns dos meus amigos estavam experimentando, e eu também quis.*

— Ele puxa a manga do meu suéter. — *Tire isso primeiro.*

— Acho que cabe a mim decidir qual peça de roupa vou tirar primeiro, muito obrigada — respondo, tirando um dos meus sapatos. — E não use drogas. Elas fazem mal, muito mais do que fumar.

Ele ri silenciosamente.

Eu gostaria de poder ouvir sua risada. Tenho certeza de que seria grossa e rica. Julgando pelo seu sorriso, sei que a ouvir derreteria meu coração ou me faria ir direto para a floresta para deslizar a mão entre minhas coxas.

— Você se lembra de como falar? — pergunto. — Tipo, você ainda sabe pronunciar palavras?

— *Um pouco. Faz muito tempo que não falo em voz alta.*

Ele revira os olhos quando eu tiro outro sapato.

— Sua voz é grossa?

Ele inclina a cabeça de um lado para o outro.

— *Eu acho que sim.*

Tiro o suéter, revelando minha camisa justa, e suas pupilas se dilatam; Malachi olha para mim como se nunca tivesse me visto apenas de camisa antes. Às vezes eu durmo de camisola, então por que agora ele está me olhando como se quisesse me comer?

— Posso ouvir? — Arriscando a sorte, acrescento: — Só meu nome. Ou, tipo, rir.

— *Não.*

Eu fico parada e ele se inclina, me cutucando com o ombro.

— *Você precisa tirar alguma coisa.*

— Você disse “não”, então é você que tira.

— *Eu respondi sua pergunta honestamente.*

Dou uma risada e balanço a cabeça, tirando uma meia — ele estreita os olhos para mim e eu arremesso a meia.

— Você me vê como uma irmã? Porque muitas das minhas amigas têm irmãos e eles são... diferentes de como nós somos. Não consigo imaginá-los abraçados na cama ou jogando esse jogo, por exemplo. Então, é, eu sou uma irmã de verdade para você?

Mordendo o interior da bochecha, ele muda de posição e tira a camisa de flanela, deixando-a cair em cima do meu suéter. O contraste do meu rosa bebê com o preto dele é uma ótima representação de nós — a líder de torcida inocente e o fumante alto e misterioso cujas roupas sempre combinam com seu cabelo preto, a pessoa que todo mundo evita e encara quando estamos em público.

Quando nossos pais estão conosco, parecemos irmãos opostos, mas quando estamos sozinhos — só eu e Malachi — parecemos esquisitos juntos.

Meu queixo cai em choque com sua resposta.

— Você não vai responder minha pergunta?

— *Não.* — Ele gira os anéis nos dedos e depois sinaliza: — *Suas perguntas são chatas.*

Reviro os olhos, embora meu interior esteja queimando por ele se recusar a responder. Talvez ele tenha achado inapropriado ou tenha um segredo como o meu.

— Você tem algum piercing? — Pergunta boba, considerando que seu rosto é vazio, suas orelhas não têm nenhum e não acho que ele tenha no mamilo...

— *Sim.*

Eu franzo a testa, meus olhos percorrendo seu corpo.

— O quê? Onde?

Ele alcança a nuca, tirando a camiseta, bagunçando o cabelo no processo. Ele não tenta ajeitar enquanto joga a camiseta na minha cara. O cheiro forte de sua colônia de sândalo enche minhas narinas, e tento não deixar claro que isso me deixou um pouco excitada e minhas bochechas esquentaram.

Não consigo deixar de olhar para o seu peito, para o abdômen tenso, pela maneira como ele está sentado e as tatuagens.

— *Por que você está me encarando?*

— Eu não estava.

— *Mentirosa.*

— Nossos pais vão ficar muito assustados se chegarem e nos verem.

Ele dá de ombros.

— *Me pergunte outra coisa.*

Sua reação com a chance de sermos pegos foi irritante. Ele pode não se importar com as consequências, mas eu tenho consciência e me importo com o que eles pensam. Principalmente porque mamãe quer que eu escolha entre Adam e Parker como pretendentes. Quer dizer, ambos são um grande “não,” mas preciso escolher.

— Por que você quer me ver?

— *Eu já te disse. Eu quero olhar para o seu corpo.*

Meu rosto esquenta com um rubor que ele consegue ver.

— Por quê? Você já me viu de biquíni. E teve aquela vez que você me viu no chuveiro — falei, mas ele não pareceu nem um pouco perturbado quando pegou uma das minhas toalhas e se encostou na pia, esperando eu terminar. Ele tinha seu próprio banheiro, mas tínhamos acabado de acordar, os dois cobertos de suor pelas partes que nossos corpos se tocaram, e ele não se incomodou em ir para seu próprio quarto.

— *Eu quero ver seu corpo inteiro.*

Essas seis palavras fazem meu coração acelerar, meu cérebro entra em curto-circuito e o sangue lateja em meus ouvidos. Hesitante, tiro a camiseta e a coloco ao lado da dele, me odiando por usar um sutiã esportivo e não um vermelho rendado que faz meus seios parecerem pelo menos um pouco maiores.

Ele balança a cabeça.

— *Tire outra. Eu respondi duas perguntas.*

A coisa lógica a fazer seria tirar a calça e ficar de calcinha, mas sinto que estou seguindo um caminho perigoso quando puxo meu sutiã esportivo sobre a cabeça e o seguro contra o peito.

— *Me dá* — Malachi sinaliza e tenta tirar o tecido que me esconde, mas eu o seguro com mais força.

Meus mamilos estão duros, e não tenho certeza se é por causa do tempo frio ou se estou apenas excitada por estar me despindo na frente do meu irmão. Se eu lhe der meu sutiã, ele verá a rigidez de meus mamilos, o rubor subindo pelo meu peito, e por mais que eu queira que ele olhe, posso estar interpretando todo esse jogo de maneira errada.

Malachi pode instantaneamente presumir que estou com tesão e ficar estranho. Sim, ele quer me ver, mas talvez esteja apenas curioso sobre a anatomia feminina. Ou talvez ele esteja tentando me foder.

Eu li que pessoas com transtorno de personalidade antissocial gostam de brincar com a cabeça das pessoas. É isso que Malachi está fazendo comigo?

— Promete que não vai rir?

— *Por que diabos eu iria rir?*

— Eles são... pequenos.

— *Me mostre* — ele sinaliza bruscamente. — *Ou farei você me mostrar.*

Acho que eu iria gostar disso.

— Pare de ser tão bruto.

O sutiã esportivo cai no meu colo e eu desvio o olhar, fixando-o na lanterna pendurada no topo da barraca. Meu rosto provavelmente está ficando com um tom bem avermelhado, como um morango ou um tomate.

Malachi está bem na minha frente e meus seios estão livres. Meus mamilos estão duros e estou começando a tremer, mas não acho que posso culpar o frio. Sinto dor entre as pernas e, quando volto meus olhos para os dele, olho para baixo e vejo sua dureza através da calça ficando mais rígida.

Suas mãos tremem quase tanto quanto eu quando ele sinaliza: — *Me pergunte outra coisa.*

Quero me cobrir e levantar as pernas para abraçar os joelhos — algo que faço muito quando estou nervosa —, mas enfio as unhas nas palmas das mãos e tento pensar. Minha mente não está funcionando, especialmente com a forma como seu peito nu sobe e desce sob a luz da lanterna.

— *Me pergunte outra coisa, porra* — Malachi pressiona.

Se eu perguntar algo fácil, ficarei quase nua, então jogo baixo, sabendo que ele não responderá e precisará tirar outra peça de roupa, talvez a calça de moletom.

— Por que você atacou Adam no posto de gasolina? Estávamos apenas conversando e você entrou furioso e enlouqueceu — minha voz me trai, falhando quando pergunto.

— *Ele estava tentando tirar o que era meu.*

— Eu não sou sua — respondo e me arrependo instantaneamente quando uma sombra cai sobre seu rosto. — Sou sua irmã, só isso — acrescento para piorar as coisas, para irritá-lo ainda mais. — Nós somos as crianças Vize.

— *Não. Você era minha quando éramos crianças e ainda é minha agora. Você sempre será minha.*

— Você me vê como uma irmã? — pergunto a ele novamente.

— *Não trapaceie com suas próprias regras. Já respondi uma pergunta.*

Meu coração dispara no peito.

— Ok — sussurro.

Suas narinas se dilatam, sua mandíbula tensiona enquanto seu olhar se volta para minha calça. Eu respiro fundo, posicionando meus dedos na cintura e deslizo o tecido para baixo, me agradecendo interiormente por ter ido fazer depilação com mamãe alguns dias atrás.

Estou apenas com a minha calcinha rosa claro, quase invisível contra minha pele nua. Pressiono as coxas uma contra a outra — a temperatura na barraca está aumentando e estou a segundos de arruinar este jogo e nosso relacionamento e me jogar nele.

— Acho que você precisa começar a fazer perguntas — digo, engolindo em seco. — Estou a uma resposta de ficar nua e isso não é justo.

Ele dá de ombros.

— *Se eu pedisse para você se tocar, você faria?*

Piscando, eu aperto mais minhas coxas, pega completamente desprevenida com sua pergunta. Se eu não responder com sinceridade, precisarei tirar a calcinha e, se não responder, ainda vou acabar nua.

A única maneira de ver mais de sua pele é sendo honesta.

— *Já observei você antes* — ele sinaliza com os dedos rígidos. — *Você usa muito seus dedos com as cortinas abertas.*

— Você me observou pela minha janela?

— *E com as câmeras no seu quarto.*

Arregalo os olhos.

— Você colocou câmeras no meu quarto?

— *Sim. Pare de mudar de assunto. Você não respondeu a minha pergunta. Se eu pedisse para você se tocar, agora, você faria?*

— Primeiro você vai tirar as câmeras!

Ele balança a cabeça, e eu dou um tapa em seu ombro.

— *Responda.*

— Acho que eu faria qualquer coisa que você me pedisse — respondo, mordendo o interior da bochecha, torcendo para não parecer idiota. — Sob a condição de que permanecesse em segredo.

Ah, Deus. Isso foi errado? Ah, merda.

Ele não diz nada, nem mesmo pisca o olho enquanto olha para mim.

Seu silêncio faz minha ansiedade piorar. Eu disse algo errado? Ele estava apenas checando se eu o vejo mais do que como um irmão? E se ele estiver me testando? E se mamãe estivesse certa e ele fosse um psicopata e estivesse tentando fazer jogos mentais comigo?

Mas o psicopata acabou de dizer que tem câmeras no meu quarto e já me observou enquanto eu me dava prazer, então por que tudo isso é tão confuso?

Pego minhas roupas, mas ele afasta minha mão e fica de joelhos, puxando o moletom sobre a protuberância crescente em sua cueca, recostando-se e a chutando para fora de suas pernas tatuadas.

Será que eu deveria estar olhando para o pau do meu irmão como se fosse minha comida favorita? Provavelmente não.

Lambo meus lábios, imaginando sua espessura deslizando pela minha garganta, me fazendo engasgar enquanto ele força cada estocada, silenciando meus gritos e me roubando o ar enquanto me dá um tapa no rosto e rosna para eu engolir cada centímetro.

Eu quero muito que ele faça isso.

— Devemos nos vestir?

— *Ainda não* — ele sinaliza. — *E essa foi outra pergunta, que eu respondi.*

Eu estremeço quando ele enfia o dedo sob o elástico da minha calcinha no meu quadril, e sinto algo queimando na minha boceta quando ele rasga a calcinha e a arranca do meu corpo.

— Malachi! — eu arfo.

Ele cobre minha boca do mesmo jeito que fez quando eu gritei em seu quarto, mas desta vez não está pressionando seu corpo contra mim, e sim me empurrando para trás e abrindo minhas pernas.

— *Fique quieta* — ele sinaliza, mudando de posição para ficar ajoelhado entre minhas pernas, os olhos fixos na minha boceta, que está encharcada e pulsando. Tento fechar as pernas, mas ele as mantém abertas, olhando para mim.

— Você disse que não iria me tocar — digo com uma voz suave, apesar de meu corpo ter se transformado em um inferno. Ele vai me foder?

Eu estou prestes a ser fodida pelo meu irmão mais velho?

Exposta — estou tão exposta, carente e aberta que Malachi parece bêbado enquanto dá um beijo suave na lateral do meu joelho, me fazendo estremecer.

— *Posso te provar?*

Minha boca se abre, meu coração batendo forte em meus ouvidos.

— Você disse que não iria me tocar — repito, meus dedos dos pés se curvando ligeiramente com a intensidade de seu olhar. O lugar que ele beijou na lateral do meu joelho faísca até o meio das minhas pernas.

— *Então se toque.*

Fico olhando para ele, minha boca abrindo e fechando.

— Sério? — pergunto — *Sim.*

— Você não está tentando me enganar? — pergunto. — Se você estiver brincando comigo, Malachi, eu vou bater em você.

Ele sorri.

— *Se não tenho permissão para tocar em você, você precisa fazer sozinha.*

— E se eu disser não? — Ele enfia os dedos na parte interna das minhas coxas e eu solto um gemido descarado. — Ok, ok, ok. Mas você precisa prometer que não me tocará.

Ele levanta o dedo mindinho e eu sorrio enquanto entrelaço o meu no dele.

— E não conte a ninguém. Não é isso que irmãos fazem. Teremos muitos problemas.

— *Não vou. É nosso segredo, irmãzinha.*

Torço o nariz e tiro as mãos dele das minhas pernas.

— Por favor, não me chame assim agora.

Ele sorri, a covinha aparecendo ainda mais.

— *Mas você é minha irmã. Irmãzinha safada que vai se tocar na minha frente. Mostre ao seu irmão mais velho o som que você faz quando goza.*

Todo o oxigênio da barraca desaparece e minha respiração congela no peito. Minhas paredes internas se contraem e acho que já estou encharcada apenas

com suas palavras proibidas.

Engolindo o nervosismo, deslizo a mão pela frente do meu corpo, separando minhas pernas um pouco mais e observo os olhos de Malachi seguindo minha mão. As pontas dos meus dedos separam atentamente os lábios da minha boceta e minhas costas arqueiam enquanto meu dedo médio mergulha na minha umidade, trazendo-a para o meu clitóris e movimentando meu dedo em círculos. A unha de acrílico vermelha recém-pintada arranha minha ternura e eu mordo o lábio.

Já me toquei milhares de vezes, mas tê-lo me observando está tornando tudo mais intenso. Nunca estive tão ansiosa para sentir um pau dentro de mim.

Vou mais rápido. A sensação ondulante na base da minha coluna envolve cada vértebra e, fechando os olhos, me perco no meu próprio toque enquanto imagino que é outra pessoa.

Alguém que não deveria estar me observando.

Alguém que deveria estar mortificado ao me ver fazendo isso.

Minhas pálpebras se abrem um pouco, e Malachi está se inclinando, me observando enquanto eu me dou prazer.

— *Posso te tocar?*

— Não — eu ofego. — Por favor, não.

— *Por quê?*

Afundo dois dedos dentro, ignorando-o, deixando cair minha outra mão para circular meu clitóris enquanto me fodo na frente dele.

Quando minhas pálpebras se abrem novamente, minha respiração falha quando vejo que seu olhar ainda está colado em minha boceta e na maneira como estou me dando prazer — movendo meus quadris para cima enquanto procuro por mais, mas sua mão está sobre seu pau através de sua boxer...quero gemer o nome dele, mas paro no meio do caminho e faço soar como um grito abafado.

Minhas paredes internas apertam meus dedos repetidas vezes enquanto minha respiração acelera e uma leve camada de suor se instala na minha pele.

Se eu pedir a ele para me foder, ele faria?

Eu quero isso?

Ele me machucaria?

Se eu dissesse a Malachi que queria que ele me perseguisse, me prendesse e fizesse o que quisesse, contra minha vontade ou não, ele faria?

A loucura corre em minhas veias neste momento, porque quero que meu irmão me foda, e quero que ele me foda com força suficiente para fazer doer.

O pensamento por si só me leva ao orgasmo, e afundo meus dentes em minhas bochechas enquanto gemo, minhas costas arqueando para fora do saco de dormir enquanto gozo com meus dedos, latejando e convulsionando ao redor deles.

Vejo estrelas ao redor de Malachi, seus lábios estão entreabertos e ele está respirando com força enquanto se toca com as mãos.

Com meus dedos ainda dentro de mim e ofegante, eu pergunto a ele: — Você ainda quer me provar?

Ele assente com a cabeça e suas pupilas explodem quando levo meus dedos brilhantes até seus lábios, passando-os sobre eles. Malachi segura meu pulso e os suga em sua boca. Meus dedos deslizam contra o calor de sua língua enquanto ele os chupa com força até os nós, e eu tremo quando ele os morde levemente. Se Malachi usasse a voz, sei que o ouviria gemer pela maneira como seus olhos se fecham e sua mão agarra seu pau.

Meus dedos caem de sua boca e ele se lança em minha direção. Antes que ele possa juntar nossos lábios e moldar seu corpo ao meu, cubro sua boca com a palma da mão.

— Não — eu suspiro. — Não concordamos com isso!

Suas sobrancelhas franzem, a dureza de seu pau cutuca minha coxa, ele agarra meu pulso e puxa minha mão de sua boca. Em seguida, agarra meu rosto, tentando me beijar novamente, mas quando seus lábios cobrem os meus, eu movo minha cabeça para o lado.

— Não, Malachi.

Sim, Malachi.

Continue, Malachi.

Faça isso, Malachi.

Por que eu sou assim?

Ele se senta, chateado e ainda duro como uma pedra. Quando vai sinalizar algo, me sento também e me viro para o lado oposto dele.

— Vamos dormir — digo, desligando a lanterna para que fiquemos banhados pela escuridão. — Obviamente não estamos pensando direito.

Mas a lanterna é acesa novamente e eu congelo quando Malachi agarra meu pescoço e me coloca de joelhos na sua frente — minhas vias respiratórias são cortadas, há uma pressão atrás dos meus olhos e meus pulmões lutam por ar. Ele me libera, mas eu fico parada, ainda tremendo do orgasmo, de medo e da necessidade por mais.

— *Não me silencie assim* — ele sinaliza furiosamente. — *Nunca me silencie, Olivia.*

Minha testa franze confusa.

— Eu... eu não silencieei.

Ele aponta para a lanterna.

— *Eu não consigo falar com você se você não conseguir me ver.*

Minha expressão suaviza.

— Ah — eu digo, esfregando a garganta. — Desculpe. Eu não percebi. Só... não podemos nos beijar, não é o que irmãos fazem. Independentemente do que aconteceu. Por favor, não torne isso estranho.

Não me afasto enquanto ele me puxa pelo cabelo e meus seios pressionam seu peito nu.

— *Você costumava me beijar sempre.*

— Quando éramos crianças e os beijos eram inocentes. Não, Malachi.

— *Não? Você...*

Ele para confuso enquanto abaixa as mãos, sem saber mais o que dizer.

— Mamãe me faz sair com homens para eu me casar com eles, Malachi. Não posso arriscar ser pega te beijando.

— *Você não vai se casar com ninguém.*

Por mais que eu queira realmente beijá-lo, seria um erro colossal. Meus lábios estão estalando com o roçar suave de sua boca contra a minha, e uma eletricidade muito forte percorre todo o meu corpo pela maneira como ele

agarrou meu rosto e depois meu pescoço, mas se eu não o parasse, teríamos cometido um erro enorme.

— Não podemos — sussurro. — Você é Malachi Vize e eu sou Olivia Vize. Somos irmãos.

— *Pare de falar isso. Não somos ligados por sangue. Você não é minha irmã de verdade, então qual é o maldito problema?*

Por alguma razão, essas palavras doem e meus olhos ardem enquanto puxo o saco de dormir em volta da minha nudez.

— Isso foi um erro.

— *Eles já estão dormindo?* — Ouço a voz da mamãe se aproximando e corro para pegar minhas roupas e vesti-las, Malachi apenas olha para mim, sem se preocupar em vestir suas próprias roupas enquanto os passos se aproximam.

Mergulho no saco de dormir em pânico, meu coração batendo muito rápido enquanto finjo que estou desmaiada.

— *Vocês estão dormindo?*

Espio meu irmão enquanto ela tenta abrir o zíper — não percebi que ele havia colocado um pequeno cadeado para impedir que fosse aberto. Os olhos de Malachi estão em mim — consigo perceber que ele está bravo, mesmo com a luz da lanterna no nível mais baixo e brilhando em apenas metade de seu belo rosto. Suas mãos estão cerradas, suas bochechas estão vermelhas e o comprimento rígido entre suas pernas ainda está ali.

Ele tentou me beijar e eu recusei. Já estou me arrependendo desta noite inteira.

Os passos se afastam novamente.

— *Eles devem estar dormindo. Desde quando somos nós que ficamos acordados até tarde? Pegue as cervejas!*

Papai gargalha e faço uma careta quando os ouço se beijando. Então ouço o som da barraca deles se fechando e o silêncio se instala novamente.

Olho para Malachi; ele levanta as mãos, depois as deixa cair e balança a cabeça, afastando-se de mim.



CAPÍTULO 6

Olivia

Malachi não fala comigo há semanas.

Quando está bravo comigo, ele me pune silenciando-se perto de mim. Quando tomamos café da manhã, almoçamos ou jantamos, ele não olha para mim, e quando saímos em dias ou noites em família, ele não vai ou mantém o rosto grudado no celular.

A porta da sua varanda fica trancada todas as noites e ele não entra furtivamente no meu quarto. Eu não sei o que fazer.

Convidei Parker, pensando que Malachi pelo menos entraria furtivamente no meu quarto para estrangulá-lo, mas apenas fiquei sentada sem jeito ao lado de Parker e fingi gostar de sua companhia enquanto o idiota arrogante falava sobre os negócios de sua família e praticamente se vendia para mim, já que sabe que ainda preciso escolher entre ele e Adam.

Malachi não apareceu. Na verdade, ele tem estado mais ausente.

Abbi queria que eu fosse a uma festa no fim de semana passado, mas fiquei em casa na esperança de que Malachi ficasse bêbado e precisasse de mim, que precisasse que eu o segurasse enquanto dormia ou até mesmo para me ver fingir estar dormindo — mas mesmo que eu não tenha saído, ele não apareceu.

Minha mente gosta de me pregar peças. As vozes me dizem que ele se arrepende o que aconteceu na barraca, que sente nojo por ter visto sua irmã se masturbar antes de tentar beijá-la.

Mas esta noite, meu pior pesadelo está acontecendo. Malachi está em um encontro.

Meu irmão, que nunca tem interesse em ninguém, nunca teve namorada nem namorado, passa o tempo todo no quarto, fumando, acelerando em sua motocicleta ou em festas com os amigos e usando drogas, está fora de casa neste momento com uma garota.

Eu não diria que sou uma pessoa possessiva, mas algo nele abraçando outra pessoa me deixa desconfortável. Tento imaginá-lo observando outra pessoa se foder com os dedos, e meu estômago revira.

Sobre o que eles vão conversar? Ela conhece linguagem de sinais? Eles conseguirão conversar? Ela será legal com ele, ao contrário da maneira como as pessoas falavam pelas suas costas enquanto ele ainda estava na escola?

Talvez não haja muita conversa...

Enterro a cabeça no travesseiro para tentar banir a imagem do meu irmão beijando, tocando ou dormindo com outra pessoa do meu cérebro. Eu sei que ele está em uma idade em que fará essas coisas. Quero dizer, Malachi não está mais no ensino médio. Estou prestes a me formar e pessoas da nossa idade fazem coisas.

Nós *tecnicamente* fizemos coisas.

Coisas pelas quais nossos pais nos expulsariam de casa.

Resmungo para mim mesma e pego meu celular, verificando as mensagens dos meus amigos. Todo mundo está estudando ou com os namorados. No entanto, aqui estou eu, na minha cama às nove horas da noite preocupada com Malachi.

Eu abro a conversa com ele. Ele ignorou todas as mensagens que enviei desde a noite na barraca. Mesmo enquanto estava deitado no saco de dormir ao meu lado e eu mandei uma mensagem pedindo desculpas, ele me ignorou.

Eu:

Como está indo seu encontro?

Logo em seguida me dou um tapa na testa. Ele está em um encontro — por que eu enviaria uma mensagem a ele? Mamãe me contou em segredo, pois o viu mais elegante do que o normal e perguntou aonde ele estava indo.

Malachi disse a ela que estava indo para um encontro e ela ficou muito feliz. Um, porque ele a respondeu pela primeira vez em meses. E dois, porque o filho dela estava indo no primeiro encontro.

Fiquei enjoada quando ela veio ao meu quarto para me contar com o maior sorriso no rosto. Acho que ele contou a ela de propósito. Para me irritar.

Mas estou sendo hipócrita, certo? Mamãe tem me forçado a ir em encontros nos últimos seis meses com garotos que querem apenas receber boquetes ou transar.

Me levantando da cama, suspiro e olho ao redor do meu quarto. Já tentei limpar para aliviar o estresse, meu uniforme de líder de torcida já está separado e minha mochila de treino já está pronta. Até a minha penteadeira foi limpa e organizada minuciosamente.

Entro no banheiro e encho a banheira, me certificando de que fique bem borbulhante. Então eu procuro em minha estante algo bom e decido ler o romance de monstros que Malachi torceu o nariz quando o encontrou na minha cabeceira uma noite.

Tiro a roupa, mergulho no calor e descanso a cabeça no travesseiro da banheira, encontrando a página que acidentalmente dobrei.

Uma hora passa comigo me preocupando silenciosamente com coisas que não deveria me preocupar antes de sair, enrolando uma toalha em volta do meu corpo.

Com o livro de volta na minha estante, quase derrubo o tecido em volta de mim quando me viro e encontro Malachi sentado perto da minha janela aberta, com o capuz levantado e um cigarro pendurado na boca.

— Mas que diabos? — sussurro alto. — Você me assustou!

Abrindo ainda mais as pernas, ele apoia os cotovelos nas coxas, observando-me enquanto bufa.

— Mamãe está no cômodo ao lado o preparando para a nova adoção — aponto. — Ela vai sentir o cheiro da fumaça.

Malachi não escuta enquanto se levanta. Ele inala uma grande quantidade de fumaça com seus olhos em mim, fazendo meu corpo derreter enquanto a ponta laranja brilha intensamente. Minha pele esquenta, e não sei se é pelo susto que levei ou pelo fato de ele estar como uma sombra no meu quarto escuro, ocasionando uma onda de formigamento e excitação que toma conta de mim. Me lembro da maneira como olhou para mim enquanto eu... eu não posso me sentir assim. *Não*. Não por ele.

A noite na barraca foi um erro.

— A propósito, encontrei suas câmeras e as joguei no lixo. Seu pervertido.

— *Nem todas* — ele sinaliza.

— O quê?

Ele se inclina contra a minha janela, me cegando e soprando mais fumaça. Não consigo deixar de pensar em como a noite dele se desenrolou. Ele a beijou? A tocou? Será que ele sabe o que fazer, considerando que não tem habilidades sociais e raramente tenta se comunicar com alguém além de mim? Ele não me tocou intimamente, mas quis e tentou me beijar. Talvez ele saiba?

Maldito cérebro.

Fecho os olhos e pressiono a mão na testa.

— Você precisa ir para o seu próprio quarto e eu preciso me vestir. — Então eu afasto minha mão. — Você não pode me ignorar por semanas e depois voltar para a minha vida, Malachi. Não é justo.

Em vez de ir embora, Malachi inala outra vez, soprando direto em mim dessa vez. Não recuo, mesmo quando ele dá um passo em minha direção, apenas engulo em seco enquanto minha respiração sai apressadamente.

— Não estou mais interessada em seu joguinho. Você não pode simplesmente decidir quando quer falar comigo ou não. Pegue suas outras câmeras escondidas, vá para seu quarto e me deixe em paz.

A inclinação de sua cabeça é minúscula, mas a percebo quando ele dá outro passo em minha direção, me fazendo recuar. Outro passo, mais um, e a parte de trás dos meus joelhos bate na cama — me sento no colchão, mantendo os olhos nos dele.

O calor entre minhas pernas é impróprio — eu não deveria gostar do jeito que ele está olhando para mim, ou do jeito que se aproxima ainda mais, sua colônia dominando meus sentidos e deixando meus pensamentos confusos.

Malachi não está sinalizando nada; não tenho certeza se ele vai enquanto abaixa o capuz, revelando o cabelo preto bagunçado, tira as luvas de motoqueiro e as joga no chão ainda com o cigarro na boca. Eu não fumo — odeio —, mas por algum motivo, gosto quando Malachi fuma.

Ele não está usando as roupas elegantes que usava quando saiu de casa.

Apagando o cigarro na minha penteadeira, ele molha os lábios e olha para a porta do quarto. Aperto minha toalha em volta do corpo e, por algum motivo, digo: — Está trancada. Ninguém vai entrar.

Meus mamilos estão endurecendo sob a toalha. Consigo sentir o cheiro de sândalo exalando de suas roupas, misturado à fumaça de cigarro e ao ar externo. Suas bochechas estão um pouco vermelhas por causa do frio que está lá fora, e sinto uma vontade repentina de envolver meu corpo ao redor do dele para aquecê-lo.

Estou me traindo, porque estou brava com ele por me expulsar de sua vida, mas quero que volte para a minha — eu o receberia de braços abertos e...

Mas então ele tira o moletom e inclina a cabeça na direção dos meus travesseiros.

— Você quer que eu me deite?

Malachi assente a cabeça lentamente enquanto tira as botas, seus olhos não abandonam os meus enquanto mordo meu lábio e olho entre ele e o travesseiro.

— Eu estou de toalha.

— *Você pode tirar?*

Engolindo seco, balanço minha cabeça.

Tudo o que ele faz é dar de ombros e ir para o lado oposto da cama, como se não tivesse sido um fantasma na minha vida recentemente — o lado em que ele sempre dormia quando costumava entrar furtivamente no meu quarto para me abraçar. Às vezes, eu costumava fingir que tinha pesadelos — ou mandava uma mensagem para ele vir me abraçar até adormecer, ou ia para o quarto dele e

dormia encostada em seu peito, com ele cheirando meu cabelo como se fosse uma droga.

Antes de ele me ignorar.

É errado sentir que ele me traiu por ter ido ao encontro? Não acho que nenhuma das minhas amigas sintam isso em relação aos seus irmãos.

Elas definitivamente não se imaginam transando com eles.

Mas, por alguma razão, eu não me importo. Não me importo que seja proibido querer me deitar em seus braços e sentir o calor de seu corpo, querer observá-lo quando ele não está olhando para mim, sentir um frio na barriga quando ouço minha janela abrir ou o barulho da minha porta rangendo quando ele a empurra.

Doente, eu sou doente por querer meu irmão.

Malachi puxa o edredom e eu me enfio embaixo dele, mantendo a toalha em volta de mim. Minhas pernas nuas estão macias sob o tecido, e meu coração bate forte quando ele tira o cinto e abaixa a calça de motoqueiro, ficando apenas de cueca.

Mamãe está ouvindo música no cômodo ao lado — “One Way or Another” de Until the Ribbon Breaks está mais alta do que o necessário, e ela fica repetindo e cantando as palavras, provavelmente usando um pincel como microfone.

Ela é tão boba às vezes. Eu amo minha mãe.

Meus olhos permanecem em Malachi, sua grande presença mudando a energia do quarto.

Espero que ele não perceba o quanto está me afetando — meu pulso está acelerado e minha boca saliva enquanto tento engolir em silêncio. Acho que há uma poça entre minhas pernas.

Eu deveria estar brava, mas fui pega de surpresa. Ficarei brava de novo amanhã e farei com que ele peça desculpas por ter sido um idiota comigo durante semanas.

Meu clitóris dói enquanto observo seu corpo se mover. Ele tira a camisa também e revela seu torso esculpido — o resultado dos exercícios que ele faz

todos os dias, os novos desenhos permanentes em seu peito e ombro, descendo por seus bíceps — iluminado pela lua brilhando através da minha janela.

Malachi desliza para baixo do edredom, nos cobre e eu aperto ainda mais a toalha, mesmo quando ela se abre na frente, me expondo, mas ele não consegue ver minha pele nua.

Ele não consegue ver os arrepios em minha pele, e espero que Malachi não seja algum tipo de licanthropo e seja capaz de sentir o cheiro da minha excitação como conseguem nos livros de romance.

— Como foi seu encontro? — pergunto, torcendo para que não haja um toque de ciúme em meu tom. Antes que ele possa responder com as mãos, balanço a cabeça, irritada, e forço mais palavras. — E não pense que conversando com você eu te perdoo por ser um idiota. Se precisar dormir na minha cama, tudo bem, mas conversaremos mais sobre isso amanhã. Então, é, como foi seu encontro?

— *Você está brava comigo* — ele sinaliza, afirmando o óbvio.

— Claro que não — digo sarcasticamente. — Como foi seu encontro?

— *Acabou assim que começou* — sinaliza, de forma muito confusa dada a forma como está posicionado. — *Por que você está brava comigo?*

Ele está falando sério?

— Porque você me ignorou depois do que aconteceu na barraca — eu digo, um rubor subindo pelo meu pescoço e bochechas. — Você disse que não iria me tocar e tentou me beijar! — sibilo, jogando minhas mãos para cima e esquecendo minha toalha. — E então, *puf*, você se foi. Nenhuma palavra. Você não veio ao meu quarto e tem sido muito solitário para mim.

Olho para ele, vendo sua risada silenciosa enquanto ele sorri.

— Por que você está rindo de mim?

— *Você fica fofa quando está brava.*

Bufo e cruzo os braços sobre o edredom.

— O que você quis dizer com “acabou assim que começou”?

— *Eu não...* — suas mãos congelam e seus olhos procuram meu rosto antes de continuar: — *...tenho experiência.*

— Mentiroso — respondo. — Você não parecia inexperiente na barraca comigo. Na verdade, você parecia saber exatamente o que queria.

— *De você, sim* — Malachi sinaliza. — *Eu só me sinto confortável fazendo aquilo com você.*

— Ah — eu digo, minhas sobrancelhas se unindo. — Você pelo menos a beijou? — as palavras são como veneno na minha língua, e eu imploro internamente para que não, suplicando que ele não tenha a beijado. Mas não há razão para eu ficar irritada se a resposta for sim. Mais uma vez, hipocrisia, porque eu tive que sair com Parker e Adam.

— *Não* — ele sinaliza. — *Também não tenho experiência com isso.*

— Você nunca beijou alguém antes?

Ele balança a cabeça e eu me sento, segurando as cobertas contra o peito.

— Mas você tentou me beijar.

— *Qual parte do “eu só me sinto confortável com você” você não entendeu? Você já beijou alguém antes?*

Debatendo se devo responder com sinceridade ou não, decido que a honestidade é fundamental. Concordo com a cabeça e algo perigoso passa por trás de seus olhos.

— Não vejo por que isso é um choque para você. Esqueceu que mamãe tem me obrigado a ir em encontros há meses?

Sua mandíbula enrijece e eu juro que ele parece bravo por um segundo antes de sua expressão suavizar.

— *Você pode me mostrar como faz?*

Eu pisco para ele.

— Te mostrar como beijar?

Seu queixo desce lentamente até o peito em um aceno de cabeça.

— Você não ouviu o que eu disse sobre a situação da barraca? Eu sou sua irmã — sussurro, lembrando que mamãe está no cômodo ao lado pintando e ouvindo música. — Estaríamos muito encrencados com os nossos pais.

— *Ninguém precisa saber. Fiquei calado sobre o que aconteceu na barraca e sobre todas as vezes que dormimos juntos.*

— Mas é errado.

— *E?*

Meu corpo queima de ansiedade, embora eu esteja lutando contra. Ele está tão perto, a proximidade está criando um peso em meus pulmões que só piora quando seu olhar cai para minha boca antes de gradualmente voltar para os meus olhos.

— *Eu só ficaria confortável com você me ensinando.*

— Você está brincando comigo? — Sorrindo, ele balança a cabeça. — Promete não contar a ninguém?

Ele levanta o dedo mindinho entre nós, e afundo os dentes no meu lábio inferior para suprimir um sorriso enquanto meu dedo mindinho se enlaça ao dele. O toque de nossa pele envia choques pelo meu braço e peito, parando entre as minhas pernas. Tento estabilizar minha respiração enquanto mantenho nossos dedos mínimos entrelaçados e me movo para frente, me certificando de segurar a toalha com a mão livre para me cobrir.

Malachi é muito maior do que eu, tanto em músculos quanto em altura, então ele sempre me domina quando nos abraçamos na cama — ele é a conchinha maior perfeita. Mas isso é diferente. Isso não é como me deitar em seus braços e lutar contra meus demônios, ou assistir a um filme com ele enquanto seu joelho esbarra aleatoriamente no meu, ou ele me carregar nas costas enquanto pulamos na água da piscina ou na praia nas férias.

Isso é mais — eu nunca soube que precisava mais dele.

Eu me inclino com um braço esticado enquanto ele descansa de costas, meu corpo fica meio pairando sobre ele.

— Tem certeza? Não te incomoda que sejamos irmãos? — Pergunta estúpida, na verdade.

Ele levanta uma sobrancelha em resposta.

— *Pare de dizer isso.*

Meu cabelo cai em volta do meu rosto, longo o suficiente para ele enrolar uma mecha em volta do dedo e puxar um pouco, me trazendo para mais perto de si, fazendo minhas pernas nuas pressionarem contra as dele e enviando

sensações de formigamento pela minha coluna toda e aquecendo minhas bochechas.

— Lembra que mamãe nos disse para não beijar na boca quando éramos crianças? Você disse que podíamos porque éramos irmãos, mas isso nos colocou em apuros. Isto, sem dúvida, nos causará ainda mais problemas.

Ele me beijou sentado ao piano, um selinho suave, e era algo que sempre fazíamos, principalmente à noite, antes de dormir. Sempre achei que era normal, até que um dia, quando estávamos jogando um jogo de tabuleiro com mamãe e papai, pressionei minha boca na dele enquanto comemorava por termos vencido e nossos pais perderam a cabeça.

Ainda assim, Malachi não me dá qualquer tipo de resposta; ele apenas brinca com meu cabelo, levando-o até o nariz para inalar o cheiro de morango como sempre faz. Ele tem um fascínio pelo meu cabelo — ele sempre precisa tocá-lo, cheirá-lo e brincar com ele.

Sei que essas pequenas interações são erradas, mas isso não me impede de aproveitá-las.

Ele puxa meu cabelo com um pouco mais de força, me fazendo abaixar meu corpo até o dele, nos fazendo respirar o mesmo ar enquanto meu nervosismo aumenta. Lambo meus lábios para ter certeza de que não estão secos.

— Malachi — eu sussurro, meu corpo começando a tremer. — Tem certeza?

Ele leva a mão à frente da boca, apertando os dedos, a linguagem de sinais para “cale a boca”.

Olhando para minha porta novamente, me certificando de que a sombra de nossa mãe não está se espreitando e nos observando, levo meus quadris para mais perto dele, abaixando meu rosto e tentando não pensar demais nisso.

O dedo de Malachi para de enrolar meu cabelo e ele prende a respiração. O momento se arrasta e minha mente grita para eu parar e fazer logo ao mesmo tempo.

Eu me abaixo mais fazendo com que nossos narizes se encostem, inclino minha cabeça levemente para o lado e pressiono minha boca na dele.

No segundo em que nossos lábios se tocam, o mundo para de girar, meu coração para de bater e os pensamentos que me dizem que sou doente são interrompidos e silenciados.

Eu suavemente reivindico sua boca, lhe mostrando como dar beijos puros que não são como os que costumávamos compartilhar quando éramos crianças. Ele me copia. Quando beijo seu lábio inferior, ele beija meu lábio superior suavemente. Chupo a parte carnuda de seu lábio inferior, sentindo o leve sabor de seu chiclete e cigarro, raspando os dentes enquanto me afasto para olhar para ele. Suas pupilas sumiram com qualquer vestígio de azul.

— É para continuar?

— *Você não tem permissão para parar ainda* — ele sinaliza, seu olhar sonolento e embriagado focado na minha boca. — *Continue, irmãzinha.*

Nossos rostos ficam a milímetros de distância mais uma vez, nossos narizes se tocam enquanto lutamos por ar e eu envolvo meus dedos em seu pulso.

— Coloque sua mão aqui — eu digo, a colocando na minha bochecha. — Ou você pode colocar as mãos nos quadris ou no cabelo. As pessoas gostam de toque, especialmente quando são beijadas.

Ele afasta a mão e eu congelo, pensando que fiz algo errado, mas então ele move as duas mãos para se comunicar comigo.

— *Como você gosta?*

Meus lábios se movem, mas nenhum som sai; ainda estou nas nuvens por conta deste momento.

A depravação passa pela minha mente... gosto de coisas que não são apropriadas. Tenho fantasias às quais volto sempre, e meu perseguidor sempre tem o mesmo rosto.

Estou olhando diretamente para ele.

Mas então eu saio das minhas fantasias e pego sua mão novamente. Seus olhos seguem meus movimentos enquanto eu a coloco em meu pescoço, aplicando pressão sobre seus dedos para que eles apertem meu pescoço fino; o suficiente para me fazer querer apertar minhas coxas com o tamanho de sua mão e a maneira como suas pupilas se expandem; a visão de Malachi enrijecendo sua mandíbula e me apertando cada vez mais.

— Gosto de ser sufocada — admito, me sentindo muito mais confortável com ele do que com qualquer outra pessoa. — Eu gosto de beijos brutos que machucam.

Solto um gritinho quando ele me empurra de costas e pressiona sua boca na minha, seu aperto em meu pescoço com força suficiente para me fazer parar de respirar e me fazer ver estrelas atrás das pálpebras.

Meus lábios se abrem, e ele não precisa de nenhuma lição sobre como enfiar a língua na minha boca, ou como chupar a minha e a devorar. Malachi me beija como se eu fosse dele, como se eu pertencesse a ele desde tínhamos sete e oito anos. Gemo suavemente contra sua boca, sentindo o gosto de menta, de fumaça e *dele*. Seus dentes mordem meus lábios fazendo arder e seu aperto fica mais firme.

Precisando de mais, envolvo minhas pernas em seus quadris; minha toalha cria uma barreira irritante entre nós, mas ainda consigo sentir seu comprimento duro pressionando contra a parte interna da minha coxa.

Malachi morde mais meus lábios, chupa minha língua e usa a mão livre para prender minhas mãos acima da cabeça, pressionando-as contra o travesseiro. Ele segura as duas mãos com uma só enquanto a outra me rouba o ar e faz a tontura tomar conta de mim.

O número de vezes que imaginei Malachi fazendo isso quando eu estava com outra pessoa é vergonhoso. Beijar alguém, mas enganar minha mente para fazê-la acreditar que era meu irmão, a cada toque, lambida e sucção e a maneira como meu orgasmo me invadia — era tudo por ele.

Eu tenho uma doença. E normalmente alguém tentaria tratar isso, ou encontraria maneiras de procurar ajuda, mas a única coisa que eu quero é que Malachi tire a cueca para que eu possa senti-lo dentro de mim.

O que é uma loucura, considerando que isso é apenas um treino para ele.

Assim que a parte de baixo de seu pau roça minha boceta dolorida, eu gemo e cerro minhas mãos, afundando meus dentes em seu lábio, com força, e o fazendo sangrar enquanto o gosto de cobre preenche minha boca.

Eu gemo novamente, e Malachi se afasta, olhando para mim enquanto continua deslizando seu pau contra meu núcleo. Uma fina linha de sangue

escorre pelo seu queixo, e ele parece um psicopata, com seus olhos ardendo enquanto pressiona com mais força, esfregando-se contra mim.

Malachi tem que soltar meu pescoço e cobrir minha boca com a palma da mão para me impedir de alertar nossa mãe de que seu filho está, no momento, proporcionando um orgasmo a sua filha apenas se esfregando nela através de uma maldita toalha.

Meus olhos reviram enquanto ele continua, e eu gemo em sua mão, encontrando com meu corpo cada investida de seus quadris e ficando tensa enquanto meu corpo esquenta, minhas costas arqueiam e a sensação me queima profundamente por dentro. Quase grito quando ele afunda os dentes em meu pescoço, o teto do meu quarto entrando e saindo de foco com uma mistura de dor, prazer e quase desmaiando com seu aperto forte.

Antes que eu possa atingir meu orgasmo, ele nos vira novamente e a toalha desliza completamente do meu corpo. Nua e extremamente encharcada em seu colo enquanto monto nele, agarro seu cabelo preto e esmago meus lábios nos dele enquanto suas mãos exploram meu corpo, tocando, agarrando, acariciando meus quadris enquanto os balanço para frente e para trás distraidamente.

Mesmo sendo inexperiente, Malachi com certeza sabe como me fazer sentir como se estivesse caindo de um maldito penhasco apenas me beijando, sentindo seu pau duro através de sua boxer e procurando mais do mesmo atrito que me deixou tão perto de explodir segundos atrás.

Suas inspirações desesperadas seriam audíveis se ele nunca tivesse escolhido manter a voz para si mesmo. A cada movimento do meu quadril, sinto os gemidos silenciosos, as mãos agarradas e o pau cada vez mais espesso.

Ele é tão reativo comigo; tudo o que faço com ele, ele retribui, seguindo meu exemplo enquanto eu suspiro em sua boca e puxo seus fios ondulados. Ele segura meu cabelo na parte de trás da minha cabeça, usando-o para me arrastar contra si e seus dedos deslizam na minha nuca, me segurando no lugar.

Eu deveria parar, sou irmã dele. Somos irmãos, de sangue ou não, somos os filhos dos Vize, e não deveríamos ficar nos esfregando enquanto nossas línguas se enredam, saboreiam e devoram um ao outro como se fôssemos a refeição favorita um do outro.

Mas, apesar de todos os alarmes que disparam na minha cabeça, preciso de mais, e *quero* mais. Sua boca se conecta com meu pescoço, substituindo sua mão, e eu gemo.

— Eu posso te mostrar como fazer — eu digo, agarrando sua mão, levando-a para baixo entre nós, espalhando seus dedos, pressionando dois deles no meu clitóris e os movimentando em círculos.

Malachi faz uma pausa para beijar meu pescoço, tira a boca da minha pele nua e olha para baixo, observando a maneira como está esfregando meu ponto sensível.

— Você já fez isso antes? — pergunto, porque ele está aprendendo a técnica muito rápido.

Malachi balança a cabeça, observando seus dedos.

— As meninas adoram isso. — Eu respiro fundo. — Faça isso enquanto você as beija. Se fizer certo, você consegue fazer uma garota gozar em seus dedos. — Um gemido sai da minha boca. — Porra, isso. Assim mesmo, Malachi.

Ele assente com a cabeça duas vezes, umedecendo os lábios enquanto observa seus dedos. Malachi agarra meu pescoço com a outra mão e me puxa para frente, me roubando o ar enquanto sua língua passa sobre a minha. Seu toque não é nem um pouco gentil. Ele aplica mais pressão, movimentando os dedos mais rápido, e eu tremo acima dele enquanto choramingo contra sua boca.

— Mais rápido — eu gemo. — Você está indo tão bem.

Saliva cai de nossas bocas, pousando exatamente onde seus dedos estão me deixando louca, me deixando encharcada e indo mais rápido.

— Malachi — suspiro contra seus lábios. — Você está me deixando tão molhada.

Rebolo em seus dedos enquanto eles deslizam para baixo até a minha entrada, encharcada, necessitada e desesperada por toque. Malachi solta um suspiro áspero, que só posso assumir que seria um gemido profundo se ele usasse sua voz, enquanto eu afundo contra ele, fazendo seus dedos entrarem em mim. Seu pau ainda está escondido dentro de sua boxer, mas completamente

tenso, sólido como uma rocha enquanto ele empurra outro dedo para dentro e enfia a cabeça de seu pau na abertura da minha bunda.

Quero tocá-lo, mas ele não precisa aprender a ser tocado — ele quer que eu o ensine como fazer coisas com outra pessoa.

O gemido estrangulado que deixo escapar é quebrado, e quando outro ameaça escapar, Malachi aperta meu pescoço com tanta força que nenhum som sai. A música da mamãe está no volume máximo e estou chupando a língua do meu irmão enquanto ele me fode com os dedos e seu pau se esfrega na minha bunda.

Malachi se afasta, com as mãos ocupadas, e parece que quer me dizer algo, mas quando solta meu pescoço, ele se esforça para sinalizar com uma das mãos, então cerra os dentes e puxa minha boca de volta para a dele, agarrando o parte de trás da minha cabeça. A força disso faz com que minha palma bata na divisória de parede acima de sua cabeça, fazendo a superfície tremer e um dos meus porta-retratos cair no chão.

— Porra — eu ofego. — Continue.

Congelo quando uma batida soa na porta um minuto depois.

— *Querida? Você está bem aí?*

Tento sair de cima de Malachi, mas ele me segura pelo cabelo, me empurrando para trás o suficiente para conseguir capturar um dos meus mamilos em sua boca enquanto afunda os dedos em mim até os nós e os gira enquanto me chupa com força.

Tudo o que consigo fazer é morder o lábio, cortando a pele para não gritar.

Mamãe bate novamente e balança a maçaneta, meu coração acelera no meu peito enquanto Malachi se move até o meu outro mamilo, afundando os dentes o suficiente para fazer arder — mas a dor só me deixa ainda mais molhada. O gosto do meu próprio sangue na minha boca se mistura com seus dedos me fodendo, seu pau esfregando na minha bunda e eu explodo.

Eu gozo sobre seus dedos enquanto o ardor na base da minha coluna se difunde por todo o corpo e manchas pretas surgem atrás dos meus olhos e minha boceta contrai sob seus dedos repetidamente. Meus mamilos ficam duros em sua boca molhada, apertados e doloridos enquanto eu explodo em meu orgasmo até o ápice.

Malachi tira meu mamilo da boca e me beija suavemente, deixando seus dedos dentro de mim enquanto eu tenho espasmos ao redor deles, agarrando-os a cada pulsação. Sua língua desliza em minha boca e eu o beijo de volta. É lento, sensual, e continuo fazendo pausas para tentar respirar.

Empurro seu peito e me inclino para trás, colocando uma pequena distância entre nós enquanto ofego — ele me observa com um olhar bêbado e lábios inchados por me beijar.

— *Não, acho que ela saiu com Parker. Vou ligar para os pais dele e dizer que iremos seguir com o casamento arranjado para eles, para não saírem essa hora. Além disso, ela estava com Adam no final de semana passado, lembra? Eu tive que ir pegar uma pílula do dia seguinte para ela.* — Silêncio, e então... — *Malachi está no quarto dele?*

— *Vou verificar* — meu pai diz, e meus olhos se arregalam.

Eu rolo para longe dele e pulo da cama, pegando minha toalha.

— Vai! — murmuro, apontando para minha janela. — Depressa antes que papai chegue ao seu quarto.

Tudo dentro de mim esquenta novamente enquanto Malachi suga os dedos e se levanta da cama e caminha em minha direção.

— *Por que você precisou da pílula do dia seguinte?* — ele sinaliza.

Quando fico em silêncio, Malachi me empurra até minhas costas baterem na parede.

— *Me responda, porra!*

Meu corpo treme enquanto me abraço, cobrindo meus seios. Ele não falava comigo há semanas, quando eu teria a chance de contar a ele que nossos pais arranjaram para que eu transasse com Adam? E que eu não tive escolha a não ser concordar?

Eu não recusei, não senti que poderia. Ele nem queria fazer, ele não gosta de mim desse jeito, mas quando dissemos que poderíamos fingir, a empregada dele ouviu e nos delatou, então fomos forçados a ter uma audiência.

Ele não foi meu primeiro.

Parker foi. O filho legítimo e chato do parceiro de negócios do meu pai não ofereceu argumentos quando nos disseram para irmos juntos para o quarto. Na

verdade, ele pediu dinheiro primeiro, e minha mãe sendo a mãe que é, o pagou para ele tirar minha virgindade.

Malachi não tem ideia de nada disso; tudo o que ele sabe é que serei forçada pelos nossos pais a me casar.

Amo meus pais, mas os odeio ao mesmo tempo.

Ele dá um passo para trás e pega a camisa do chão, a vestindo.

— *Posso ir lá agora mesmo e perguntar a eles por que você precisou de um plano*
B — Malachi sinaliza.

Respiro fundo.

— Eles queriam que eu dormisse com ele para provar minha lealdade.

— *O quê?*

Se eu mencionar que eles fizeram o mesmo com Parker, Malachi sairia do quarto e perderia a cabeça.

— Não me olhe assim. Você sabe como eles são quando se trata de eu me casar com algum idiota rico. Eu não ia dizer não a eles, Malachi — sibilo. — Eu não tenho esse luxo.

Sua mandíbula fica tensa o suficiente para cortar couro. Seu lábio está inchado na lateral por causa das minhas mordidas, e consigo sentir um caroço no meu de quando ele mordeu. Quero poder voltar a dois minutos atrás, porque agora ele está bravo. Seus olhos se voltam para a porta enquanto ele estala os nós dos dedos.

— *Adam foi o seu primeiro? Foi ele quem te fez perceber que você gosta de ser enforcada?*

Meu queixo cai.

— Não — eu respondo.

— *Não para qual parte, Olivia?*

Parece que Malachi quer me matar.

— *Se você transar com ele de novo, ou com qualquer outra pessoa, eu o mato.*

— Eu vou ter que me casar com um deles — argumento.

Malachi diminui a distância entre nós, e eu estremeço, me preparando para ele me bater pela primeira vez, mas ele apenas coloca os fios soltos de cabelo

atrás das minhas orelhas e dá um beijo firme em meus lábios antes de agarrar o resto de suas roupas e desaparecer pela janela.

Levo um segundo para recuperar o fôlego. Minhas terminações nervosas ainda estão em chamas e mal consigo andar direito enquanto chuto suas luvas de motoqueiro para baixo da minha cama e seguro a toalha em volta de mim.

Destrancando a porta, abro o suficiente para colocar minha cabeça para fora, me certificar de que ela me veja e não ligue para os pais de ninguém.

— O que aconteceu? — pergunto, esfregando meus olhos.

Mamãe se vira e pressiona a mão no peito, com tinta respingada no rosto por causa da decoração que estava fazendo.

— Ah, pensei que tinha algo de errado. Eu ouvi uma batida.

Esfrego os olhos um pouco mais.

— Eu acabei de acordar.

Ela sorri, e me sinto mal por mentir para ela e por ter gozado nos dedos do seu filho há dois minutos atrás.

— Volte para a cama, querida. Vou preparar o café da manhã amanhã antes de você sair para o treino.

Concordo com a cabeça.

— Boa noite, mãe.

— Boa noite.



CAPÍTULO 7

Olivia

O café da manhã é tranquilo — papai está tentando conversar conosco sobre sua semana de trabalho e dizendo a Malachi que ele precisa resolver sua situação para poder assumir seu escritório de advocacia. Meu irmão o ignora e me observa enquanto como.

Parker e Adam são mencionados duas vezes, porque ainda não escolhi, e nas duas vezes, Malachi fecha os punhos e encara seu cereal.

Ainda consigo sentir seus dedos dentro de mim. Fico olhando para suas mãos, as veias, os músculos de seus braços enquanto ele os estica acima dele e estala o pescoço.

Mamãe vai ao quarto ao lado do meu novamente para trabalhar, e papai vai para seu escritório, deixando Malachi e eu sozinhos na mesa do café da manhã.

Ele bate na tigela com a colher, preenchendo o silêncio, antes que eu pigarreie.

— Não fique bravo com o que vou dizer.

Malachi olha para mim e coloca a colher na tigela, cruzando os braços à frente e arqueando levemente a sobrancelha.

— Vou dormir na casa de Parker esta noite.

— *Por quê?*

— Mamãe que organizou. — Esfrego a mão no rosto, exasperada. — Você não precisa me olhar como se eu tivesse feito cocô no seu cereal. Eu só estava te ensinando ontem à noite para que você soubesse o que fazer e se sentisse confortável quando sair em encontros. É aí que as aulas terminam, porque você obviamente tem um talento natural.

— *Elas acabam quando eu decidir* — ele sinaliza e eu reviro os olhos.

— Você é inacreditável.

— *Venha para o meu quarto.*

— Não. — Eu bufo. — Por que eu faria isso?

— *Porque eu quero que você me mostre...* — Ele para e sorri. — *Quero que você me ensine como é ter lábios como os seus em volta do meu pau.*

Arfo, quase me engasgando com o cereal, com a garganta presa e seca.

— Meu Deus, Malachi!

— O que ele fez desta vez? — mamãe pergunta, e minha coluna enrijece. — Você está irritando sua irmã de novo? Você não deveria estar consertando a sua moto que você bateu ontem à noite e não contou a ninguém?

Meus olhos se voltam para ele e ele a ignora.

— *Eu falei sério antes* — ele sinaliza, chutando a cadeira para trás e se levantando, antes de jogar a tigela na pia e ir embora.

Temos funcionários na mansão, mas eles se mantêm ocupados. A moça da limpeza — me recuso a chamá-la de empregada — odeia quando deixamos coisas na pia.

Mamãe coloca as mãos nos quadris.

— O que foi isso?

Dou de ombros, enfiando uma colher de cereal na boca.

— O quarto está quase pronto?

Ela começa um discurso sobre decoração e como deseja que os móveis fiquem, e começa a me mostrar fotos em seu celular.

Quando ela desiste e volta a pintar, verifico meu próprio aparelho.

Malachi:
Esperando.

Eu:
Não fode.

Malachi:
Eu já fiz isso. Venha, ou irei até aí
e te arrastarei até aqui.

Olho para o meu celular, cansada do seu joguinho. Ele passou semanas me ignorando, então receberá o mesmo maldito tratamento. Ligo para Abbi e a convido para ir ao shopping, depois corro para o meu quarto, me visto e vou até a garagem, mas antes que eu possa entrar no carro, Malachi agarra minha trança e me bate contra o carro.

Não tenho um segundo para pensar antes que ele me beije. Não há romance, nem fofura, apenas ele me devorando como se estivesse faminto enquanto puxa meu cabelo quase pela raiz. Malachi desliza a língua pelos meus lábios e a move contra a minha, agarrando a parte de trás dos meus joelhos e me levantando em seus braços, me batendo contra o carro novamente.

Ele se esfrega contra o meio das minhas pernas, já duro e seus dedos se enfiam na minha bunda.

— Malachi. — Eu respiro enquanto ele puxa meu cabelo novamente. — Câmeras.

Se papai fosse ver o sistema de segurança, veria seus filhos se beijando, devorando um ao outro como animais famintos.

Ele se afasta da minha boca e puxa meu cabelo para o lado, inclinando minha cabeça e sugando o local embaixo da minha orelha com tanta força que sei que ficará uma marca.

Estico minhas pernas para frente empurrando seu peito, e depois de um longo minuto lutando contra Malachi, ele move a boca pelo meu peito,

puxando minha camiseta para baixo para conseguir colocar meu mamilo em sua boca.

Meus olhos reviram e eu paro de lutar, minha boceta doendo novamente devido ao seu toque enquanto relaxo em seus braços, movendo meus quadris para friccionarem contra seu pau. Gostei que não tenha parado quando o empurrei; ele apenas chupou minha pele com mais força e me agarrou com mais ardor, e isso... me excitou.

Doente, doente, doente.

Meu celular toca e ele se afasta, sem fôlego.

— Você não precisa de mais aulas de beijos — eu digo, ofegante, ainda o sentindo pressionado contra mim. — Ou como chupar um mamilo. Me coloque no chão.

A contragosto, ele o faz, e eu limpo minha boca com as costas da mão enquanto me equilibro.

— *Me ensine mais.*

Reviro os olhos e abro a porta do carro.

— Tudo bem. Mas pare de ser um idiota comigo.



Saio furtivamente pela janela, duas horas antes da hora marcada para Parker me buscar, usando um vestidinho que não precisa de sutiã por baixo. Está chovendo, então o parapeito da varanda está escorregadio.

Chego à varanda sem cair e morrer e o encontro me observando, encostado nela com um cigarro entre os lábios. Malachi sorri quando tento subir e escorrego, estendendo a mão para eu segurar. Jogo minha perna e ele me segura, me prendendo na varanda de pedra pelos quadris.

Olho ao redor, mas o lugar está escuro.

— Não tenho muito tempo — digo. — O que você quer que eu te ensine?

Ele dá de ombros.

— *Qualquer coisa que você goste.* — Ele sopra a fumaça acima da minha cabeça e joga o resto do cigarro pela varanda.

Eu rio.

— Se você quer aprender do que eu gosto, não será em um quarto. Você quer me perseguir em um cemitério? Na floresta? Me deixar aterrorizada enquanto me fode?

Suas pupilas dilatam.

— *Se é o que você quer.*

— Mas nem todo mundo gosta disso — digo, enrolando os dedos no cós do short dele. — Algumas pessoas gostam de ser conquistadas, deliciadas com amor e palavras cheias de significado.

Enfio a mão em seu short, por baixo de sua cueca, e sua mandíbula aperta enquanto envolvo meus dedos em torno de seu pênis.

— Algumas pessoas gostam de levar as coisas com calma, Malachi, porque isso gera confiança. — Eu o acaricio e ele cresce contra a minha palma. — Você quer que eu te ensine com calma?

Ele balança a cabeça, empurrando minha mão, com o peito arfando.

— Você quer que eu mostre como eu fico de joelhos?

Ele assente e eu cantarolo, virando meu pulso quando alcanço sua cabeça inchada e vacilo quando sinto o leve piercing ali. Mais de um, na verdade.

— Doeu para furar? — pergunto a ele, passando a ponta do dedo pelas barras de metal na parte inferior de seu pênis, como uma escada até a ponta.

— *Não* — ele sinaliza. — *De joelhos. Agora.*

Eu sorrio e deixo escapar uma risada abafada.

— Me obrigue.

Ele range os dentes, os olhos procurando meu rosto enquanto eu passo meus dedos sobre a cabeça de seu pau novamente. Ele agarra meu pescoço, pressiona sua boca na minha para um breve beijo e me empurra de joelhos. A varanda está molhada e a chuva ainda cai, encharcando meu cabelo e meu vestido, mas não me importo.

A firmeza faz minha boceta latejar em necessidade enquanto me sento em meus tornozelos, olhando para ele. Meu cabelo encharcado escorre sobre o rosto antes de ele passar os dedos por ele, o bagunçando ainda mais enquanto inclina meu queixo com uma mão e puxa seu pau para fora com a outra.

— Eu quero provar você — digo, meu tom é ofegante e erótico. — Eu quero ir para a casa de Parker e, quando eu o beijar, quero que ele sinta seu gosto na minha língua.

Irritá-lo é bobo, mas adoro ver a escuridão tomando conta de seus olhos, a grosseria dele agarrando meu cabelo e me fazendo abrir a boca. Coloco minha língua para fora, lambendo a ponta de seu pau e o observando contrair.

Sua excitação está vazando, e eu me ajoelho o suficiente para envolver meus lábios em volta da cabeça, saboreando, sentindo o metal esfregar contra meu lábio inferior e deixando escapar um gemido enquanto seus dedos agarram meu cabelo e eu o chupo levemente.

Tiro-o da boca, passando as mãos pelas coxas dele.

— É bom?

Com uma mão, ele se esforça para sinalizar um “sim”.

— Você é tão grande. Acho que não vou conseguir colocar tudo na boca. — Levo minha língua da base até a ponta, sentindo as extremidades de seu piercing e me perguntando como deve ser a sensação de ser fodida por ele.

Ele solta meu cabelo.

— *Eu vou fazer caber. Mesmo que machuque.*

É o único aviso que recebo antes que ele agarre meu cabelo e force seu pau na minha boca, quase me derrubando para trás. A aspereza contra o fundo da minha garganta quase me faz engasgar, mas ajusto minha garganta e engulo seco quando ele começa a empurrar seu quadril contra a minha boca como um louco.

Dói, mas a junção de sua atitude ao me roubar o ar, a sensação do meu couro cabeludo queimando pelo seu aperto e meus olhos lacrimejando fazem um calor começar a se espalhar em meu núcleo.

Ele inclina a cabeça para trás enquanto fode minha boca, ficando mais grosso e quase esmagando minha garganta. Estocando seu membro cada vez mais contra a minha garganta, toda sua extensão se contraí enquanto ainda mais de sua excitação vaza de sua ponta.

Cravo minhas unhas na parte de trás de suas coxas, puxando-o para mais perto de mim, embora eu precise de espaço para respirar. Malachi ofega

silenciosamente, abaixando a cabeça para me observar, liberando uma mão do meu cabelo e apertando meu nariz.

Meus olhos se arregalam, meu clitóris lateja enquanto meus pulmões começam a se contrair. Eu não consigo respirar. Não posso fazer nada além de deixá-lo foder minha boca.

— *Malachi!* — papai grita, e ele se acalma, mantendo seu pau no fundo da minha garganta enquanto eu me engasgo. Ele se inclina sobre a varanda, mas não consigo ver. — *Mande embora quem quer que esteja em seu maldito quarto! Jesus Cristo!*

Malachi olha para mim, sorrindo enquanto se afasta um pouco para eu respirar fundo, mas logo em seguida volta a foder minha boca.

— *Eu me pergunto o que ele pensaria se soubesse que a sua preciosa filha é quem está chupando o pau de seu filho como a putinha imunda que ela é* — ele sinaliza.

Mais uma estocada, e seu pau incha enquanto seus olhos reviram. Nosso pai ainda está gritando no quintal, mas ele continua até o líquido quente atingir o fundo da minha garganta enquanto seu pau se contorce na minha boca.

Malachi se afasta completamente e agarra meu queixo, mantendo minha boca aberta. Com minha língua de fora, ele olha para seu gozo se acumulando em minha boca, pega um pouco que está derramando com o polegar e passa em meus lábios.

Meus olhos se arregalam quando ele desliza dois dedos em minha boca, forçando-os até o fundo da minha garganta, me fazendo engasgar e engolir cada gota.

Caio para frente, ofegante na chuva, preenchendo os pulmões enquanto ele se afasta. Eu olho para cima e o encontro guardando seu pau.

— *Vá beijar seu futuro marido, irmãzinha. E enquanto fizer isso, é melhor você pensar em mim e em todas as maneiras que eu vou te foder no sangue dele.*



Parker está sentado ao meu lado e todos os seus amigos estão rindo e bebendo ao nosso redor nos sofás. Estamos em um dos porões deles, e o que era

para ser um encontro se transformou em ele me fazendo sentir culpa por estar aqui, já que eu estava querendo que ele perdesse uma festa legal.

Tentei ir para casa, mas Parker insistiu que eu fosse com ele e mencionou que seu pai ficaria bravo se ele me trocasse por uma festa.

Ele já cheirou quatro linhas de cocaína até agora e seus amigos são muito idiotas.

Seu braço está atrás de mim, seus dedos roçando meu ombro, e estou muito consciente de suas intenções. Ele é um filho da puta — conhecido por ser o tipo de cara que dorme com todas e é enaltecido por isso. Seu cabelo loiro desgrenhado cai sobre seus olhos, então ele precisa constantemente balançar a cabeça para conseguir enxergar, e ele cheira a vinagre. Acho que nem tomou banho depois do treino.

Com essa atitude arrogante, é de se pensar que Parker pelo menos seria bom de cama, mas eu estava morrendo de tédio, tentando não adormecer enquanto olhava para o teto o tempo todo. Este é o cara que minha mãe pagou para me foder. O filho idiota do sócio de negócios do meu pai. Meu potencial futuro marido.

Eca.

Não tenho interesse nele — prefiro beijar um sapo venenoso. Ou talvez Spikey, a aranha de Malachi? Não.

Honestamente, quero gritar com meus pais por me forçarem a fazer esses acordos. Ele não só é cinco anos mais velho que eu, mas também fica me chamando de “criança”, mesmo enquanto estava dentro de mim. Ele me beijou duas vezes e eu senti como se estivesse beijando um abajur.

Nenhuma química. Mas, de novo, eu estive beijando Malachi.

— Você quer ir para um dos quartos? — a voz de Parker interrompe meus devaneios.

Eu deveria dizer não, mas ele poderia dizer aos meus pais que não estou cooperando, então aceno sem entusiasmo. Um de seus amigos se levanta.

— Parks! — ele se alegra. — Você acha que sua garota me chuparia?

Parker ri.

— Provavelmente. Ela é bem fácil.

Meu queixo cai, e eu me afasto dele.

— Mas que porra?

Fingindo um beicinho, ele belisca meu queixo.

— Não aja de forma inocente. Aposto que se eu mandasse, você chuparia cada um de nós.

Bufo e cruzo os braços, tentando fingir confiança, embora meus ossos estejam tremendo de medo.

— Eu acho que não — digo me virando e vou até a porta do porão. — Estou indo para casa.

Uma mão agarrando meu cabelo me impede.

— Eu tenho mais três horas com você, então obedeça.

Parker me vira e me dá um tapa no rosto com as costas da mão, causando uma queimadura. Meu cabelo cai sobre meu rosto e olho para ele.

Ele simplesmente... me bateu.

Engulo minha ansiedade, sem me atrever a fazer nada contra ele. Eu não sou idiota e ele é bem mais alto. O resto dos homens — todos os dez — começa a rir de mim. Todos estão drogados e bêbados e me observando como se eu fosse uma prostituta que eles pagaram para foder.

— A menos que você queira que o mundo saiba que sua mãe vendeu sua virgindade para mim por cinco mil dólares, eu abriria esses seus lindos lábios e mostraria sua língua — Parker sussurra em meu ouvido. — Fique sentadinha enquanto eu pego bebidas para nós.

Meus olhos lacrimejam, e quando Parker e seus amigos vão pegar mais bebidas, volto para o sofá e pego meu celular. Abro os dados de contato de Malachi e lhe envio minha localização.

Fodam-se as consequências.

A localização foi recebida e não tenho tempo de enviar mais nada, nem mesmo um aviso de que há muitos deles aqui, antes que Parker se sente ao meu lado novamente.

— Você ainda está de mau humor?

Eu aceito a cerveja, mas não bebo.

— Você acabou de me oferecer para todos os seus amigos.

— Sim. Algum problema?

Cerro os dentes e olho para frente, estremecendo quando ele afasta uma mecha de cabelo do meu ombro.

— Eu te fiz uma pergunta, Olive.

— Meu nome é Olivia.

— Mas não importa de verdade qual é o seu nome, não é?

Meu peito se agita enquanto observo o relógio. Malachi sabe que estou com Parker — ele se certificou de que seu gozo estivesse cobrindo toda minha boca e garganta antes de eu sair, me beijando com mais força do que nunca para provar seu ponto. Mas, quando cheguei à casa de Parker, ele forçou a boca na minha, e a única coisa positiva disso foi que ele provavelmente sentiu o gosto do meu irmão na sua língua.

Idiota.

Há uma confusão do lado de fora da porta do porão, e Parker se endireita para ver, mas alguém passa por ela, arrancando a porta das dobradiças, e todos ficam de pé enquanto cinco homens mascarados entram com bastões balançando.

Sinto um sorriso se formando quando o do meio, com o rosto coberto por uma balaclava, gira o bastão prateado entre os dedos. Os olhos de Malachi me encontram e ele inclina a cabeça em direção à porta quebrada, me dizendo silenciosamente para sair.

Corro sem pensar duas vezes, me livrando da mão de Parker quando ele me alcança.

Paro ao lado de Malachi, cujo olhar agora está fixo em Parker.

— Obrigada — digo. — O idiota ia me fazer chupar ele e seus amigos.

Parker levanta as mãos enquanto Malachi levanta o bastão e avança em sua direção.

— Mentira, cara. Ela é uma mentirosa! Ela...

Parker é silenciado pelo bastão que atinge a lateral de seu rosto, derrubando-o de lado.

Eu saio correndo de lá no momento em que vejo meu irmão agarrar Parker pelo cabelo e dar um soco forte no seu nariz, quebrando-o instantaneamente.



— Olivia? Malachi? — a voz em pânico da minha mãe chega aos meus ouvidos quando a porta da frente se abre. Sinto mãos gentis e ensanguentadas em meus ombros enquanto meu irmão me leva para dentro. — Jamieson! Malachi está coberto de sangue!

Ouçõ passos pesados e em seguida meu pai.

— O que diabos aconteceu?

— Da próxima vez que você me quiser me juntar com alguém, tenha certeza de que ele não é um pedaço de merda — respondo bruscamente. — Parker e seus amigos iam me atacar. Ele disse que se eu não concordasse, ele diria ao mundo que você pagou para ele tirar minha virgindade.

Mamãe pressiona a mão no peito.

— Ele te machucou?

Meu queixo treme enquanto lágrimas escorrem pelo meu rosto e balanço a cabeça.

— Enviei minha localização para Malachi, e ele chegou lá antes que eles pudessem fazer qualquer coisa. Ele e seus dez amigos iam... — Paro, meu estômago revirando. — Nunca mais me junte com alguém como ele.

— Dez deles? — papai grita. — Aquele pedaço de merda.

Mas então o olhar ardente e fumegante de Malachi se volta para mamãe, como se ele tivesse acabado de perceber o que eu disse.

— *Você pagou alguém para foder minha irmã?*

Ela leva um segundo para perceber que ele se comunicou com ela.

— Não fale assim — ela repreende. — E eu fiz isso para ajudar você, Olivia. Eu nunca pretendi que ele te atacasse.

Papai se aproxima dela, olhando feio.

— Espere. Eu ouvi certo? Você pagou o maldito Parker Melrose para dormir com a minha filha?

— Ele disse não para o acordo! Eu tive que fazê-lo dizer sim! Ela era virgem e ele não queria alguém inocente!

A mandíbula do meu pai treme e suas narinas se dilatam da mesma forma que as do meu irmão fazem quando está bravo.

— Falarei com você mais tarde sobre isso.

Ele me dá um sorriso caloroso.

— Eu vou consertar isso, anjo. Ninguém tenta machucar minha filha e sai impune. — Ele se afasta, gritando por cima do ombro: — Malachi, pegue seu taco de baseball e me encontre na garagem.

— Ah, ele já lidou com eles.

Papai para e se vira.

— O quê?

— A situação já está resolvida.

— *Eu já cuidei deles, pai* — Malachi sinaliza, e meus olhos se arregalaram. Malachi nunca fala com ele. *Nunca*. Muito menos o chama de pai. Isso atinge meu pai, e percebo que ele quer abraçar meu irmão, mas não o faz.

— Boa, filho. Se algum policial aparecer, eu lidarei com eles. — Ele aponta para as escadas. — Tome um banho. Você está coberto de sangue e está manchando os tapetes da sua mãe.

Pouco tempo depois, estou no chuveiro e deixo a água escorrer pelo meu corpo, ouvindo “In Flames” do Digital Daggers baixinho no meu pequeno alto-falante.

Malachi está sentado na minha pia, me observando em silêncio. Os nós dos seus dedos estão abertos e sangrando, e ele continua com os punhos cerrados enquanto esfrega o rosto e balança a cabeça. Malachi quebrou as pernas de Parker com o bastão e enfiou o cabo na garganta de um dos outros, deslocando a mandíbula e o fazendo vomitar sangue.

Seus amigos lidaram com o resto.

Não acho que nenhum deles vá me incomodar novamente.

Parker definitivamente não entrará em contato tão cedo. Até o papai criticou a mamãe por causa da questão do pagamento secreto, até que ela chorou e pediu desculpas.

O acordo com a família de Parker acabou: provavelmente serei forçada a me casar com Adam.

Que merda.

Pelo menos eu sei que Adam nunca me machucaria. Ele é muito delicado e querido; mesmo quando tive que dormir com ele, ele tremia muito e se desculpava repetidamente porque não conseguia ficar duro.

Eu não quero me casar — *nunca*.

Meu irmão abre a porta do chuveiro e entra. Meus olhos o seguem enquanto ele molha o cabelo na água, e eu arfo ao ver o sangue escorrendo de seu cabelo preto.

— *Não é meu* — ele sinaliza. — *Não tenho certeza de quem é. Foi um banho de sangue.*

— Sabe... — eu começo, pigarreando enquanto olho para seu short, que está ficando encharcado pelo chuveiro. — Normalmente as pessoas tomam banho nuas.

Ele pisca e depois olha para mim enquanto continua esfregando o sangue de seu cabelo e nuca.

— Como exatamente caiu tanto sangue de outra pessoa em seu cabelo?

— *Foi uma bagunça* — ele sinaliza. — *Você está bem?*

Eu dou de ombros.

— Merdas acontecem. Eu não deveria ter ido lá.

Ele inclina a cabeça, franzindo a testa.

— *Você sabe que nada disso foi culpa sua, certo?*

— Eu meio que me coloquei nessa posição indo para lá. Se eu não tivesse mandado minha localização para você...

Ele suspira silenciosamente.

— *Sempre se culpando. E você não vai sair com mais ninguém. Diga para aquele outro cara ir se foder.*

— Receio que essa não seja uma decisão sua, irmão.

Ele geme e fecha os olhos, sinalizando: — *Não me chame assim agora.*

— Por quê? — pergunto quando ele mantém os olhos fechados.

— *Porque eu quero fazer coisas com você, e você me chamando assim me dá vontade de fazer coisas ainda mais sujas com a sua boca.*

Minha boca fecha, e eu paro de respirar. Ele fica excitado quando eu o chamo de irmão? Isso é... permitido? É errado?

Eu não acho que realmente me importo.

— Você ainda precisa de aulas? Você parece estar sabendo tudo.

Ele não responde, apenas esfrega o sabonete no peito e lambe os lábios enquanto franze a testa para mim.

— Ou... — Paro, deslizando minha mão em seu peito, colocando-a sobre a sua e sentindo seu coração batendo forte. — Eu poderia te ensinar algo que quero muito que você faça comigo.

Ele assente com a cabeça e eu deslizo minha mão até seu ombro, mantendo meus olhos nos dele enquanto aplico pressão, empurrando-o para baixo. Quando ele inclina a cabeça, eu digo: — Fique de joelhos para a sua irmãzinha, Malachi.

Seu pau desperta entre nós, batendo contra meu umbigo, e eu arqueio uma sobancelha com seu silêncio.

Um de cada vez, ele fica de joelhos, minha mão ainda em seu ombro poderoso, tenso com os músculos que ele vem construindo desde os dezesseis anos. Seguro seu queixo, me inclino e dou um beijo em sua boca.

— Eu quero que você me prove — digo contra seus lábios. — Eu quero sua boca em mim. Quer que eu te ensine?

Seus lábios se abrem, as pupilas se expandindo enquanto ele assente. Acho que ele nem está respirando.

Eu me endireito, e seus olhos escuros permanecem em mim, caindo até meu umbigo enquanto suas palmas deslizam pelas minhas coxas enquanto a água corre por todo o meu corpo como uma fonte.

Ele está esperando instruções e o olhar perdido em seu rosto me deixa tonta — Malachi Vize, inocente apenas para mim, de joelhos para a irmã, como se eu fosse sua dona.

E eu sou.

— Use sua língua primeiro — instruo, separando meus dedos para mostrar meu clitóris. — Bem aqui. Me lamba.

Seus os olhos azuis queimam em minha alma enquanto ele aproxima o rosto da minha boceta aberta, seu hálito quente me atingindo e me deixa totalmente tensa. Malachi achata a língua contra meu clitóris e eu solto meus lábios para poder pressionar as palmas das mãos na parede ao meu lado.

Me mantendo em pé com as pernas trêmulas, olho para baixo enquanto ele passa a língua nas minhas dobras, chupando-as levemente. Lambendo lentamente da entrada ao clitóris, ele me deixa tensa com cada movimento de sua língua, a ponta deslizando contra a minha entrada.

Ele recua e já sinto falta de sua boca na minha boceta.

— *Estou fazendo certo?*

— Sim. — Eu respiro fundo. — Meu Deus, sim. Está muito bom, Malachi. Continue fazendo assim e chupe meu clitóris também — eu sussurro, colocando minha mão na parte de trás de sua cabeça e guiando-o de volta para minha boceta.

Malachi sorri de canto, e eu sou lançada de volta à felicidade quando ele enterra o rosto entre minhas pernas, dando atenção ao meu clitóris com lambidas, chupadas e um leve roçar de seus dentes. Seus dedos estão cravados na parte de trás das minhas coxas, provavelmente machucando-as, enquanto ele suga meu clitóris em sua boca e gira sua língua em torno dele.

Abro mais minhas pernas, minha boca escancarada em gritos silenciosos, minhas costas afundando contra a parede do chuveiro, enquanto monto sua língua, desesperada para que o calor dela penetre profundamente em minha boceta. Para Malachi se levantar e me foder.

Passo meus dedos pelo seu cabelo preto e o puxo, usando meu aperto como um estímulo para foder seu rosto, choramingando quando sua língua quase entra em mim, mas ele continua focado apenas no meu clitóris, e eu quero mais.

— Coloque a língua para fora — eu ordeno, e ele olha para mim através de seus longos e grossos cílios escuros, fazendo o que eu digo.

Eu me movo contra a sua língua rígida, e quando ela entra em mim levemente, preciso cobrir minha boca para abafar um gemido enquanto

Malachi entende o que eu quero e força sua língua dentro de mim, sugando, devorando e a empurrando para dentro e para fora enquanto segura minha bunda com as duas mãos, separando minha boceta por outro ângulo.

— Você vai me fazer gozar — gemo. — Continue. Você está indo tão bem, Malachi.

Isso me estimula ainda mais, e quando as pontas dos dedos dele abrem meu buraco traseiro, Malachi alterna entre chupar meu clitóris e me foder com a língua.

Estico minhas mãos até minha bunda, onde as suas estão, e suspiro quando meu corpo começa a se iluminar, minhas terminações nervosas brilham e meus olhos reviram.

— Use os dedos — ordeno, e quase grito para a mansão inteira enquanto ele empurra a ponta do dedo no meu buraco traseiro em vez de na minha boceta, mas eu não o impeço.

Eu monto seu rosto e dedo enquanto ele entra e sai de mim, indo mais fundo enquanto empurro as costas de sua mão, gemendo alto sem me importar se nossos pais conseguem nos ouvir.

— Você está indo tão bem, Malachi — eu elogio, agarrando sua outra mão e envolvendo meus dedos em torno de dois dos seus. — Enfie eles dentro da minha boceta enquanto você chupa meu clitóris. Foda meus dois buracos com os dedos.

Seus dentes roçam meu clitóris enquanto ele empurra dois dedos para dentro assim que o outro dedo desliza de volta para minha bunda e eu cubro minha boca sufocando um grito quando tudo me atinge.

O orgasmo que meu irmão tira de mim me faz revirar os olhos, mal conseguindo ficar de pé enquanto meus joelhos dobram com a intensidade. Malachi está me segurando, empurrando nós dois contra a parede, ainda fodendo minhas duas entradas com os dedos e chupando meu clitóris com tanta força que acho que vai deixar marcas também.

Eu me esfrego contra sua boca a cada pulsação, a cada aperto de minhas paredes internas em torno de seus dedos, e ele lambe meus sucos enquanto lentamente liberta seus dedos. Estremeço quando ele força sua língua dentro de

mim novamente, me chupando e engolindo, sem afastar os olhos uma única vez.

Seu lábio inferior se arrasta desde a minha entrada, subindo e passando por meu clitóris e parando no meu umbigo.

— *Foi bom?*

Eu coro com o jeito que ele está sorrindo para mim. A luz em seus olhos retornou e suas mãos abaixam para apertar delicadamente minhas coxas e me manter de pé, ainda de joelhos enquanto a água o encharca. Seus lábios estão em carne viva, e quando eu aceno com a cabeça e sorrio, me inclinando para beijá-lo, eu arfo enquanto ele me arrasta até o chão do chuveiro e me beija até ficarmos ainda mais sem fôlego.

Fico de joelhos novamente, sentindo seus piercings com a língua enquanto engulo seu pau, e ele investe em minha boca enquanto puxa dolorosamente meu cabelo.

Malachi goza na minha garganta, não na minha boca, e eu engulo cada gota antes de sairmos do chuveiro, me beijando contra a pia, enrolados em toalhas, suas mãos segurando meu rosto enquanto ele inclina minha cabeça para me beijar ainda mais profundamente, com mais fome e mordendo meus lábios e língua até que ambos estejamos secos. Em seguida ele me leva para a cama e me joga no colchão, e eu rio.

Ele se abaixa para me beijar e a parte irritante do meu cérebro me faz levantar a mão para detê-lo, pressionando meus dedos em seus lábios.

Ele franze as sobrancelhas.

— *O que foi?*

— Tenho medo de que, se continuarmos fazendo isso, eu comece a me apaixonar por você. E nós... eu e você... é impossível.

Ele se senta na beirada da minha cama.

— *Foram apenas aulas para você.*

Não foi uma pergunta, foi uma afirmação. Algo que poderia ter sido verdade meses atrás, quando ele me pediu para lhe mostrar como beijar, mas agora? Não consigo nem pensar em mais ninguém sem que seu rosto, suas mãos, seu corpo se infiltrem em minha mente.

— Elas significam mais para você?

— *Não sei* — Malachi sinaliza, e parece genuinamente perplexo. — *Eu não entendo o que sinto. É diferente. Como se eu não tivesse nenhum controle.*

Seu diagnóstico vem à mente e eu seguro sua mão.

— Talvez devêssemos parar antes que fique ainda mais confuso. Você se sentiria confortável com outra pessoa agora que... fizemos coisas, ou ainda precisa de aulas?

— *Não posso simplesmente permanecer confortável com você?*

— Sou sua irmã.

— *E?*

Eu dou uma risada.

— Você quer que nosso pai tenha um ataque cardíaco?

Ele me lança um olhar que diz que ele definitivamente quer isso — então eu o puxo para a cama comigo e nos beijamos novamente, completamente exaustos enquanto ambos adormecemos.



CAPÍTULO 8

Olivia

Antes de ir para o treino de líder de torcida, mamãe quer que eu vá às compras com ela para comprar móveis para a nova adoção: uma menina de cinco anos chamada Molly. Ela foi tirada de sua mãe depois que os médicos encontraram drogas no organismo da menina. Os pais receberam muitos avisos, mas nem sequer tentaram mudar pelo bem dos filhos.

Meu pai recebeu o caso dela quando o pai estava sendo acusado de estuprar sua esposa — e Jamieson Vize, sendo Jamieson Vize, sabia que precisava salvar a garota com uma história quase idêntica à minha.

Ela se junta à família na próxima semana.

Malachi não liga — ele odeia crianças e provavelmente ficará longe dela. Os últimos três meses foram... divertidos. Quando não estamos nos deitando escondidos e continuando nossas “aulas”, nos escondemos em algum lugar da casa enquanto um de nós pratica nossas habilidades orais ou nos beijamos até ficarmos satisfeitos.

O que é nunca.

Mamãe me deu um pouco de liberdade, se é que posso chamar assim. Ela quer que eu me case com Adam agora que Parker está fora de cogitação, mas ela me disse para esperar um ano antes que o acordo desse sequência. Assim, posso

aproveitar a “vida de solteira” até me tornar inevitavelmente a Sra. Adam Peckham.

Sendo eu a ótima filha que sou, concordei.

Malachi não está nada feliz com isso; fica claro pela maneira como ele olha para mamãe sempre que ela está por perto, e até mesmo papai tem mantido distância dela desde que descobriu sobre a recompensa secreta que ela deu a Parker.

Ele não fez nada além de se desculpar comigo. Ele me disse que nunca venderia a virgindade da filha e que está pensando em se divorciar da nossa mãe por causa das ações dela, mas ainda a ama, então não o fará. Não que eu queira que eles se separem.

— Vou para a casa de Abbi hoje à noite — anuncio. — Ela vai fazer uma festinha para comemorar o aniversário de dezenove anos. — Os olhos do meu irmão lentamente se voltam para mim e ele balança a cabeça.

— *Não.*

Eu torço meu nariz.

— *Não se atreva a tentar me dizer o que fazer* — sinalizo de volta enquanto mamãe está de costas. — *Eu vou dormir lá e você não vai me impedir.*

— *Vou sim.*

Eu bufo e balanço a cabeça.

— *Vai se foder.*

— *Vou fazer isso também.*

O rubor em minhas bochechas me trai, e eu o chuto por baixo da mesa, fazendo-o tossir e rir enquanto come seu cereal.

— *Estou apenas sendo honesto, irmãzinha.*

Estou cansada de todo mundo querendo controlar a minha vida, então o ignoro e sorrio para minha mãe.

— Você pode me levar? Não quero ter vontade de dirigir alcoolizada para casa mais tarde.

Malachi se endireita. Ele não gosta quando eu saio para beber. Nós não saímos porque não temos vinte e um anos e não temos identidades falsas, mas é muito fácil conseguir bebida para festas em casa.

— Claro, querida. Você já decidiu para onde quer ir aos seus dezenove anos? Poderíamos ir acampar de novo, ou talvez ir para a Flórida? Ah, espere, você não disse que queria visitar a Europa?

— Talvez Paris — digo, inclinando a cabeça de um lado para o outro. — Vou convidar Abbi para ir conosco.

Assim que termino de comer, vou até o segundo andar para vasculhar o closet da minha mãe, procurando os sapatos que ela roubou de mim. Ligo a luz e pulo quando vejo alguém parado atrás de mim no reflexo do espelho.

— Droga, seu idiota! Não chegue assim atrás de mim!

Malachi encosta o ombro no batente da porta.

— *Devíamos fazer mais aulas. Estamos presos na mesma há meses.*

Levantando meu quadril, cruzo os braços.

— Porque você disse que queria ficar no oral por mais tempo para praticar mais. E, honestamente, você não precisa de mais aulas. Tenho certeza de que você consegue descobrir o resto sozinho. — Eu sorrio com a raiva tomando conta de seus olhos. — É bem mais uma questão de instinto daqui em diante. Suas habilidades sexuais são... boas.

Ele estreita os olhos e dá um passo para dentro do closet, fazendo meus pelos se arrepiarem.

— *Boas* — ele sinaliza, levantando uma sobrancelha. — *Só boas?*

Para ser idiota, eu sorrio.

— Sim. Agora vá se foder. Estou ocupada e você é a última pessoa com quem quero conversar depois de me dizer para não ir à casa de Abbi esta noite. Qual o problema, afinal? Você acha que pode me deixar de joelhos e me dizer o que fazer da minha vida?

Malachi rapidamente diminui a distância entre nós, e minha postura vacila quando minhas costas batem na parede, tentando mantê-lo o mais longe possível. Mamãe e papai estão em casa — eles poderiam facilmente subir as escadas e nos ver. Talvez isso não tenha nos impedido antes, pois adoro a emoção e o medo de ser pega, mas estou tentando ficar brava com ele e quero continuar brava.

Isso o impede? Não, claro que não — ele se inclina, colocando o nariz logo acima da minha orelha para inalar o cheiro do meu cabelo enquanto sua colônia me distrai. Sempre cheirando meu cabelo, sempre esfregando-o entre os dedos. A ponta de seu nariz roça minha orelha, e fico toda tensa quando ele morde meu lóbulo. Minha boceta lateja e sei que minha atitude está prestes a se dissipar, e a próxima aula pode começar a qualquer momento.

Malachi morde levemente, e eu inclino minha cabeça para o lado para lhe dar mais acesso, alongando minha garganta para que ele possa beijar toda a extensão dela e sugar minha pele de um jeito que me faz tremer e causar ondas quentes de prazer que pulsam entre as minhas pernas.

Sua língua lambe minha pulsação, e eu a sinto bombear de forma irregular quando sua mão segura meu quadril, me prendendo no lugar enquanto sua outra mão desliza sob meu uniforme de torcida, tocando suavemente o material encharcado. Consigo ver as palavras em seus olhos. *Tão molhada, irmãzinha.*

Meus lábios se abrem em um gemido quando ele aplica pressão no meu clitóris, mas desaparece assim que ele o faz pois ele afasta a mão e acaricia meu peito com sua palma, bem entre meus seios e sobre meu coração, provavelmente o sentindo quase saltando para fora das minhas costelas. Está batendo como um tambor para ele. Batidas fortes, combinando com meu pulso, e ele a mantém ali enquanto captura minha boca em um beijo abrasador.

Ele se afasta e fico sem fôlego quando ele pressiona sua testa na minha, segurando meu quadril com uma mão enquanto a outra ainda repousa sobre meu coração palpitante. O coração que temo já pertencer ao meu irmão.

Essa constatação me quebra, e meus olhos começam a lacrimejar quando olho para ele. Suas sobrancelhas franzem e ele inclina a cabeça interrogativamente enquanto uma lágrima escorre pela minha bochecha.

— Não posso me casar com você — sussurro. — Mamãe vai me fazer casar com algum idiota, e eu nunca poderei ter você.

Isso é a coisa errada para se dizer a ele? Malachi provavelmente não sente o mesmo. Ele não é capaz de sentir essas emoções, mas preciso ser honesta comigo mesma, pelo menos uma vez, que isso poderia ser, ou já é, algo a mais do que apenas ensiná-lo a ser sexual com alguém.

Ele admitiu que se sentia diferente, algo que não conseguia controlar. Então há uma chance de que ele pense em mim em outro jeito além de apenas sua irmã professora.

Sentimentos idiotas. Por que eu não poderia ter sentimentos por Adam? Por que Malachi? Por que meu irmão?

Sem palavras, ele desliza a mão do meu coração, até meu peito, e envolve os dedos em volta da minha garganta antes de pressionar sua boca na minha.

O beijo é brutal, duro e firme enquanto sua mão encontra o caminho de volta por baixo da minha saia e desliza os dedos sobre a mancha molhada da minha calcinha novamente.

— *Vou perguntar a Olivia se ela quer vir* — papai diz, mas estou muito envolvida no momento para me importar com o que eles estão falando enquanto Malachi desliza o tecido para o lado e enfia dois dedos dentro de mim, me fazendo bufar violentamente contra sua boca. — *Onde ela está?*

— *Acho que ela está no closet procurando um par de sapatos.*

Assim que o calor começa a aumentar, os passos pesados do meu pai chegam aos meus ouvidos, e eu suspiro e empurro meu irmão para longe de mim, arrumando minha calcinha de volta no lugar enquanto saio correndo do armário, fechando-o com Malachi ainda dentro.

— Oi! — digo, muito animada, considerando que seu filho simplesmente me prendeu na parede e estava me beijando com os dedos dentro da minha boceta. Minhas coxas ainda estão tremendo, encharcadas, com necessidade de gozar. Acho que meus olhos estão vesgos e definitivamente vermelhos.

Temos feito essas aulas há meses, mas Malachi tem um talento natural para beijar e usar os dedos desde o início.

É típico de Malachi Vize ser bom em algo de primeira, mesmo quando se trata de brincar com sua irmã mais nova, fazê-la choramingar seu nome e elogiá-la enquanto a devora.

— Vai ter um dia de visitação pública na empresa na próxima semana. Eu ia perguntar se você queria ir com seu irmão — papai diz enquanto ajeita a gravata.

Ah, essas palavras.

Sim, eu adoraria ir com meu irmão. Talvez ele me leve em sua moto e me coma nela. Ou melhor, contra ela?

Não, doente. Doente, doente, doente. Droga.

— Claro — respondo. — Vou ver se não tenho treino.

— Ótimo, anjo. Você sempre foi uma boa garota. Se apresse antes que sua mãe fique entediada e queime a casa enquanto tenta fazer outro bolo.

Por mais que ela adore, minha mãe não sabe cozinhar.

Desço as escadas correndo e me xingando já que deixei para trás os sapatos que iria usar. Eu me contento com os que estou usando e pego minha bolsa, prestes a sair no momento em que Malachi entra no saguão principal, com os olhos em mim enquanto lambe o lábio inferior.

— Você limpou a cama da sua tarântula? — eu pergunto disfarçando.

Ele balança a cabeça e eu estremeço. Ainda odeio aranhas — saio correndo do quarto dele sempre que ele decide brincar com aquele monstro peludo.

Quem brinca com uma maldita aranha e acha divertido? Ele é louco.

Mamãe sai primeiro, e o peito de Malachi ainda está subindo e descendo intensamente e seus olhos famintos percorrem meu uniforme de líder de torcida enquanto ele agarra meu pulso antes que eu possa ir atrás de nossa mãe.

— *Venha para o meu quarto quando chegar em casa mais tarde.*

Meu sorriso é ofuscante e mordo o lábio como se minha paixonite de ensino médio estivesse flertando comigo. Olho ao redor para ter certeza de que ninguém consegue nos ver e fico na ponta dos pés, lhe dando um beijo casto nos lábios.

— Iremos para a próxima aula, então — sussurro. — E eu quero ouvir sua voz enquanto pulo em seu pau.

Suas narinas se dilatam e dou um passo para trás, certa de que seu pau está ficando duro enquanto saio da mansão, rindo quando ouço meu celular vibrar com uma mensagem que sei que é dele.

Malachi:

Já que você está me ensinando tudo, pode me ensinar a dizer seu nome? Talvez eu erre

algumas vezes, mas quero aprender a dizê-lo.

Eu esperava algo sujo, mas minhas sobrancelhas franzem enquanto releio a mensagem com o coração disparado no peito. O carinho que sinto com isso me faz lutar contra um sorriso e um rubor invade meu rosto. Ele não disse uma palavra desde que veio morar conosco, mas quer falar o meu nome. O que isso significa?

Respondo com um “claro” e fecho a tela enquanto mamãe liga o rádio do seu SUV e vai em direção ao shopping.



Depois que mamãe me arrasta por inúmeras lojas e me faz carregar todas as suas sacolas, ela me deixa na casa de Abigail. Nós treinamos juntas desde os treze anos. Ela é a engraçada, a que vê o lado positivo em todas as situações ruins. Ela também é bem baixa comparada a mim e tem um cabelo roxo curto para combinar com sua personalidade. Somos meio que o oposto uma da outra, mas talvez seja por isso que somos melhores amigas?

Abbi está sempre reclamando que seu cabelo nunca chega ao comprimento dos meus cachos castanhos, mas ela os descolore a cada duas semanas, então o que ela espera?

Ela sai pela porta da frente, bufando e mostrando o dedo do meio ao pai quando a porta se fecha.

— Idiota — murmura. — Você ainda vai dormir aqui esta noite?

— Claro — respondo, embora queira dizer que não, que mudei de ideia. Quero que Malachi entre furtivamente pela minha janela, me acorde ou não, e enterre o rosto entre as minhas pernas.

Pensar em acordar no meio daquela cena criou a visão perfeita em minha cabeça — algo que vou mencionar para Malachi. Talvez ele goste, talvez não, mas quero que seja ele quem viva a fantasia comigo.

Não tenho certeza se isso significa alguma coisa, mas sempre gostei de algo mais bruto. Abbi diz que sou BDSM, mas não sou. Não gosto de mordanças e

chicotes, mas da ideia de ser perseguida? Degradada? Usada contra a minha vontade?

Gosto da ideia de ser fodida selvagemmente. De fugir de alguém — dele. Ficar apavorada durante o orgasmo. Quero ser sufocada até minha visão ficar embaçada enquanto Malachi me fode com os dedos — enquanto ele força seu pau em qualquer buraco e me faz sangrar, chorar e gritar por Deus.

Há algo de errado comigo?

Talvez seja a família de onde venho, que me expôs a uma vida vil quando era jovem demais, antes de ser resgatada. Mas certamente algo assim não poderia me levar a ter tais fantasias, certo?

Devo perguntar ao meu irmão se ele sente o mesmo, já que temos experiências semelhantes?

Não. Acho que Malachi ficaria mortificado se eu contasse a ele as coisas que se passam na minha cabeça — já é ruim o suficiente ele colocar a mão na minha garganta e me sufocar, mesmo que o modo como ele me roube o ar me deixe ainda mais molhada. Mas, novamente, ele gosta de agradar, e pedir para ele me destruir sexualmente definitivamente não é agradar.

A hora de treinos se arrasta. Quero ir para casa e me deitar na cama, assistir a um filme e comer besteiras, e não ficar bêbada com um monte de universitários. Tentamos várias poses em pirâmide comigo no topo, sendo jogada para a frente e pousando de costas. Anna quase me deixa cair e pede desculpas repetidas vezes, mas dou um tapinha em seu ombro.

— Está tudo bem. Só se concentre mais.

Suas bochechas ficam vermelhas.

Anna, a loira com quem Malachi teve um encontro há alguns meses. Bem, eu não diria um encontro, já que ele surtou e foi embora, mas mesmo assim... ele concordou com o encontro. Isso significa que ele se sente atraído por ela? Ele ainda conversa com ela?

Anna é linda, e, para acrescentar à minha lista de coisas para ter ciúmes, ela também é uma pessoa adorável. É o melhor dos dois mundos. É alguém com uma grande alma e que parece ter nascido para ser uma supermodelo.

Ela é magra e bronzada. Inteligente. Ela também foi rainha do baile, então não faz sentido ela querer sair com Malachi, considerando que ele ainda é visto como uma aberração. O garoto estranho que nunca teve amigos até sair da escola — o fumante que anda de moto e precisa que a irmã lhe mostre como beijar.

Terminamos o treino e vamos até o vestiário para tomar banho e se trocar. Vou até o meu armário no fundo, longe de todos, pego minhas coisas e as coloco no banco, escovando meus cabelos enquanto todas conversam do lado oposto do meu armário.

— Você vai na festa de Abbi hoje à noite? — ouço uma das garotas perguntar. — Ouvi dizer que ela convidou vários meninos.

— Estou de olho em uma pessoa — outra menina responde. — Você acha que Malachi Vize estará lá?

— O mudo gostoso? O que parece que quer matar todo mundo e passa uma vibe de pau grande?

Faço uma pausa enquanto vasculho minha mochila de ginástica, escutando como se estivesse ouvindo uma fofoca. Mesmo quando minha frequência cardíaca acelera, me concentro em suas palavras abafadas.

— Sim, ele. Era com ele que Anna estava no quarto alguns meses atrás. Acho que ela o chupou ou algo do tipo.

— Sério? Eu pensei que eles tinham transado.

Franzo a testa e deixo cair minha camiseta, colocando meu cabelo para trás da orelha como se isso fosse ajudar minha audição.

— Anna disse isso? Talvez sim. Ei, você acha que ele geme? Ou será que ele apenas...respira pesado? Será que devemos perguntar a ela se os rumores são verdade e ele realmente tem um piercing no pau?

Cerro os dentes e enfio o resto das minhas coisas na mochila, com meus olhos já ardendo. A porta se abre antes que eu possa me mostrar presente, e mais garotas entram.

— Ah, Anna! Tenho uma dúvida sobre o mudo. Você transou com ele há alguns meses na festa? E se sim, ele geme?

— Shhhh! Olivia é irmã dele — Anna sibila. — Não quero que as coisas fiquem estranhas na equipe se ela descobrir que estou transando com o irmão dela.

— Então você ainda está transando com ele? Nos conte os detalhes! Ele é grande? Dominante? Ele grava uma marca satânica em seu corpo com sangue de ovelha enquanto fode você?

— Jesus, Danara, se acalme.

— Estou perguntando o que todas vocês estão pensando.

Já estou farta, acabo de colocar minhas coisas na mochila, prendo o cabelo para trás, saio de perto dos armários e passo pelas meninas, principalmente Danara. Eu as ignoro enquanto saio do vestiário e sinto lágrimas ardentes começando a escorrer pelo meu rosto.

A traição dói.

Eu ouço alguém chamar meu nome, mas fodam-se elas. Fodam-se todas elas por falarem sobre meu irmão como se ele fosse um esquisito. E foda-se meu irmão por mentir para mim.

Ele entrou no meu quarto e me pediu para ensiná-lo porque surtou no encontro com Anna, mas ele tinha de fato transado com ela? Ele ainda estava transando com ela?

É por isso que ele era tão natural em tudo que fazia comigo?

Enquanto voo até o ponto de ônibus, me recusando a pegar carona com Abbi, pego meu celular com meus dedos tremendo e digito seu nome para exibir seus dados de contato. Eu nunca ligo — não faz sentido ligar já que ele não fala. Ele provavelmente nem atenderá. Mas ele não precisa dizer uma palavra, o idiota só precisa me ouvir.

Três toques e depois silêncio, a chamada sendo completada sem aquela saudação habitual. Não tenho intenção de chorar, mas as lágrimas encharcam meu rosto enquanto pequenas lufadas de ar escapam dos meus pulmões, audíveis o suficiente para que ele saiba que estou chateada.

— Como você ousa, Malachi. Como você se atreve? Você mentiu para mim. Você... V-você mentiu. Você mentiu e me enganou para lhe ensinar tudo, sua maldita aberração. Eu pensei que estava ajudando você e estava me apaixonando

por você no processo, mas o tempo todo você sabia muito bem o que fazer! Que tipo de doente faz isso? Sou sua irmã! E eu... eu estava...

Cubro a boca com as costas da mão e me agacho no estacionamento, soluçando contra a minha mão.

— Espero que transar com Anna tenha valido a pena arruinar esse relacionamento fodido que tivemos. Você nunca mais chegará perto de mim, Malachi. — Balanço a cabeça, meu queixo tremendo. — Nunca. Eu te odeio. Eu te odeio pra caralho.

Consigo ouvi-lo respirando pesadamente do outro lado da linha e uma mensagem chega.

Malachi:

Onde você está?

— Vai se foder. — Eu cuspo as palavras antes de desligar.



CAPÍTULO 9

Olivia

— *Tem certeza de que está bem, anjo?*

Suspiro, subindo a grande escadaria.

— Sim, só tendo um dia difícil. Não quis te deixar preocupado. — Liguei para ele assim que desliguei na cara de Malachi, em lágrimas, com o coração partido, mas quando atendeu, congelei, sem saber o que dizer.

Não quero que meu pai fique decepcionado comigo e, por mais que eu despreze Malachi, não quero que ele se meta em problemas por manipular sua irmã mais nova a praticar atos sexuais com ele.

Eu fungo e ele bufa.

— *Você está mentindo para mim, mas conversaremos quando eu chegar em casa.*

— Ok — sussurro. — Eu te amo, pai.

— *Eu também te amo, anjo. Vá descansar um pouco. Vou levar comida para você e seu irmão.*

Minha mandíbula contrai e coloco um sorriso falso no rosto.

— Obrigada.

Ele desliga e eu fecho os olhos, parada na porta pressionando a testa contra a madeira. Meu coração está dolorido — *isso é possível?* Sinto como se tivesse sido traída por um namorado de longa data ou como se alguém tivesse me desse um soco no estômago e arrancado meu coração fora.

Quando entro no meu quarto, Malachi está sentado na minha cama, de costas para mim, com o capuz levantado, acendendo um cigarro e fazendo meu quarto escuro — ele fechou as cortinas — brilhar.

Eu congelo na porta.

— Saia! — eu grito. — Não quero nem olhar para você.

Ele se vira para mim, mas eu desvio o olhar, me recusando a olhar em seus olhos.

— Vá embora, Malachi. — Bufo e me encosto na porta, exausta de tanto chorar. — O que quer que estávamos fazendo acabou. Quero que você saia do meu quarto e nunca mais chegue perto de mim.

Ele está sinalizando algo, mas não estou olhando para ele.

Suas botas vêm rapidamente em minha direção e sinto uma pressão em meu queixo me forçando a olhar para ele, mas continuo olhando para o lado. Não quero olhar para o rosto dele ou ouvir a desculpa idiota que ele vai dar. Quero que ele saia da minha vida, ou pelo menos da porra do meu quarto.

— Você pode, por favor, sair do meu quarto? — pergunto, minha voz embargada, quebrando como meu coração. — Você me machucou e eu não consigo olhar para você.

Ele segura meu rosto entre as mãos, pressionando a testa na minha e respirando pesadamente. Eu me afasto quando ele tenta me beijar, minha mão se move sozinha e dou um tapa no rosto dele.

— Dê o fora daqui!

Ele tenta se comunicar com as mãos novamente, mas eu o interrompo, agarrando seus dedos. É a pior e mais depreciativa maneira de tratá-lo, de silenciar sua única maneira de falar, mas eu não me importo. Ele me machucou e não quero ouvir o lado dele.

Eu o empurro no peito e caminho até minha penteadeira, pegando o maior frasco de perfume que havia ali e jogando nele, acertando seu ombro.

— Vá embora!

Ele balança a cabeça e vem até mim.

— *Me deixe explicar, porra!* — ele sinaliza.

— Vai se foder — falo bruscamente, dando um tapa no rosto dele novamente quando ele chega perto o suficiente, com a bochecha já vermelha. — Eu te odeio, você entende isso, sua aberração? Eu te odeio por me enganar. Por me manipular para fazer coisas para você.

Malachi tenta sinalizar novamente, mas eu agarro seus dedos, torcendo-os e o fazendo cerrar os dentes de desconforto, mas ele não me impede. É como se ele estivesse gostando da dor, do jeito que bato nele, da voz que uso enquanto grito com ele.

E aquela vozinha sombria no fundo da minha cabeça também diz que gosta.

Eu empurro seu peito de novo e de novo e de novo, até que ele agarre meus pulsos e me empurre contra a parede. Sua boca se abre, como se ele estivesse tentando dizer alguma coisa, seus lábios tomando a forma de algo, mas nenhum som sai deles até que ele sussurra.

— Ol... Ol... N-n...

Balanço a cabeça e passo por baixo do braço dele, agarrando a maçaneta da porta.

— Vá — eu digo severamente. — Apenas... vá, Malachi. Não há nada para resolver aqui.

— *Iríamos ser os primeiros um do outro* — ele sinaliza, seus olhos procurando meu rosto de forma irregular. — *Nós íamos...*

Eu me afasto dele e rio, saindo do meu quarto e andando rapidamente pelo corredor, balançando a cabeça.

— Eu não sou virgem, Malachi. Não sou desde os dezesseis anos! — Eu me viro para encará-lo novamente e vejo suas mãos derrotadas ao seu lado. — E aparentemente você também não!

— *Não sou um mentiroso* — Malachi sinaliza. — *Acredite em mim.*

— Eu nunca vou acreditar em você de novo.

Eu me afasto dele, mas ele agarra meu cabelo e me gira para trás, pressionando sua boca na minha. Dou um tapa em seu peito para afastá-lo, mas

estou presa contra a parede enquanto sua língua se intromete entre meus lábios, com seu braço em volta das minhas costas enquanto ele tenta me beijar.

Minhas unhas arrastam por sua bochecha e ele arfa em minha boca.

Tento dar uma joelhada nele, mas ele agarra minha perna e a leva até seu quadril, e não tenho certeza de quando minhas mãos começam a passar pelo seu cabelo, ou quando começo a beijá-lo de volta, mas é entorpecente, e não consigo me impedir de gemer suavemente.

Malachi me prende sob seu feitiço tortuoso enquanto devora minha boca, provavelmente sabendo que é a última vez que vou deixá-lo me beijar. Parece diferente. Não sou a única pessoa que ele beijou e ele mentiu. Ele mentiu e me enganou, e eu deveria odiá-lo.

Eu não deveria me esfregar contra ele, sentindo o prazer correr através de mim, ou aproveitar a forma como sua língua se lança com força contra a minha.

Ele morde e chupa minha língua, apertando ainda mais minhas costas enquanto sua mão acaricia minha bunda.

Pequenas lufadas de ar entram em minha boca enquanto eu cravo meus dentes em seu lábio — com força — me certificando de machucá-lo.

— Eu te odeio — ofego, me afastando um pouco para olhá-lo nos olhos. Ele observa uma lágrima deslizar pela minha bochecha, a capturando com a língua antes de inclinar a cabeça e sugar meu pescoço, me fazendo gemer.

Minha mão cai entre nós sob sua cintura e eu envolvo meus dedos em torno de seu pênis, sentindo os piercings. Eu o acaricio enquanto ele marca meu pescoço e seu aperto na minha bunda fica cada vez mais doloroso enquanto ele empurra minha mão.

Sua excitação já está vazando e se espalhando pela minha mão, e eu empurro seu peito o suficiente para cair de joelhos, puxando seus shorts enquanto avanço. Seu pênis salta livre, duro, longo e grosso, bem na minha frente.

Olhando para Malachi, agarro a base.

— Espero que quando você vir outras pessoas de joelhos para você, você me veja, sua inocente irmãzinha, com seu pau na boca. Espero que quando eu estiver fora da sua vida, você sinta saudades dessa visão, porque assim que você

gozar na minha garganta e eu engolir todo o seu esperma, você vai arrumar suas coisas e ir embora.

Ele engole seco, a palma da mão pressionando a parede acima da minha cabeça.

— Você entendeu? — eu forço, cravando minhas unhas em seu pau, o fazendo estremecer e ficar mais duro.

Assentindo com a cabeça, ele segura meu cabelo com as duas mãos e empurra minha boca para frente, me amordaçando enquanto os piercings deslizam contra minha língua e o aro atinge o fundo da minha garganta.

Lambo sua excitação, girando minha língua em torno da ponta enquanto ele descansa a testa na parede, ofegante, suando. A força que ele usa para apertar meu cabelo é quase insuportável.

Eu paro ofegante depois de alguns minutos dele martelando minha garganta, e quando ele incha mais, ele puxa seu para fora, com saliva conectando meus lábios ao seu pau. Ele olha para mim, com fúria nos olhos e cospe na minha cara.

— Mas que merda...

Malachi me empurra de costas, deitando-se em cima de mim, forçando sua língua em minha boca enquanto força seu comprimento contra meu jeans.

Ele geme silenciosamente e se abaixa, desabotoando minha calça e puxa com força para baixo. Ele a tira minhas pernas e a joga para trás, fazendo voar pela grande escadaria em que estamos no topo.

— *Diga que você está apaixonada por mim, irmãzinha* — ele sinaliza se inclinando sobre meu corpo seminu.

— Não — digo entre dentes cerrados.

Ele dá um soco no chão próximo à minha cabeça e meu corpo paralisa.

— *Diga que me ama. Diga que você sente o mesmo que eu sinto!*

Levanto meu queixo.

— Eu não te amo, Malachi. Eu nunca poderia amar alguém como você.

Sua mandíbula tensiona.

— *Por que eu não posso falar? Por que eu não posso te dizer o quão deslumbrante você é a cada segundo de cada dia? Por que não consigo respirar sem*

estar perto de você? Alguém como eu... sou diferente; não consigo ser normal para você. Não consigo te defender sem usar meus punhos ou meu bastão, e não posso te tocar ao mesmo tempo em que digo que você é tudo para mim. Não posso sussurrar palavras doces contra sua boca e não posso me casar com você, porque não apenas sou seu irmão, mas também sou defeituoso.

Ele fica de joelhos, com as mãos enlouquecidas enquanto sinaliza rapidamente, os olhos vermelhos com uma mistura de desgosto e raiva que não tenho ideia de como conter.

— *Acredite ou não, mas você é a única pessoa na minha vida, e sempre foi. E quando você der seu último suspiro, ou eu der o meu, isso não vai mudar. Você. É. Minha. Minha maldita propriedade, entendeu?*

Um momento passa. Outro. E outro, e engulo em seco enquanto solto um soluço suave.

— Você nem é capaz de sentir amor, então tudo que você está dizendo é outra mentira. — Cubro meu rosto enquanto meu corpo se despedaça a cada choro, meu coração partido pelo irmão que nunca poderei ter.

Não olho para ele, então não consigo ver o que ele está sinalizando, então ele bate em meus braços para me fazer olhar, mas recuso e choro mais um pouco.

Até que o choro se transforma em um gemido, e Malachi posiciona sua boca sobre a minha boceta, deslizando a língua pela minha entrada. Ainda não tiro as mãos do rosto, mesmo enquanto acompanho sua boca quando ele se afasta, cospe no meu clitóris e chupa a carne macia das minhas dobras me fazendo estremecer. Ele separa meus lábios com os dedos e enfia o rosto entre minhas pernas, cortando seu oxigênio.

Minhas costas se curvam e eu grito, liberando meus sucos por toda sua língua enquanto ele me fode e sua mão separa minhas pernas para eu me abrir ainda mais para ele.

— Ai, Deus — eu gemo, tremendo enquanto um orgasmo já se constrói. — Você vai me fazer gozar, Malachi. Porra. Porra, porra, porra! — choramingo, tentando levantar meus quadris, mas ele está me segurando firme no lugar, com meu clitóris entre os dentes enquanto cospe e chupa. Meus olhos se abrem

enquanto ele afunda um dedo na minha bunda e outros dois ao mesmo tempo na minha boceta.

Fico tensa em todos os lugares quando ele libera seus dedos, agarra minhas coxas e sua língua penetra em minha entrada, lambendo todos os meus sucos enquanto minhas paredes internas vibram.

— Anjo?

A voz do meu pai vem do pé da escada, e de alguma forma consigo me apoiar nos cotovelos enquanto Malachi aperta forte minhas coxas. O suor cobre minha pele quando vejo meu pai parado com meus jeans descartados na mão, com uma expressão horrorizada.

— Papai? — eu sussurro, meus olhos reviram enquanto minha coluna se arrepia, meus seios ficam sensíveis e meu irmão continua me comendo, apesar do meu pai estar presente.

Ele sobe as escadas correndo, parando ao ver quem está destruindo a boceta de sua filha.

— Malachi!

Papai agarra seu ombro e tenta afastá-lo de mim, mas o aperto do meu irmão não vacila, nem os golpes de sua língua, e nós dois somos arrastados pelo chão enquanto papai tenta tirá-lo de cima de mim.

Meu irmão não para e meus olhos se fecham enquanto meu pai tenta novamente. Sua boca se desconecta da minha boceta e eu choramingo com a perda. A próxima coisa que vejo é Malachi sendo tirado de cima de mim e papai dando um soco nele.

O nariz de Malachi está sangrando quando ele se levanta, juntando algo na boca antes de agarrar o queixo de papai e cuspir em seu rosto.

— *Sua filha tem um gosto delicioso* — ele sinaliza. — *Pena que ela é toda minha.*

A compreensão o atinge e papai faz uma careta enquanto enxuga o rosto.

— Seu pedaço de merda! — Ele se lança em direção a Malachi, que sorri enquanto dá socos no rosto de nosso pai repetidas vezes.

Dobro os joelhos para me esconder, me encostando na parede enquanto ele agarra as lapelas do paletó do meu pai e bate a cabeça em seu rosto com tanta

força que meu pai cai para trás.

— Ela é sua irmã, porra! — papai grita enquanto tenta se levantar, espalhando sangue pelo rosto. Malachi ri silenciosamente, passando as costas da mão na boca, espalhando o sangue escorrendo do nariz e depois o chuta no rosto.

— Pare! — eu grito. — Não se atreva a bater nele de novo. — Seus olhos se voltam para mim e eu me encolho.

Mas então ele cerra os punhos e tensiona o maxilar como se uma raiva líquida tivesse sido injetada em suas veias. Ele agarra papai pelos cabelos e lhe dá uma joelhada no rosto, jogando-o para trás. Em seguida sobe em cima dele e acerta soco após soco, soco após soco, em seu rosto.

— Para! — eu grito, tentando tirar Malachi de cima dele, mas ele me ignora, arrasta nosso pai até as escadas e o chuta para baixo.

Ele bate a cabeça no caminho, e enquanto tento correr até ele, Malachi me agarra pelos cabelos e me força a segui-lo. Dou um tapa em seus braços, arranhando-o e gritando para ele me soltar, mas quando chegamos ao final da escada, meu pai está caído no chão, com sangue escorrendo de sua cabeça.

— Não! — Corro até ele e Malachi me permite. Seguro o rosto ensanguentado do meu pai entre as mãos. — Papai? Papai, você consegue me ouvir?

Uma presença atrás de mim me faz congelar, e olho por cima do ombro para encontrar Malachi de joelhos atrás de mim, acariciando seu pênis da base até a ponta com todos os seus piercings. Seu lábio inferior está preso entre os dentes, e eu suspiro quando ele puxa minha camiseta para baixo.

Tento me sentar, mas ele agarra minha nuca e me mantém de quatro, empurrando minha cabeça contra o peito do meu pai. Seu coração está batendo muito rápido enquanto Malachi alinha a cabeça de seu pau na minha entrada.

Ele não vai...

Contra a minha turbulência interior e o medo de que meu pai possa estar morrendo, minha boceta dói por ele. É vil, errado e doentio, mas preciso dele dentro de mim.

Malachi esfrega seus piercings contra meu núcleo, espalhando minha excitação, seus dedos cavando mais fundo em minha nuca enquanto ele enfia a cabeça, centímetro por centímetro, e minha respiração falha devido à espessura e à maneira como meu corpo não consegue acomodar seu tamanho quase me rasgando quando ele se empurra até o fundo.

Sua respiração está falhando, e aposto que se ele usasse sua voz, sairiam gemidos profundos e prazerosos enquanto ele relaxa, me fodendo com força. Estou lutando para respirar com a intensidade da sensação. Um líquido quente se acumula em volta dos meus joelhos e sei que é o sangue do meu pai.

Meu corpo avança cada vez que Malachi se empurra dentro de mim, e me sinto tão suja por estar gostando. Estou gostando do meu irmão me fodendo em cima do corpo inerte do meu pai. Seu coração está batendo, mas o sangue ainda está se acumulando ao meu redor, e eu grito quando Malachi dá um tapa na minha bunda e vai com mais força e mais rápido, jogando meu pai e eu no chão enquanto ele enrola meu cabelo em seu punho e o usa para puxar minha cabeça para trás.

Com seus quadris batendo nos meus, ele ofega, segurando minha cintura enquanto suas estocadas se tornam ainda mais fortes. O metal que reveste seu pênis se esfrega em um ponto bem específico meu, meus olhos reviram e minhas terminações nervosas chiam enquanto eu choramingo.

— Mais forte — gemo, envergonhada por estar amando a sensação de seu pau me preenchendo. — Mais forte, Malachi.

Ele o faz. Cada estocada de seus quadris faz meus pulmões ameaçarem pegar fogo, e a dor em meu couro cabeludo faz minha coluna torcer tão deliciosamente que vejo estrelas se formando em minha visão.

Meu irmão se inclina para frente, colando seu torso nas minhas costas, e inclina minha cabeça para que ele possa me beijar. É brutal, contundente, e ele me fode enquanto engole meus gemidos e meus suspiros para que ele vá mais rápido, mais fundo e para me fazer gozar em todo o seu pau.

Ele respira pesadamente em minha boca enquanto diminui seus movimentos, indo fundo e arrastando o metal contra o ponto que me deixa tensa.

— Vai me fazer gozar no pau do meu irmão? — eu sussurro.

Ele assente com a cabeça, a boca aberta enquanto geme silenciosamente e solta meu cabelo, deslizando a mão pelas minhas costelas e entre meus seios para que ele possa apertar meu pescoço.

Minhas palavras são interrompidas, junto com meu ar, e meus olhos sentem a pressão enquanto Malachi me atinge. Minhas paredes internas se agarram ao seu pau, e um calor prazeroso dispara dos meus dedos dos pés até o meu núcleo, enquanto eu grito e gozo por todo o seu pau.

Eu me aperto em torno de sua espessura repetidamente enquanto minhas costas arqueiam, e ele diminui a velocidade para atingir seu próprio orgasmo enquanto me enche com cada gota de seu gozo proibido.

Malachi fica parado no lugar por apenas um segundo antes de sair de mim e se afastar. Ele fica de pé enquanto eu me apoio nas palmas das mãos, observando todo o sangue que eu não tinha percebido antes e que estava em meu rosto, mãos e peito.

Minhas mãos tremem, embora nem de longe tanto quanto minhas pernas quando me sento, e olho para Malachi guardado seu pau e enxugando o rosto enquanto respira pesadamente. Olho para o corpo do meu pai, sangrando e se contorcendo, com meus olhos arregalados e encaro Malachi novamente. Ele não parece se importar quando me abaixo para verificar o pulso do meu pai, que está fraco, mas presente.

— Pai, fique comigo. Vou levar você para o hospital — digo com a voz trêmula enquanto visto minha calcinha e calça jeans, o gozo de Malachi já vazando de mim.

Passo por Malachi e corro para a cozinha, batendo com o punho no botão de emergência na parede, enviando sinais para o carro de polícia e ambulância mais próximos.

Olho para Malachi enquanto ele me segue de volta até o corpo do meu pai.

— Vou te dar uma vantagem — rosno, tremendo enquanto as sirenes já soam por perto. — Corra, Malachi.



PARTE DOIS
OITO ANOS
DEPOIS



CAPÍTULO 10

Malachi

Minha linda Olivia.

Minha linda, inteligente e perturbada Olivia. Você pode até enganar todo mundo com sua gentileza, com seus sorrisos calorosos e sua voz suave, usando-os para conseguir o que deseja na vida — mas eu te conheço. Eu te conheço de verdade. Não essa fachada falsa que você mostra para quem está perto de você — sua postura, seu estilo de roupa, a maneira como você deixa escapar aqueles gemidos delicados quando você monta sua própria mão, pensando no que poderíamos ter tido se você não tivesse testemunhado contra mim.

Conheço a profundidade da sua depravação e a forma como a sua mente funciona. Eu conheço você mais do que você mesma, sua safada.

O toque da minha irmã adotiva é como uma tatuagem na minha pele mesmo agora, tantos anos depois. A maneira como ela choramingou meu nome contra meus lábios, como a força de sua boceta agarrou meu pau quando eu a fodi sobre o corpo de nosso pai moribundo, coberto de sangue.

Estou apenas ganhando tempo. Esperando nas sombras e a observando receber os presentes que deixo para ela. Eles a deixam nervosa. Ela odeia chocolates, flores e joias, então eu a encho deles. Ela está apavorada, mas acho que ela gosta de ficar com medo. Não, eu sei que ela gosta da emoção do medo.

Seu diário detalha seus desejos sombrios; o quanto ela deseja ser perseguida, sequestrada e fodida. Então, sendo o irmão mais velho sempre amoroso que sou, pretendo dar vida a todas as suas fantasias fodidas enquanto ela implora pelo meu perdão.

Olivia está esperando por mim — o irmão que saiu da prisão há seis meses. Ela me procura e pesquisa meu nome na internet cinco vezes por dia, tentando descobrir onde estou, mandando mensagens para as amigas dizendo que se eu fosse atrás dela, já teria ido.

Ainda tenho as mensagens de voz que ela deixou na minha caixa postal. Mensagens bêbadas. Tristes. Irritadas. Eu ouvi todas, salvei no meu computador para poder ouvi-la chorando, dizendo que me odeia, mas sente minha falta, que sente muito pela maneira como tudo aconteceu quando éramos adolescentes.

Desculpe. Desculpe desculpe, desculpe. Malditas desculpas.

Essa maldita palavra ecoa na minha psique — uma maldição que não me deixa em paz.

Desculpa é apenas uma palavra usada para tentar se safar de algo, para evitar problemas se você for pego em flagrante. Desculpa é uma palavra desgraçada de oito letras que nem deveria ser usada. Deveria ser abolida da porra do dicionário. As ações falam mais alto que as palavras, e se ela sente tanto quanto diz em suas mensagens de voz, então por que às vezes parece tão feliz? Por que ela sai para festas com amigas? Beija caras que — surpreendentemente — desaparecem dias depois?

Por que ela dança pelo seu apartamento, cantando canções ridículas sobre amor? Por que ela está vivendo a vida sem mim?

Se a vadia está arrependida, por que ela só me procura na internet e não na vida real? Por que ela não está vindo atrás de mim?

Me irrita pra caralho que ela não tenha me visitado, nem uma vez. Recusei toda e qualquer visita de outras pessoas, mas pedi que ela viesse me ver. Escrevi para ela nos primeiros dois anos, esperando pacientemente por uma resposta, uma visita, um sorriso na porra do meu rosto que nunca veio.

Ela me deixou lá para apodrecer.

Bem, irmãzinha, não precisa mais me procurar. Estou bem aqui e pretendo ficar por aqui até quebrar você.

Vou quebrá-la do jeito que ela me quebrou. Vou deixá-la apavorada, fazê-la gritar por socorro enquanto fodo sua bunda apertada e forço a me mostrar que está arrependida.

Durante esses oito anos, não me comuniquei com uma única alma. Guardo minha voz para mim mesmo, onde ninguém mais pode ouvi-la, desde os cinco anos de idade. A única vez que tentei usá-la, tive dificuldade em pronunciar o nome dela, e Olivia gritou comigo dizendo que eu era um mentiroso, que ela me odiava, que tínhamos terminado, e me deu um tapa na cara antes que eu pudesse dizer o nome dela.

Estou preso no meu próprio purgatório desde que nasci — o esquisito, a ovelha negra, o coitado mudo que é obcecado pela irmã mais nova.

Quero dizer, quem não seria obcecado por ela?

Ficando atrás dela — não muito longe, mas perto o suficiente para que eu possa ver o contorno cor de pêssego de sua bunda naquele vestido apertado e endurecedor de pau — enfio as mãos nos bolsos e mantenho os olhos nela.

Sua pele de porcelana brilha ao sol enquanto ela anda com o rosto preso no celular, ignorando o mundo exterior como se não houvesse centenas de pessoas passando por ela.

É a mesma rotina todas as manhãs. Eu atrás dela sem ser visto. Ela com aqueles saltos ridiculamente altos, virando à esquerda e entrando na pequena cafeteria para seu habitual café da manhã. Enquanto eu fumo um cigarro do outro lado da rua, ela faz o pedido, verifica as revistas em busca de novidades e depois sorri para o barista. O mesmo barista que imaginei cortado em cubinhos e em saquinhos no meu freezer.

A única razão pela qual a pessoa não está morta é que o sorriso da minha irmã desaparecerá assim que ela sair, e então ela virará à esquerda em direção ao tribunal. Não é longe de onde moramos. Uma caminhada curta que me traz alegria por estar no mesmo caminho que ela enquanto ouço seus saltos batendo na calçada. Com o capuz levantado, o boné escondendo a maior parte do meu rosto e com a cabeça baixa, ela nunca percebe que eu a acompanho até o trabalho.

Minha irmã trabalha com nossa mãe. É assistente. Uma assistente gostosa que faz todos os idiotas babarem sempre que ela entra. Eles não se importam

que ela esteja noiva — para minha própria consternação — mas estou chocado que tenha demorado tanto para mamãe prendê-la a alguém. Adam revelou-se gay, Parker ainda não consegue andar direito e todos os outros pretendentes que ela teve nos últimos seis meses desapareceram misteriosamente.

De nada, Olivia.

Eles não foram suficientes para você. Ninguém será, exceto eu.

O cara com quem ela supostamente se casará é um empresário que fez um acordo com nossos pais. Eles investiriam juntos, construiriam um império, mas apenas se Olivia Vize se casasse com seu filho, Xander.

Ela nem conheceu ainda o filho da puta. Mamãe parece estar dando a ela um tempo antes do casamento ser marcado. Um casamento que vou botar fogo se acontecer. Vou me certificar de matar meu pai desta vez, e estrangular minha mãe com seus intestinos e forçar Olivia a se casar comigo, então vou enjaular a cadela e alimentá-la com meu pau quando ela estiver com fome.

Assim que Olivia desaparece no prédio, vou para o apartamento dela, como faço todos os dias. É a mesma rotina, a mesma jornada. Acordarei no meu apartamento — coincidentemente em frente ao dela — e observarei as câmeras enquanto ela toma banho, se veste, come algo e depois pego meu casaco quando ela sai de casa.

Passamos muito tempo juntos, eu e minha irmã; ela só não sabe disso.

Meu momento favorito é quando ela bebe o álcool batizado que tem na geladeira. Eu posso vir e cuidar dela. Às vezes, lavo seu cabelo e faço carinho nela na cama. Outras vezes, vejo-a cambalear pelo apartamento, no escuro, pensando que a minha sombra faz parte dos seus pesadelos.

A porra do controle que eu sempre preciso ter quando ela começa a tirar a roupa enquanto está drogada... eu mereço uma maldita medalha por não enfiar meu pau em sua boceta ou boca.

Abro a porta e inspiro profundamente, apreciando seu perfume, que está por todo o apartamento. É a única vez que consigo sentir o cheiro dela, exceto quando estou brincando com sua forma inconsciente.

Meu apartamento fica no mesmo nível do dela, mas do outro lado da rua. Fiquei meio chocado por ela não estar vivendo em alguma mansão como a que fomos criados, é como se ela quisesse um pouco de normalidade antes de ser

jogada na vida do idiota rico a quem ela está prometida. Ainda preciso lidar com ele, mas a proteção pesada que ele tem em volta dele é meio chata.

Verifico se todas as câmeras ainda estão escondidas, sirvo café para mim — do mesmo jeito que Olivia faz o dela — e me sento no sofá. Levantando os pés, suspiro e olho para as fotos espalhadas pela parede.

Tem uma dela se formando na faculdade, embora ela não use sua qualificação. Ela com um cachorro que morreu há um ano. Ela e um namorado que teve enquanto eu estava preso por oito anos — por culpa dela, aliás. E algumas fotos com amigas.

E a minha preferida, a maior da parede, uma de nós dois. Ela beijando minha bochecha quando tínhamos dezesseis e dezessete anos, quando eu estava confuso sobre porque eu ficava com tesão toda vez que olhava para minha irmã.

Olivia deixa um colar sobre a moldura com uma imagem menor de nós mais jovens dentro. Eu estou de costas para ela na praia. Eu parecia um idiota — sem tatuagens, sem músculos — e estava usando uma camiseta azul que dizia algo sobre malditos tubarões.

Mamãe sabia que eu odiava tubarões, mas ela comprou para mim mesmo assim.

Foda-se ela também. Desenhei um bigode na foto dela, mas Olivia ainda não percebeu. *Foda-se aquela família inteira.*

Exceto a filha. Ela é gostosa e está meio que tatuada no meu cérebro.

Minha querida, doce e inocente irmã. Ainda consigo ver seu rosto perturbado diante de mim algemado e a maneira como ela não conseguia me olhar enquanto testemunhava contra mim, acabando por me mandar para a prisão por tentativa de homicídio contra seu precioso pai.

Nosso pai teve danos cerebrais — perda de memória e do uso de algumas partes do corpo. Ela escapou sem perder o status de Vize, já que nosso pai não se lembra do motivo da briga. Ele interrompeu minha refeição — talvez agora ele saiba que não deve tirar minha comida, idiota.

Ele deveria ter morrido. Eu queria que ele morresse. Eu ainda quero. Ele demanda muito a atenção de Olivia — ela está sempre andando com ele na cadeira de rodas, abrindo comida para ele, o alimentando. Ela beija sua

bochecha toda vez que sai da mansão. Eu sei disso porque também tenho câmeras instaladas lá. Tenho câmeras aonde quer que ela vá.

Minha garota nunca precisa se preocupar com alguém a machucando, porque seu irmão maravilhoso, ex-presidiário e aparentemente psicótico está livre e a mantém fora de perigo.

É uma pena que não possa protegê-la de mim mesmo. A traição dela não é algo que eu consiga ignorar como todo o resto. Olivia transando com outras pessoas enquanto eu estava trancafiado, tendo relacionamentos, sendo feliz, era algo inaceitável, mas deixei tudo de lado depois de eliminar cada elemento. Mas ganhar meu perdão não será fácil — deixarei aquela prostituta implorando de joelhos para que eu a perdoe por todos os seus malditos pecados contra mim.

Seu laptop apita, eu baixo os pés e caminho até sua pequena mesa. A tela se ilumina e vejo mensagens indo e vindo entre ela e suas amigas em uma conversa em grupo. Elas estão discutindo o Halloween neste final de semana, um festival ao qual desejam ir. Uma de suas amigas, Anna, que causou toda essa merda colossal, diz que não irá a festas enquanto estiver grávida de gêmeos, e outra pergunta se elas não estão velhas demais para festas.

Não vou mentir, Anna tem sorte de eu me importar com a amiga dela e com sua opinião sobre mim, porque eu pretendia estrangulá-la quando saísse da prisão. Até fui ao endereço dela no meio da noite e planejei onde esconderia o corpo dela — mas, claro, ela tinha que engravidar, não é? Olivia nunca me perdoaria se eu a matasse. Estou bravo com minha irmã, mas não quero dar a ela mais motivos para me odiar.

Ainda não é um jogo justo.

Olivia manda a ela o emoji do dedo médio, e eu rio enquanto tomo meu café em sua caneca que diz: *Esta Princesa Ama Abraços*.

Abigail:

Temos 26 anos, sua idiota! Só porque você sossegou na vida não significa que precisamos também. Pare de ser estraga-prazeres e escolha uma fantasia.

Olivia:

Já escolhi a minha. Você conseguiu a roupa da Hera Venenosa?

Abigail: Sim! Mal posso esperar para ver a sua. Você ainda vai de noiva gótica em homenagem aos seus queridos pais?

Olivia:

Sou muito madura. ;) Eu me endireito, olhando para o quarto dela. Está arrumado. A porra da casa inteira está arrumada, Olivia é louca com limpeza. Adoro vê-la colocando música e dançando de calcinha enquanto passa o aspirador de pó pela casa. É um dos meus passatempos favoritos de se fazer com o meu pau na mão.

Abro seu guarda-roupa, vejo a fantasia que não estava lá ontem e meu pau endurece com a maldita imagem dela vestida de noiva de preto — o tutu e espartilho pretos, a meia-calça e uma cinta-liga também pretas...esfrego o material do véu, engolindo em seco com a possibilidade de perdê-la para algum idiota quando ela se casar.

Bato a porta do guarda-roupa com mais força do que o necessário, cerro os punhos e fecho os olhos com força.

Respire, Malachi. Porra, respire e não destrua o lugar.

Foco. Se controle.

Abro os olhos e me afasto.

Se minha garota vai sair no Halloween, parece que eu também vou. Mal posso esperar para o reencontro do meu pau com sua boceta — aquela vez com ela sobre o corpo caído do nosso pai se repete em minha mente, mas não foi o suficiente.

Depois de ler em seu diário que ela adoraria ser fodida enquanto estivesse inconsciente, fiquei tentado a transar com ela em seu estado drogado e a enfiar meu pau na sua bunda, mas quero os olhos dela em mim — eu a quero lúcida vendo eu tirar dela o que ela tirou de mim.

Quero ouvi-la gritando de medo e prazer enquanto ela remolda sua garganta ao meu pau e clama por misericórdia. Uma misericórdia que não vou dar a ela. Essa merdinha tirou oito anos de mim. E neste final de semana, enquanto ela estiver vestida de noiva safada, vou fazê-la pagar.

Depois de comer uma de suas maçãs e jogar fora o caroço, chuto intencionalmente o cesto de roupa suja, deixo a tampa do vaso sanitário levantada e coloco os chocolates na mesa. Olho ao redor mais uma vez antes de sair e coloco meu capacete e minhas luvas enquanto atravesso a rua em direção à minha motocicleta.

A loja de fantasias mais próxima não fica tão longe, e não posso deixar de me sentir animado — ela gosta de sentir medo quando está excitada, e ela vai ficar aterrorizada enquanto eu a persigo e a sufoco até a beira da morte.



CAPÍTULO 11

Malachi

A loja de fantasias tem um cheiro estranho.

Crânios por toda parte. Máscaras de hóquei. Alguns rostos vazios. Contemplo a máscara preta com uma aranha, mas quero algo mais grandioso. A máscara de Jason parece estar coberta de poeira de anos atrás, e eu olho para o canto da loja, onde há uma fileira de outras três máscaras.

Botas pesadas me levam até lá, a luz acima de mim tremeluzindo como se eu fosse algum tipo de entidade maligna assombrando o lugar.

Meu olhar cai sobre uma máscara de gás preta — duas câmaras de cada lado, parecendo enferrujadas e os olhos cobertos por uma malha. Meu lábio se curva em um sorriso, e eu a pego, sentindo seu peso em minhas mãos, a textura áspera do desenho, imaginando usá-la com minha querida Olivia não tendo ideia de que sou eu por trás da máscara enquanto ela chupa meu pau.

Nada mais aqui chama minha atenção, então pago e volto para meu apartamento. Depois de tomar banho e preparar o jantar, me sento à minha mesa. Telas cobrem a parede à minha frente, mostrando todos os lugares que Olivia vai, e procuro em cada uma delas para encontrá-la.

Ela está na cozinha de uma amiga, bebendo de uma caneca e rindo de algo que o marido de Anna está dizendo. Sua amiga esfrega a barriga de grávida e

Olivia pressiona a mão contra ela, arregalando os olhos. Não vejo razão para ela estar feliz. Por que Olivia está sorrindo assim?

Na minha opinião, os bebês são reencarnações do diabo, então não tenho nenhum desejo de me tornar pai. Eu seria péssimo, de qualquer maneira. Eu nunca iria querer que uma versão em miniatura minha roubasse a atenção da minha irmã. Eu sou um merda, por que iria querer outro de mim?

Quando enchi Olivia com meu gozo, adorei a forma como escorria de sua entrada. Queria espalhar o líquido sobre sua boceta e depois enfiar de volta para dentro, não querendo desperdiçar uma gota. Mas eu nunca quis engravidá-la — isso teria sido um desastre.

No primeiro ano da minha prisão, pensei que o silêncio de Olivia fosse porque ela estava grávida — que eu tinha a engravidado com aquela única vez, e até comecei a perguntar a ela por cartas se a criança era minha, me enganando e me fazendo acreditar que existia uma criança lá fora que estava tirando toda a atenção dela de mim.

Ela não estava me visitando porque tinha um idiota grudado nela.

Felizmente, ela ainda não tem filhos e faz uso de anticoncepcional, então nada de gravidez, bebês ou fraldas com merda.

Porra, espere — e se o futuro marido dela quiser engravidá-la?

Me sento e abro a barra de pesquisa em meu computador, procurando se há alguma maneira de realizar uma histerectomia com segurança em casa, mas não consigo encontrar um único artigo. Eu bufo e apoio o cotovelo na mesa, com o punho na têmpora, e me pergunto se poderia drogar o cara e contratar um médico para cortar suas bolas fora.

É menos invasivo do que fazer isso com Olivia. É uma situação em que todos ganham. De qualquer maneira, minha garota não quer ser mãe.

Olivia beija o rosto da amiga, acena para a menina na cadeira de bebê e vai para o carro. Suspiro e a vejo partir, e espero até que ela apareça em outra tela. Dez minutos depois, Olivia para em seu posto de gasolina habitual, paga a gasolina e batatas chips e volta para o carro.

Quando chega em casa, já está escuro. Minhas luzes estão apagadas enquanto paio na janela, observando-a lutar para encontrar a chave da entrada

de seu prédio. Ela deixa cair o celular e bate o pé, o que me faz sorrir enquanto dou uma tragada no meu cigarro.

As pequenas coisas que ela faz me fazem sentir carinho e amor, e preciso me lembrar que ela é uma cobra com um rosto bonito e uma boceta apertada.

Olivia desaparece dentro do prédio, e eu me viro para olhar as telas novamente, mantendo o cigarro entre os lábios enquanto dou zoom em todas as câmeras do apartamento dela. Ela deixa cair as chaves na mesa ao lado da porta, congelando quando vê a caixa de chocolates.

A bolsa escorrega de seu ombro e eu sorrio enquanto ela caminha lentamente em direção a caixa, a levantando e lendo o pequeno bilhete que deixei.

Você está tão linda hoje, doce Olivia.

Como sempre, ela joga os chocolates no lixo e amassa o bilhete antes de jogá-lo fora.

— *Me deixe em paz!* — ela grita, chutando a bolsa irritada e parando ao ver o cesto de roupa suja tombado com as roupas no chão. Ela revira os olhos e verifica suas maçãs, sempre dez, mas eu como uma diariamente, só para irritá-la ainda mais.

O assento do vaso sanitário também está levantado, então ela o bate para fechar e geme para si mesma.

— *Esquisitão de merda* — ela murmura, e meu sorriso desaparece com o uso do insulto que todos costumavam usar para se dirigir a mim.

Ela abre a garrafa de vinho, enche uma taça com o líquido cheio de droga, e espero pacientemente até que ela desmaie no sofá antes de desligar as telas e ir até lá.



Ela está roncando levemente quando chego e o vinho derramado no chão está manchando o tapete. Eu limpo o líquido e a saliva escorrendo da sua boca.

Preparo um banho quente para Olivia, adiciono alguns óleos e espero até que comece a borbulhar. Usando sua impressão digital para desbloquear seu celular, dou play na playlist que ela ouve durante o banho.

Ela está mole em meus braços quando eu a levanto, e paro por um momento quando sua cabeça cai em meu peito e seu cabelo cai em meu rosto. Inspiro, fechando os olhos e enterrando a cabeça em seu ombro, sentindo aquele calor novamente e me perguntando se ela permitiria isso se estivesse consciente.

Duvido. Eu ficaria chocado se ela não tentasse me dar uma surra e depois chamasse a polícia por persegui-la e drogá-la.

Dou um beijo em sua testa e a carrego até o banheiro, nos colocando no chão enquanto uma música de Lana Del Rey toca em seu celular. Puxo as mangas de seu vestido para baixo até que o material esteja em seus quadris, e, em seguida, tiro o sutiã e seus seios empinados saltam enquanto eu os liberto.

Ignorar a intensa necessidade de abocanhar um de seus mamilos é praticamente impossível. Eu gemo interiormente e arranco o resto do vestido pelas pernas, pressionando minha testa em suas canelas e respirando, tentando recuperar a compostura antes de me sentar e enlaçar meus dedos em sua calcinha.

Deslizo o tecido pelas suas pernas macias e suaves para revelar a sua boceta. Cada vez que faço isso, luto muito para não tocá-la. Olivia é pura perfeição — linda, deslumbrante, uma porra de uma obra de arte que nasceu para me deixar mais louco do que já sou.

Meu pau engrossa ainda mais e mordo o lábio enquanto minhas coxas tensionam. Ela está deitada no chão, desmaiada, nua, e sinto como se estivesse morrendo por dentro.

“Se Malachi estivesse fora da prisão, eu gostaria que fosse ele a realizar todas as minhas fantasias”, ela escreveu em seu diário.

Abro suas pernas, fechando os olhos novamente e contando até três, mantendo a mão em sua coxa. Sem olhar, deslizo a palma da mão para cima, soltando um suspiro trêmulo quando alcanço o ápice de sua coxa, com meu polegar em seu centro. Enfio meus dedos em sua pele e meus olhos se abrem enquanto ela choraminga.

Olivia ainda está drogada e longe de estar consciente, mas seus quadris se inclinam levemente para cima, e ela faz um barulho suave quando meu polegar pressiona seu clitóris. Pequenas lufadas de ar escapam de seus lábios enquanto eu esfrego a ponta do meu polegar sobre ele, circulando lentamente com minha boca salivando enquanto me aproximo.

Ela está gostando. Eu deveria continuar.

Separo sua boceta com a outra mão, abrindo-a para mim. Meu rosto mergulha entre suas pernas e eu inalo seu perfume. Meu pau está doendo pra caralho e está implorando para ser libertado dos limites da minha calça.

Quero dizer a ela como sua boceta é inebriante; que sua excitação brilhante na ponta do meu nariz está me deixando louco e essa insanidade está correndo solta em minhas veias. Se eu pudesse usar minha voz, diria a ela como ela é perfeita, que gostaria de poder ficar entre suas pernas para sempre.

Eu não vou falar. Mal consigo formar uma frase, nem mesmo quando estava treinando minhas cordas vocais na cela para conseguir reproduzir quatro sílabas sem pausa.

Patético, sendo bem honesto. Querer dizer o nome de Olivia e não conseguir já me fez socar muitas paredes.

Eu sei falar, porra. Eu sei. Mas eu simplesmente... não consigo sem fazer papel de bobo. Eu gaguejo e meu tom fica confuso. Uma ou duas palavras até soam bem. Contanto que não sejam complicadas.

Quando chegar a hora, encontrarei forças para dizer a ela o que realmente penso e como me sinto quando olho para ela.

Olivia levanta os quadris, tentando alcançar minha boca enquanto eu me afasto. Minha garota me quer. Ela quer ser fodida enquanto dorme.

Sua boceta está brilhando por causa de sua excitação, e eu coloco meu dedo médio dentro dela. Suas paredes me apertam enquanto vou mais fundo, mas logo paro de estimular seu clitóris e substituo meu polegar pela minha boca.

Gemo suavemente contra ela enquanto chupo o seu clitóris, e seus quadris se movem ligeiramente novamente, friccionando sua boceta contra a minha língua e meu dedo. Acrescento um segundo dedo, os curvando dentro dela enquanto giro a língua.

Deliciosa, exatamente como eu me lembro. Eu a fodo com os meus dedos, chupando, mordendo e esfregando meu pau contra a sua perna imóvel. Ela dá um gritinho enquanto molha minha mão inteira com sua liberação, mas paro quando ouço a água escorrendo pela lateral da banheira.

Suspirando, tiro meus dedos dela, fico de joelhos, e fecho a torneira para deixar um pouco de água descer pelo ralo.

Minha raiva não tem limites, porque quero quebrar a banheira por nos interromper.

Desabotoo meu cinto e libero meu pau, apertando a base e o estimulando levemente enquanto observo a umidade em suas coxas e seu buraco clamando pelo meu pau, implorando para eu voltar para casa.

Minhas bolas estão pesadas, precisando de uma libertação, então me acaricio novamente. Meu piercing desliza contra a palma da minha mão enquanto alinho a cabeça do meu pau com a sua boceta, ofegante enquanto empurro para dentro dela.

Putá merda.

Ela é tão apertada, sinto sua boceta me agarrando com a força de um punho.

Vou fazer com que caiba tudo, penso comigo mesmo, me afundando um pouco mais.

Olivia está com um fio de saliva escorrendo pelo queixo. Eu limpo com o polegar e afasto o cabelo de seu rosto enquanto saio alguns centímetros e me empurro de volta até o fundo.

Suas sobrancelhas se unem, e eu pressiono minha testa na dela, inalando seu cheiro enquanto a fodo. Minhas bolas batem contra sua coxa quanto mais rápido eu vou.

Tão molhada, tão minha, mesmo quando ela nem está ciente disso.

Pressiono minha boca na dela e deslizo minha língua entre seus lábios enquanto gemo, a fodendo com mais força, mais rápido e mais fundo. Agarro sua perna e mudo de posição para ter um ângulo melhor do que a posição de missionário.

Consigo sentir o gosto do vinho na minha língua enquanto chupo a dela, e vacilo quando sinto ela me beijar de volta. Ou a tentativa de um beijo. Olivia está se esfregando levemente contra mim — nem perto do modo como estou a martelando — e respirando pesadamente enquanto seus olhos tremem e reviram.

— Malachiiii.

Faço uma pausa, quase gozando dentro dela com meu nome saindo arrastado de seus lábios.

Seus olhos estão fechados. Dou um tapa de leve em sua bochecha, mas Olivia não acorda. Isso significa que ela está sonhando comigo?

Eu recuo e estoco nela com mais força, fazendo suas paredes internas esmagarem meu pau.

Porra. Não transo há oito anos, quase nove, etudo parece tão natural. A maneira como eu me impulsiono para frente, atingindo seu ponto G com meus piercings e arrancando gemidos dela enquanto chupo sua boca. Eu abaixo minha cabeça e coloco um de seus mamilos tensos em minha boca, fazendo suas costas arquearem completamente no chão, me levando ainda mais fundo. Deixo escapar um gemido estrangulado enquanto ela fica mais quente, mais úmida e treme debaixo de mim.

Olivia se engasga com o ar enquanto eu afundo meus dentes em seu mamilo, mordendo com força, certificando-me de que está doendo, o que só faz sua boceta me agarrar repetidas vezes e a faz soltar um grito abafado enquanto eu a fodo até ela alcançar seu orgasmo.

Não demoro muito para acompanhá-la. As minhas bolas se apertam, minhas pernas ficam tensas e a minha coluna fica rígida enquanto a encho com o meu gozo, parando o meu pau profundamente dentro de sua boceta apertada.

Solto seu mamilo e traço uma trilha de beijos pelo seu peito e mandíbula até seus lábios enquanto ela cai em um estado totalmente inconsciente novamente.

Saio de dentro dela, me livro do resto das minhas roupas e a levo para dentro da banheira comigo. Com Olivia de costas para mim, me deito ouvindo a música com os olhos fechados e o coração ainda acelerado.

Bem, isso é relaxante. Normalmente fico nesta posição e tento lutar contra a vontade de tocá-la. Mas como isso já foi resolvido, posso apenas... relaxar.

A pele de Olivia sempre foi macia, com algumas sardas espalhadas por seus ombros, e eu beijo cada uma delas enquanto a lavo, ensopando seu cabelo e pegando seu shampoo com aroma de morango. Adoro a sensação do cabelo dela entre meus dedos e a forma como o shampoo faz espuma em minhas mãos enquanto eu o lavo.

Uso sua esponja em seus braços e pernas, e ela choraminga quando eu a coloco entre as coxas e limpo a evidência do meu gozo. Beijo sua garganta, sentindo a pulsação sob os lábios, antes de envolvê-la em meus braços.

Depois que a seco e coloco um pijama de seda em seu corpo, coloco Olivia na cama e beijo sua testa enquanto puxo as cobertas até seu queixo. Acaricio seu cabelo e o esfrego entre os dedos. Está um pouco molhado — só consegui secar uma parte com a toalha antes de ficar irritado.

Limpo a banheira com um pano, limpo o nosso gozo e a água do chão, e me certifico de que o pequeno tapete está exatamente onde estava antes de eu fodê-la sobre ele. Com as mãos nos quadris, inclino a cabeça e olho para o tecido fofo.

Está reto? Ela perceberá que foi tirado do lugar?

Bufando, apago a luz e vou para a cozinha, parando quando vejo todos os pratos na pia. Meus olhos reviram antes de passar uma água neles, encher a máquina de lavar louça e a ligar. Arrumo a pilha de maçãs, endireito as canecas e depois mordo o lábio enquanto olho ao redor em busca de qualquer outra coisa que eu possa ter mexido antes de Olivia ser drogada.

Já limpei o vinho, mas ainda há uma pequena mancha no carpete, então fico de joelhos e esfrego até que fique imperceptível.

Esvazio o filtro da máquina de café, esvazio a lata de lixo e amarro o saco, deixando-o na porta para eu levar quando sair.

Sério, o que seria dela sem mim?

Olivia ainda está dormindo quando volto para o quarto, então bocejo e me jogo na cama ao lado dela, exausto de arrumar tudo depois de transar com ela.

Pego seu celular, desbloqueio com o dedo e passo pelas suas fotos. Não há nada de novo, mas acidentalmente volto para os álbuns dela e encontro um rotulado como “M” que parece estar bloqueado.

Eu desbloqueio com a impressão digital dela, e um monte de imagens e vídeos aparecem de mim, de nós, da família que nos criou, então passo a hora seguinte deslizando meu dedo sobre a tela. Ela estava sempre tirando fotos ou me gravando. Ela ainda tem fotos de recortes de jornais da minha prisão, da manchete de quando ela testemunhou e de quando quase quebrei a cara do meu advogado quando ele me disse que Olivia virou as costas para mim.

Não me contive quando ela estava no banco das testemunhas — meu intérprete traduziu tudo que eu sinalizei. Deixei o mundo todo saber que minha irmã era uma prostituta, como ela estava sempre de joelhos por mim e que nossa mãe vendeu sua virgindade, mas fui silenciado e rotulado como um louco, embora tenha me recusado a alegar insanidade.

Aqueles poucos dias de julgamento foram um borrão para mim. Eu estava tão bravo com Olivia, mas me arrependo de ter deixado isso escapar. Não que alguém acreditasse em mim — por ter sido considerado louco — mas o que tínhamos era real. Nós transamos, talvez em uma situação um pouco complicada, ultrapassamos todos os limites e eu estava totalmente preparado para contar a todos o que ela significava para mim, mas então a polícia chegou e tudo acabou.

Esperei por ela naquela cela — dia após dia. Mas está tudo bem agora, porque estou aqui.

Eu sorrio enquanto desligo a tela de seu celular e olho para o teto, com a mão atrás da cabeça. Apesar de tudo, consegui transar com a minha irmã novamente. Demorou apenas quase uma maldita década.

Me virando de lado, abro a gaveta e retiro seu diário. É uma completa invasão de privacidade, eu sei, mas isso me permite ver o que se passa em sua cabeça sem precisar abrir seu crânio e inspecionar seu cérebro com uma lupa.

Olivia aborda muito a atividade sexual — o quão inativa ela é, o que me faz sorrir. *Depois desta noite, estaremos oficialmente de volta, minha doce Olivia.* Farei isso todas as noites agora. Ela gozou no meu pau, choramingou meu nome e gemeu, então ela definitivamente gostou.

Que tipo de irmão eu seria se não lhe desse mais?

Ela mencionou algumas vezes o cara do outro lado da rua — eu, aliás. Ela escreve sobre me observar, se perguntando como eu sou sem meu capacete. Uma vez, Olivia escreveu que achava que poderia ser eu, mas rapidamente mudou de ideia, porque se fosse eu, certamente a última coisa que eu faria seria morar do outro lado da rua e dar espaço a ela — se fosse eu — e ela provavelmente estaria morta.

Ridículo — não quero matá-la, eu quero destruí-la. Há uma diferença.

Ela diz que quer reunir coragem suficiente para falar com o motoqueiro; quer dar a ele seu número e de alguma forma convidá-lo para sair. O que, novamente, é hilário e me irrita pra caralho, porque Olivia não tem ideia de quem é. Ele poderia ser um homem de noventa anos, ter o rosto coberto por verrugas, ou, pior, o motoqueiro poderia ser igual aquele idiota do Parker.

Em suas recentes anotações no diário, ela fala sobre se sentir sozinha e como o casamento que sua mãe arranjou a aterroriza. Ela não acha seu futuro marido atraente em nenhuma das fotos que sua mãe lhe enviou por e-mail e acha que ele provavelmente a trairá como seu irmão fez.

Em primeiro lugar, eu não traí. E em segundo lugar, não estávamos em um relacionamento. Eu era seu brinquedinho sexual secreto, alguém que ela pudesse ensinar tudo o que gostava.

Meus olhos caem sobre a pilha de cartas que escrevi para ela — ela as mantém presas por um elástico na gaveta. Algumas estão severamente amassadas, como se ela tivesse ficado brava e amassado, apenas para tentar alisá-las novamente em seguida.

Solto o diário dela, pego a carta de cima e a abro. É a primeira que mandei para ela. Eu leio e balanço a cabeça desaprovando o meu eu mais jovem e idiota.

Frases como “*saudade*”, “*não pensei que fosse possível ficar sem você e agora há um muro enorme entre nós*”, “*você vai me visitar? Sinto muito por ter gritado no tribunal*” e a que menos gosto, de um momento muito sombrio para mim: “*Não me sinto confortável perto dessas pessoas. Eles me chamam de esquisito, como as crianças da escola, porque não falo. Por favor, não me deixe aqui*”, mas ela não me respondeu, nem quando minhas cartas ficaram cada vez mais desesperadas.

Não tive resposta a esta carta, nem à seguinte, nem às cinquenta e tantas depois dessa.

Cheguei até a implorar em algumas dessas cartas, exigindo saber por que ela não tinha ido me ver, se eu tinha feito algo errado. Fiquei confuso por muito tempo, me perguntando — não, calculando — que erro eu havia cometido nos últimos anos.

Eu até disse a ela, em uma carta muito confusa — uma das minhas últimas — que não tinha ideia de como controlar o que sentia por ela e que, se eu tivesse a engravidado, eu iria assumir, mesmo que não tivesse ideia de como ser um bom pai, que se ela me visitasse com meu filho ou filha e me deixasse vê-los, eu tentaria ser alguém melhor.

Ela também não respondeu a essa pergunta.

Eu devia parecer um idiota deprimido.

Me viro para olhar para minha menina, minha irmã mais nova, e passo os dedos pelos seus cabelos. Espero que ela não esteja dolorida amanhã, mas, ao mesmo tempo, espero que ela esteja em pura agonia.

Quando ela acordar, estará confusa, provavelmente pensando que teve um pesadelo, e eu estarei observando-a, seja das sombras ou atrás das telas do meu computador, esperando a próxima oportunidade de atacar.



CAPÍTULO 12

Malachi

O celular de Olivia apita, e eu me sento para ler.

Olivia:

Que horas o festival começa?

Abigail:

As sete, eu acho. Você ainda está doente?

Por favor me diz que não vai cancelar???

Olivia:

Não vou.

Eu sorrio. Ela acordou ontem, confusa e um pouco insegura com os arredores, cambaleou até o banheiro, e eu preendi a respiração, caso não tivesse colocado o pequeno tapete no lugar certo, mas ela apenas se aliviou e tomou banho.

Sua confusão se intensificou quando viu a pia e a lata de lixo vazias, então ela se sentou no sofá e massageou a parte interna das coxas, as mesmas entre as quais eu estive. Olivia pressionou a palma da mão na testa e, através das telas em meu apartamento, eu a observei pesquisar na internet por respostas sobre porque suas coxas estavam doloridas, mas nenhum dos resultados que preencheram a tela era o correto.

A razão pela qual você está dolorida e suas coxas estão um pouco machucadas é porque eu comi você, Olivia. E você adorou. Também não será a última vez, irmãzinha. Eu vou te foder de novo. E de novo. E de novo, até você perder a voz como eu fiz e chorar silenciosamente até perceber que ainda me ama.

Continuo sorrindo. Também continuo falando comigo mesmo na minha cabeça, como se minha irmã estivesse lá, presa na escuridão da minha mente — fico um pouco mais saciado só de imaginar isso; acreditar que ela consegue ouvir tudo o que estou pensando, mesmo que eu levasse no mínimo uma hora para realmente pronunciar as palavras.

Talvez eu seja meio louco.

Outra mensagem chega: Olivia dizendo que vai sair mais cedo do trabalho e irá para a casa de Abigail se arrumar antes de irem para o festival. Fica no meio do nada, um celeiro abandonado em uma fazenda afastada que agora é um local designado para festas durante o ano todo.

Cantarolo para mim mesmo enquanto vejo Olivia voltando para casa nas minhas telas — o que me irrita porque ela tem um carro perfeitamente funcional na garagem do apartamento. Por que andar e mostrar a todos seus peitos empinados naquele vestido justo e sua bunda cor de pêssego? Por que sorrir para alguém quando passam por você? Por que você não está sorrindo para mim?

Quando percebo que meus cigarros estão quase acabando, me visto, coloco meu moletom preto e minhas botas, e pego meu capacete ao sair pela porta. Mantenho o software de monitoramento aberto no meu celular enquanto desço os lances de escada, me recusando a pegar o elevador porque perderei o sinal. Eu passo pelas câmeras, tentando encontrá-la, e quando chego à porta da frente, coloco meu capacete e saio.

Minha moto está estacionada do lado de fora. É nova: uma Kawasaki preta importada do Japão. Rápida pra caralho e linda de se ver. É meu orgulho e alegria — depois de Olivia, obviamente.

Eu congelo quando meus olhos se levantam e encontro meu objetivo principal na vida caminhando em minha direção. Seu cabelo voa ao vento, seus olhos brilham e em sua mão está uma cesta cheia de frutas.

Espera. Olivia está vindo direto para mim. Porra. Minha viseira não é transparente, não é? Não. Eu me certifiquei de que não fosse.

Ela consegue ver minhas tatuagens? Ela não tem ideia de que eu tenho uma tatuagem no pescoço, certo? Porra, por que eu estou suando?

Ela está com aquele sorriso fofo no rosto enquanto caminha até a minha moto e seus olhos dançam por baixo da mecha de cabelo escondida sob o capuz de seu casaco — ela o puxou para cima para se proteger da chuva que agora cai do céu.

Vê-la de perto, consciente e não através de uma tela, ou em meus malditos sonhos, tira o ar dos meus pulmões. Assim como saber que ainda pode haver um vestígio do meu gozo dentro dela e que suas coxas fartas estão sensíveis e fodidas.

Ela sabe que sou eu? Descobriu que eu a comi enquanto ela dormia? Porra, eu não sei. Vou apenas dar uma olhada...

— Olá — Olivia diz, sua voz como música para meus ouvidos depravados. — Você mora por perto? Sempre vejo sua moto estacionada aqui.

Uhmmm, vá embora, Olivia, antes que eu amasse sua traqueia. Ou pior, te coma em público com sua estúpida cesta de frutas rolando pela rua.

— Meu nome é Olivia. — Ela estende a mão, suas bochechas ficando vermelhas. — Me mudei para cá há pouco mais de um ano.

Ela pode ir embora? Está arruinando meu plano.

Ela deixa sua mão cair quando não reconheço sua existência.

— Ah, desculpe. Eu não queria ser intrusiva. Eu vou... — ela se vira, ficando rígida enquanto procura a última palavra: — ... embora.

Mas eu não quero que ela vá.

Então, de novo, posso embolar as palavras e talvez ela descubra quem eu sou.

E se Olivia descobrir que seu querido irmão está morando do outro lado da rua, a perseguindo como se ele não tivesse mais nada para fazer em sua vida chata, e desaparecer — ou pior, chamar a polícia novamente e me acusar de sabe-se lá o que vem a seguir.

Vamos, Malachi, eu me encorajo. Diga algo.

— Kai — eu digo calmamente. Quanto menos sílabas, mais fácil de falar.

Ela para e se vira, confusa.

Pigarreio, meus lábios se movendo algumas vezes antes de pronunciar as palavras.

— Meu nome... — *Respire, idiota.* — Kai.

Ela sorri largamente.

— Bem, olá, Kai.

Ela está... flertando comigo? Comigo?

Não, ela está flertando com um estranho. Não comigo, porra.

Eu quero estrangulá-la.

— Oi — eu digo, sem me preocupar em tentar dizer o nome dela porque vou estragar tudo. Pelo menos não pareço um velho, minha voz é bastante profunda e o que as pessoas chamam de “rouca”, e sei que ela gosta disso.

Olivia sorri novamente e se vira, caminhando em direção à entrada do apartamento. Olho para sua bunda, para o balanço de seus quadris, e me pergunto quanto tempo consigo prender minha respiração antes de morrer.

Meus ossos estão tremendo — acho que vou desmaiar assim que ela desaparecer dentro do prédio. Estar tão perto dela assim, com seus olhos brilhantes e seu sorriso hipnotizante, meio que me tira do meu eixo. Quase quero abortar minha missão movida a vingança e dizer a ela que a perdoo, que podemos ficar juntos agora que não sou mais visto como parte da família Vize, mas ainda mantenho o sobrenome em todos os meus documentos e contas bancárias.

Mas Olivia estava flertando comigo, sem saber quem eu sou. Por que isso me irrita tanto?

Subo na minha moto, ligo o motor e me deleito com as vibrações percorrendo todo o meu corpo. É quase tão alucinante quanto sentir Olivia gozar em meu pau. Vê-la de joelhos na minha varanda enquanto papai gritava lá debaixo, eu fodendo sua boca — meu primeiro boquete — e vendo meu gozo em seus lábios.

Prová-la pela primeira vez com a boca.

O beijo em sua cama — o jeito que ela queria que eu agarrasse seu pescoço e a sufocasse.

A maneira como ela chorou enquanto papai sangrava até a morte debaixo dela enquanto eu a fodia por trás. Pensamentos depravados me fazem lutar contra o desejo de segui-la até sua casa.

Mas então eu a vejo novamente, vindo em minha direção de novo com um pedaço de papel na mão, e franzo a testa quando ela o estende para mim. O papel quase é levado pelo vento, mas eu o pego.

— Sei que isso pode parecer meio rápido demais, mas não falo com muitas pessoas. — Ela me entrega o papel. — Este é o meu número e a festa que irei esta noite. É um festival de Halloween fora da cidade. Você deveria ir.

— Obrigado — eu digo, quase sussurrando a palavra. — Eu... — engulo em seco, respirando nervosamente, tentando acertar. — Eu vou.

— Sério? — Seus olhos se arregalam. — Ótimo! Posso encontrá-lo no portão principal às sete? Me mande uma mensagem quando você estiver lá?

Concordo com a cabeça e ela cora novamente antes de voltar para o seu apartamento. Quero quebrar seu crânio e alimentá-la com a massa cinzenta de seu cérebro, que porra ela está fazendo convidando um estranho para sair?

Olivia está me irritando ao mesmo tempo que está me deixando nervoso. Ela basicamente me convidou — alguém que ela nunca viu sem capacete — para um encontro. Eu poderia ser um filho da puta feio, um predador ou um assassino, e ela acabou de me convidar para sair com ela.

Fico um pouco perdido no que diz respeito ao convívio e à vida normal, mas não estamos um pouco velhos demais para ir a festivais como este? É tipo uma rave com um parque de diversões que costuma lotar de adolescentes. Tenho vinte e oito, quase vinte e nove anos, e estou vivendo escondido,

transando com a minha irmã e planejando ir a uma festa de Halloween para persegui-la na escuridão e transar com ela mais um pouco.

Quer dizer, eu irei, mas a ideia dela flertando tão facilmente com alguém me faz esmagar o papel com o número dela, apertar o acelerador e acelerar pela rua.



Olho para o meu celular — o celular novo que tive que comprar porque não posso usar o meu. Ela ainda tem meu número depois de todos esses anos, então saberia que sou eu.

Eu:

Oi, é o Kai.

Reviro os olhos para mim mesmo. Entre tantos nomes, eu escolhi justo o que as pessoas tentaram usar como meu apelido? Que ódio. Era isso ou Vizey, e eu odiava ambos. Meu nome é Malachi, mais nada.

Estou surpreso que ela não tenha somado dois mais dois e percebido quem eu era. O estranho da moto com quem apenas flertou e convidou para sair sem saber com quem estava falando.

O celular vibra e eu me recosto na cama com a toalha na cintura, gotas de água escorrendo pelo meu peito. Acabei de fazer um treino e corri na esteira por muito tempo, precisando liberar um pouco de energia antes de hoje noite, mas ainda sinto que há muito mais para dar.

Olivia:

Oi! Eu não achei que você iria mandar mensagem. Você vai hoje à noite?

Estou tão distante da realidade que não tenho ideia de como responder? Eu simplesmente respondo “sim” e pronto? Como faço para manter a conversa? Devo perguntar se ela está interessada em sexo? Se ela está apenas procurando por um amigo? Se a boceta dela ainda está sensível por ter levado uma surra no chão de seu banheiro?

Eu:

Sim. Às 19h?

Pronto. Simples, bom e nada suspeito, certo?

Olho para minha mesa, mas meus olhos se concentram nela sentada no sofá, com os joelhos dobrados, roendo as unhas enquanto olha para o celular. Ela digita, mas para e joga a cabeça para trás, como se não tivesse certeza do que dizer.

Sorrindo, me sento na mesa e a observo travar sua própria e estranha batalha. Não ajuda o fato de que meu pau esteja enrijecido por ela também estar de toalha e que, com os joelhos levantados, consigo ver entre suas pernas.

Quando ela não responde, ainda lutando contra seus demônios, digito novamente.

Eu:

Você é solteira?

Ela morde o canto do lábio enquanto sorri, um rubor subindo por sua garganta e bochechas.

Olivia:

Meu namorado ficaria furioso se soubesse que eu dei meu número para um motoqueiro qualquer.

Meu sorriso desaparece e minhas sobrancelhas franzem. Ela... não é solteira? Desde quando, porra?

Olivia:

Estou brincando. Não sou uma pessoa muito engraçada. Mas sim, solteira. E você?

Tecnicamente, Olivia é meio solteira. Ela se esqueceu de mencionar que nossa mãe a arranhou um marido. Ela também tem um irmão — eu, aliás — por quem é fascinada. Talvez eu seja meio convencido quanto a isso, mas ela tem fotos minhas no seu celular e tenho mensagens de voz mais do que suficientes como prova.

Ela gosta de mim, mas flerta com o motoqueiro?

Eu:

Não sou bom com relacionamentos.

Faço uma careta com minhas próprias palavras. Pareço uma imitação barata de Christian Grey, mas sem os chicotes e a sala vermelha. Além disso, não sou bilionário. Eu balanço minha cabeça. Olivia me fez assistir os três filmes em uma noite quando éramos adolescentes, e eu odiei, mas adorei vê-la assistir alguém sendo fodida.

Olivia:

No que você é bom então?

Eu drogo minha irmã quase todas as noites, a abraço em seu estado inconsciente, limpo seu apartamento e, uma vez, enfiei meu pau nela. Mas eu provavelmente não deveria dizer isso.

Eu:

O que você acha?

Olivia:

Minha imaginação é meio maluca. Provavelmente irei exagerar e deixar você desconfortável se disser o que penso.

Isto está tomando um rumo diferente. Minha irmãzinha prostituta está tentando falar coisas sujas para o motoqueiro — eu, irmão dela.

Eu:

Talvez a minha imaginação seja mais maluca ainda?

Meu olhar está fixo na tela, na mesa, enquanto observo seu peito subir e descer com os joelhos abertos. Olivia está... excitada? Tão fácil assim?

Olivia:

Prove.

Mais uma vez, estou irritado, embora meu pau esteja duro. Ela está tentando transar com alguém que não conhece. Olivia separa seus lábios com seus dedos e esfrega seu clitóris sentada no sofá, enquanto eu jogo minha toalha para o lado e seguro meu pau, a observando encontrar seu prazer.

Prazer que ela deseja obter com um estranho.

Solto meu pau e digito, me recusando a gozar a menos que seja dentro dela.

Eu:

Te vejo às 19h.



A máscara de gás se assenta confortavelmente no meu rosto enquanto me olho no espelho. Com as minhas botas pretas e moletom preto com o capuz levantado, ela nunca saberá que sou eu.

Viro uma chave de fenda na mão enquanto a observo através das telas — ela está enrolando o cabelo enquanto se senta em frente ao espelho na casa de sua amiga. É normal andar nu na frente dos amigos? Abigail, nojentamente, só está de calcinha, e tento bloqueá-la da minha visão enquanto Olivia arruma o cabelo e passa creme por todo seu corpo nu.

Imagino a amiga dela esquetejada enquanto ela esfrega o creme nas costas de Olivia. Quando Abigail desaparece no banheiro, minha irmã arruma sua maquiagem, deixando seus cílios bem longos, e passa um batom preto para combinar com sua fantasia de noiva gótica.

Seus saltos são muito altos — ela ainda não estará tão alta quanto eu, mas como ela conseguirá correr com eles? *O jogo vai acabar antes de realmente começar.*

As meias cobrem suas pernas até as coxas, o espartilho empurra seus seios para cima, e o véu desce até sua bunda.

Ela não está sorrindo para si mesma no espelho enquanto inspeciona sua arte, porque Olivia Vize é isso, uma porra de uma obra de arte que eu quero possuir. Eu a possuo. Ela só não sabe disso ainda.

Olivia parece triste. Pode ser por causa da hora que ela passou chorando com a amiga por minha causa, ou enquanto assistia alguns vídeos nossos, ou a pesquisa que fez online que — mais uma vez — não lhe deu nenhum resultado.

Ela tira fotos no espelho, fingindo sorrisos de diferentes ângulos, depois joga o celular na cama e se senta na beirada dela. Há uma música tocando ao fundo, outra música da Taylor Swift, e ela está murmurando as palavras enquanto espera pela amiga.

Sorrio quando vejo o colar que Olivia está usando — o medalhão com nossas fotos. Combina com sua fantasia, dando um ar antigo e rústico. Eu a observei o colocar mais cedo e ela ficou olhando para a nossa foto dentro dele por mais tempo do que o necessário.

Você vê como somos bons juntos, Olivia? Poderíamos ter tido o mundo e você teve que arruinar tudo. Eu ia te dar tudo o que você sempre quis. Agora eu preciso pegar de volta. Eu quase tenho você toda.

Eu tenho sua mente. Eu tenho seu corpo.

Eu tenho sua alma. O medo que inspiro em você. A dor que inflijo quando você me desafia. Você tem um coração sombrio, irmãzinha, mas isso eu também assumirei em breve.

Olivia e a amiga saem de casa em direção ao festival. Não é muito longe — tenho lido artigos sobre online. Haverá dança, brinquedos, comida, álcool, e há um milharal que se estende até a floresta. Tenho a intenção de aproveitar esse espaço.

Viro a chave de fenda em minha mão algumas vezes e depois a coloco no bolso de trás, verificando se meu capacete da moto cabe sobre a máscara, mas não cabe, então o jogo de lado e resolvo usar apenas a máscara de gás.

São oito horas quando chego lá. Eu me atrasei intencionalmente, fiz ela explodir meu celular enquanto eu a observava no meio da multidão. Olivia é sexy — muito mais sexy do que observá-la pelas telas. Está dançando, bebendo destilados, e ela e sua amiga riem e inclinam a cabeça para trás no ritmo da música. Ela fica checando o celular em busca de uma resposta minha, mas não recebe nenhuma.

A boca de Abigail está presa à de um estranho, e Olivia vai buscar outra bebida, verificando o celular novamente no caminho. Eu fico atrás dela, com minhas mãos fechadas ao lado do corpo quando vejo o jeito que as pessoas estão olhando para ela, vendo como ela é gostosa.

Se eu tivesse uma arma, já teria colocado uma bala na cabeça de pelo menos dez pessoas.

Com a máscara de gás, Olivia não me reconhecerá. Não como o motoqueiro e nem como o irmão dela. Fico logo atrás, observando enquanto ela paga por outra bebida, tomando um gole e caminha para o lado. Seus saltos batem no concreto, mas o som se suaviza enquanto ela sai cuidadosamente de perto da pista de dança e se dirige até o local com os brinquedos.

Algumas das fantasias são impressionantes e outras são completamente ridículas. Antes de ficar preso e isolado do mundo, nunca vi o que tinha de tão especial no Halloween, mas minha irmã sempre adorou. Ela gosta de ficar com medo, e o tema deste dia é ser assustador.

Tudo bem, então. Vou ser assustador.

Ela vira a esquina e vejo minha oportunidade de atacar. Tiro a chave de fenda do bolso de trás, diminuindo a distância entre nós e agarro o cabelo da parte de trás da cabeça dela. Em seguida, pressiono a chave de fenda nas suas costas e a empurro entre dois tratores quebrados.

Olivia grita, mas o som sai abafado quando cubro sua boca.

— Shhhhh — sussurro em seu ouvido, a virando e batendo suas costas contra a roda do trator. Coloco a chave de fenda em seu pescoço; suas pupilas estão se expandindo e sua respiração está inquieta, mas o brilho em seus olhos me diz que ela está gostando.

Eu inclino minha cabeça.

— Kai — falo, e ela relaxa um pouco. — Isso... — começo, cravando a ponta da chave de fenda em sua pulsação — ... é o que eu faço.

Olivia vai conseguir notar como minhas palavras saem quebradas? O quão mal eu as digo?

— Uhm. E agora? — Ela morde o lábio.

Eu sorrio sob a máscara de gás, soltando seu pescoço e arrastando a chave de fenda pelo seu peito, raspando sua pele.

Olivia nunca ouviu minha voz como Malachi. Ela não consegue ver meu rosto, nem a cor do meu cabelo, nem nenhuma das minhas tatuagens. A única coisa que esta minha versão tem em comum com o meu verdadeiro eu é a altura.

Olho para ela por um momento. *Tão linda. Tão minha, porra.*

— Vou te dar uma vantagem — minha voz sai áspera, mas de alguma forma consigo dizer as palavras sem gaguejar ou pensar demais na articulação de cada sílaba. Inclino a cabeça em direção ao milharal. — Corra, pequena estranha.

Corra. Eu me pergunto se ela vai se lembrar de ter dito essa palavra para mim tantos anos atrás. Mas se isso desperta alguma lembrança nela, Olivia não demonstra. Dou um passo para trás, minha calça balançando com meu pau grosso enquanto ela respira fundo e desaparece no milharal.

Conto até cinco, dez, quinze, vinte e viro a chave de fenda em minha mão antes de ir atrás dela. *Porra, ela corre rápido.*

Esqueci que Olivia era líder de torcida e tem a resistência de uma corredora de longa distância.

Seus saltos estão jogados no meio do campo, e consigo ouvir seus pequenos suspiros à medida que nos afastamos do festival. Uma música assustadora toca, a risada cacarejante de um monstro ecoa e eu a ouço gritar enquanto tropeça em alguma coisa.

Paro atrás de plantações altas de milho, ofegante enquanto seguro a chave de fenda. Ela se levanta novamente, se voltando para a esquerda e para a direita, pensando em qual direção seria melhor ir. A floresta não está muito longe. Eu poderia arrastá-la até lá, mas gosto bastante desse cenário. Olivia parece apavorada, mas também ansiosa, como se quisesse que eu a pegasse.

O estranho.

Tirando o cabelo do rosto, ela se vira e corre para longe da música, e eu sorrio enquanto dou passos cuidadosos, deixando-a ir cada vez mais longe, até que acelero o ritmo. Minhas botas pesam sobre o milho caído e a vejo olhar por cima do ombro, em minha direção, e arregalar seus olhos enquanto grita alto.

Droga, meu pau está duro igual pedra e não achei que Olivia conseguisse ir mais rápido, mas estava enganado. Mesmo vestida do jeito que está, preciso aumentar minha velocidade para alcançá-la.

Minha mão segura a parte de trás de seu véu, enrolando-se em seu cabelo, e ela grita quando eu a jogo para o lado, fazendo-a rolar sobre as colheitas quebradas. Instantaneamente, ela começa a engatinhar para tentar se afastar de mim.

Agarro seu tornozelo e ela me chuta no rosto, quase arrancando minha máscara. Olivia tenta rastejar novamente, mas eu gemo aborrecido e agarro sua nuca, forçando seu rosto contra a terra enquanto me posiciono por trás. Ela me dá um tapa por trás, mas suas tentativas são inúteis enquanto eu arranco sua calcinha, coloco-a no bolso e retiro minha chave de fenda.

Ela fica rígida quando eu passo a ponta afiada e plana pela parte interna de sua coxa, cravando-a o suficiente para causar um rasgo fino em sua pele sensível. Pequenas gotas de sangue escorrem por sua coxa.

Olivia está imóvel, mas consigo ouvir sua respiração acelerando enquanto movo a ponta para a outra coxa.

Sua bunda está no ar, e eu empurro sua saia minúscula para cima, expondo-a para mim. Ela estremece quando deixo um monte de saliva escorrer da minha boca e cair em seu buraco traseiro.

Ela treme, rebolando contra mim enquanto eu afasto a chave de fenda de sua coxa, inclinando-me sobre seu corpo. Solto sua nuca e agarro seu cabelo, inclinando sua cabeça para trás.

— Abra — exijo, pressionando o cabo da chave de fenda em seus lábios. Ela os separa, levando o metal à boca e achatando os lábios. — Chupe.

Meu pau ameaça rasgar minha calça enquanto o pressiono contra ela, mas me recuso a libertá-lo. Isso é para ela, e vou fazê-la chorar.

Quero fazê-la soluçar de prazer e de dor, de pavor.

Ninguém consegue nos ver aqui — o milharal é alto e a música toca ao longe. Consigo ouvi-la ofegando enquanto enfio o cabo da chave de fenda mais fundo em sua garganta. Respiro pesado enquanto a tiro de sua linda boca e deslizo de volta sobre meus quadris.

Sua boceta está encharcada e o seu ânus está brilhando com a minha saliva. Lambo meus lábios, respirando com cuidado enquanto arrasto a chave de fenda até sua coxa, sobre sua bunda e depois desço até sua boceta. Provoco a sua abertura, o seu clitóris, fazendo-a choramingar e se empurrar para trás pedindo mais.

— Kai — ela geme. — Por favor.

Kai. Não *Malachi*. Ela está gemendo a porra do nome de outro homem.

Então vejo seu rosto e lembro do jeito que ela olhou para mim quando contou a todos o quanto eu era violento, como ela queria se livrar de mim, como tinha medo de mim. Minha raiva aumenta e, em vez disso, forço a chave em sua bunda.

Olivia grita, avançando para frente, mas eu a prendo no lugar com uma grande palma em suas costas. Sua bunda agarra a chave de fenda, e eu a empurro mais até que seu buraco ganancioso devore todo o cabo. Então eu solto o material, observando suas contrações ao redor do metal preso ali.

— Ajoelhe — ordeno, minha voz soando um pouco áspera.

Eu me levanto enquanto ela olha para mim por cima do ombro, com os olhos arregalados e selvagens e a chave de fenda pendurada na bunda. Olivia estremece ao se sentar, uma lágrima escorrendo por sua bochecha, e eu desafivelo meu cinto, agarrando seu cabelo e a arrastando até ficar na minha frente.

— Ajoelhe.

— Vai se foder — ela retruca, choramingando enquanto fica de joelhos. — Posso tirar? — Dou um tapa no seu rosto, agarro seu queixo e liberto meu pau.

— Não.

Mais lágrimas escorrem e vê-las faz minha cabeça latejar. *Ambas as cabeças.* Mas principalmente aquela pressionando seus lábios.

— Abra.

Momentaneamente, faço uma pausa. E se Olivia ver meus piercings e perceber que sou eu? Talvez esteja escuro demais para ver? Ela definitivamente os sentirá na garganta.

Não me importo nenhum pouco com isso neste momento, talvez mais tarde.

Olivia abre a boca, e não dou a ela um segundo para se ajustar antes de colocar minhas mãos em seu cabelo e enfiar completamente meu pau em sua boca, fazendo-a ofegar. Sua garganta se contraí em torno da circunferência e os piercings na parte inferior do meu pau se reaproximam da língua dela.

O calor e a maldita umidade de sua garganta me deixam louco enquanto eu forço mais fundo, usando minha mão em seu cabelo para levar meus quadris para frente e a sufocando. Suas mãos voam até minhas coxas, tentando se afastar, mas eu não paro nem relaxo, apenas empurro com mais força e mais rápido, derrubando-a um pouco para trás e fazendo a chave de fenda penetrar mais fundo em sua bunda.

Minhas bolas formigam, batendo em seu queixo enquanto balanço meus quadris com a minha cabeça inclinada para trás em um rosnado profundo. Olivia engole meu pau, chupando, lambendo, e eu paro por um momento para olhar para ela assumindo o controle.

Seus olhos estão em mim, seu rímel está manchado em suas bochechas e tem batom preto espalhado por todo meu pau. Ela está chorando, mas também balançando os próprios quadris, gostando de ser invadida pela chave de fenda. Minhas bolas apertam, e enquanto ela geme em torno da minha espessura, fecho os olhos e a empurro para longe, fazendo-a gritar quando cai de costas.

Subo em cima dela, abro suas pernas e forço o meu pau para dentro de sua boceta. A ponta da chave de fenda está a alguns centímetros das minhas bolas, e enquanto cubro sua boca e agarro seu pescoço, me inclinando para que ela possa me observar com a máscara de gás, empurro meu quadril até o fim, arrancando um gemido doloroso dela.

Tão linda e tão violenta quando dá um tapa na mão que está lhe roubando o ar, cravando as unhas na minha pele. Ela fica rígida enquanto eu estoco meu

pau nela como se estivesse tentando matá-la, com força suficiente para machucar e rápido o suficiente para que ela esteja vendo estrelas.

— Que putinha — eu gemo, as palavras quebradas, mas eficazes, enquanto ela olha para mim antes de seus olhos revirarem. — Aguenta tudo, porra!

Olivia está se contraindo em torno de mim, e leva apenas alguns minutos a fodendo até que ela fique tensa e grite contra minha palma enquanto seu orgasmo a atinge.

Sigo imediatamente, a enchendo com cada gota do meu gozo enquanto a observo ficar inconsciente devido a minha mão na seu pescoço. Seus olhos se arregalam devido à pressão estranguladora e seu corpo começa a ficar mole debaixo de mim.

Olivia deixou um estranho transar com ela. Por que isso me irrita?

Solto seu pescoço e boca e me apoio na vegetação caída perto de sua cabeça, ainda deslizando meu pau para dentro e para fora dela, apesar de não estar mais completamente duro.

Quero dizer a ela que ela é linda, que engole meu pau muito bem, que foi feita para mim. Mas não tenho ideia de como formar essas palavras corretamente sem estragar tudo, e isso só me deixa furioso comigo mesmo e com ela.

Olivia tenta dizer alguma coisa, mas sem sucesso. Não quero ouvir a voz dela agora.

Tiro o pano do bolso, aquele que já encharquei com clorofórmio, e o coloco na sua boca enquanto ela luta contra mim.

Durma, linda irmã.

Meu pau ainda está enterrado profundamente dentro de Olivia, dando estocadas superficiais até ela desmaiar completamente.

Tiro minha máscara e a jogo de lado, balançando a cabeça e respirando. Porra, estava quente ali dentro e o suor no meu cabelo está pinicando.

Puxo um pouco a minha camiseta para cima e olho entre nós, observando o meu pau ainda deslizando para dentro e para fora, centímetro por centímetro, com ambos os nossos orgasmos vazando da sua boceta enquanto eu escorrego para fora. Recolho o que consigo de sua coxa e meus olhos se fecham em um

gemido enquanto afundo dois dedos em seu calor. Manter minha semente dentro dela é uma obrigação — já imaginei isso muitas vezes.

Não quero engravidá-la, mas gosto da ideia de ela estar preenchida pelo meu gozo e saber que vai escorrer pelas suas coxas.

Tiro a chave de fenda de sua bunda enquanto seu corpo está imóvel, a coloco de volta no bolso junto com o pano e suspiro.

Olivia tem sangue nas coxas. Eu a cortei com a chave de fenda, mas não foram cortes profundos, então me inclino e lambo para limpar. O gosto de seu sangue acobreado me faz lambar os lábios, precisando provar mais. Mordo com força sua outra coxa, rasgando sua pele, e meus olhos reviram quando sinto o gosto de seu sangue ali também.

Acho que estou levando o espírito do Halloween muito a sério. Vou me transformar em um maldito vampiro se continuar bebendo o sangue de Olivia.

Dando um beijo em sua boceta, deslizo minha língua pelo seu buraco e sinto o nosso gosto. Em seguida, chupo um pouco seu clitóris e lhe dou um beijo suave.

Colocá-la na minha moto vai ser um incômodo. Me levanto, olho em volta e, quando avisto uma cerca perto da estrada, traço um plano.

Depois de cobrir o corpo de Olivia com as plantas que amassamos no milharal, pego minha máscara e a coloco até a metade do rosto. A deixo no milharal e volto para o festival, pegando uma cerveja em uma das barracas enquanto caminho até a minha moto. Fumando, espero alguns minutos antes de dirigir até a lateral do campo e estaciono perto o suficiente para conseguir carregá-la até lá com segurança.

Chuto o milho para o lado e carrego minha irmã inconsciente até a moto, querendo me dar um soco no pau por não ter trazido meu capacete para colocar nela. Eu a mantenho na minha frente com a minha mão tocando sua boceta exposta esfregando no meu assento enquanto dirijo até uma velha casa de fazenda que comprei há algumas semanas, especificamente para este momento com Olivia em meu poder.

Surpreendentemente, ela não cai, e quando chego à estrada escura e estreita, sorrio ao pensar em toda a diversão que vamos ter e do medo que vou fazê-la sentir quando perceber quem a sequestrou.

Minha pequena prisioneira durante o futuro próximo.

Minha querida Olivia.

Você não vai sair daqui sem que eu me vingue, sua vadia traidora.



CAPÍTULO 13

Malachi

Por que sua mãe biológica precisava dar a ela um nome tão difícil?

Dos milhões de nomes que poderia ter escolhido, escolheu um com cinco malditas sílabas? Ela não pensou em todas as pessoas que teriam dificuldade? Aquelas que precisam de fonoaudiólogo ou optam pela linguagem de sinais?

Se a mãe dela já não estivesse morta, eu a mataria por chamá-la de Olivia, porra.

Olho para as letras, passando o dedo sobre elas.

— O-liv-a — eu digo, balançando a cabeça. — O-lei-vi-a.

Eu cerro os dentes. Por que diabos eu não consigo falar direito? Eu sei como dizer o nome dela, mas quando tento pronunciar as letras, meu tom muda e eu estrago tudo.

E se eu encurtasse? Ela acha que meu nome é Kai. A propósito, meu nome verdadeiro é Malachi, não Kai, mas ela acha que é. E se eu a chamasse de Liv?

— Liv — digo, fazendo uma careta. — Oli...via. — *Quase.*

Me endireito, inflando o peito e tento dizer tudo de uma só vez.

— O-li-vara. — Minha confiança some. *Vai se foder.*

Amasso o papel, o jogo na lata de lixo e acendo um cigarro, preenchendo os pulmões com o veneno fumegante enquanto observo minha irmã pela tela do celular. Ela está pendurada no teto do porão, com correntes em cada pulso, uma coleira em volta do pescoço e com os tornozelos algemados em um aparelho que mantém suas pernas abertas. Ela está linda em sua fantasia de noiva gótica com a calcinha enfiada na boca.

Olivia está lá há horas enquanto eu me certifico de que nosso quarto esteja pronto. Está, e mal posso esperar para dividir a cama com ela.

Coloco uma balaclava preta, mascando um chiclete enquanto olho no pequeno espelho rachado na parede. Talvez ela reconheça meus olhos, então coloco a máscara de gás por cima da balaclava, coloco as luvas e desço para o porão com um sanduíche e um copo de água.

Minha frequência cardíaca dispara quando abro a porta do porão e a vejo, mesmo ela estando desmaiada e com o rímel e o batom preto manchando seu lindo rosto.

Coloco o prato na mesa e fico na frente dela, inclinando seu queixo para trás e tirando a calcinha da boca. Olivia respira fundo com seus olhos tremulando, eu sorrio para ela — não que ela consiga ver — e levo o copo de água aos seus lábios.

Ela engole cada gota e eu passo meu polegar enluvado sobre seus lábios e desço até a coleira em seu pescoço. Eu ia prendê-la ao meu pau ou ao meu pulso, mas quero lhe dar um certo livre arbítrio, para que queira vir comigo para o nosso quarto. Só que ainda não. Ela ainda não merece.

Seus olhos se abrem por completo e ela arfa em choque quando percebe que está acorrentada.

— Que porra é essa? — Olivia resmunga e olha para suas pernas e para o material que as mantém bem abertas. — Me solta!

Balanço a cabeça e pego o sanduíche, o levando à boca dela.

— Coma — eu exijo. — É bom.

Pigarreio, irritado comigo mesmo por me atrapalhar um pouco nas palavras. Ela fecha a boca, então eu aperto seu nariz e enfio o sanduíche em sua boca quando ela finalmente abre os lábios para respirar.

Você precisa comer, querida irmã, ou isso acabará mais cedo do que o planejado. Você precisa se manter saudável, hidratada e bem alimentada, enquanto eu faço você sofrer por roubar oito anos de mim.

Quero dizer isso a ela, mas não tenho ideia de como fazê-lo.

Em vez disso, enquanto Olivia mastiga o sanduíche, desço minha mão livre até sua boceta, deslizando meus dedos pela umidade ali presente. *Sempre tão molhada.* O medo sempre a excita. E a dor. Eu sei que o local entre suas pernas e seu buraco traseiro devem estar doloridos, assim como sua mandíbula, pela força com que fodi sua boca.

Ela choraminga em torno do sanduíche enquanto eu deslizo um dedo para dentro.

Já se passaram cerca de dez horas desde que saímos do festival. Já mandei mensagens para suas amigas avisando que ela foi para casa com o amigo motoqueiro e que entraria em contato em breve. Também vi um e-mail da nossa querida mãe com detalhes de seu primeiro encontro com Xander.

Minha querida irmã deveria ir conhecer seu futuro marido amanhã, mas é uma pena que ela vai estar chupando o pau do irmão.

Acrescento outro dedo e seu corpo inteiro se tensiona.

— Ummm — murmuro, forçando o resto da comida em sua boca para amordaçá-la e soltando lentamente a frente de seu espartilho. Cada clipe faz seus seios se soltarem um pouco mais, e quando eu consigo abrir o suficiente, ela está se contorcendo nas correntes, tentando esfregar seus quadris contra a minha mão enquanto eu belisco seu mamilo.

Eu o giro e ela grita em volta do sanduíche, ofegante enquanto o cospe.

— Por favor. Por favor.

Tiro meus dedos dela, ando em direção à mesinha, ergo uma faca que estava ao lado do prato e a giro em minha mão enquanto me viro para ela novamente. Olivia está chorando de novo, sua boceta está encharcando suas coxas e eu sorrio sob a máscara enquanto o sangue dispara até o meu pau.

Vou atrás de Olivia, e ela luta contra as correntes para me observar, para ver o que vou fazer, mas ela está presa. Cerro a mandíbula para me impedir de machucá-la gravemente e lhe causar mais dor do que ela consegue suportar

enquanto corto o resto do espartilho e pressiono a ponta da lâmina em sua coluna.

Ela treme usando apenas sua saia, o patético pedaço de tecido que arranco facilmente com as minhas mãos e jogo longe também.

Seu corpo nu sempre foi meu paraíso. Um lugar ao qual não pertenço, um lugar que não deveria ser manchado nem cortado, mas quando ando ao redor dela e levo a ponta afiada da lâmina até seu mamilo, corto com cuidado, fazendo-a enrijecer enquanto um fio de sangue escorre pela sua barriga. Faço o mesmo com o outro, e ela geme de dor e prazer.

Seus olhos pousam em mim.

— Tire sua máscara.

Balanço a cabeça, embora um choque de ansiedade me atinja. Se Olivia descobrisse que sou eu, o que ela faria?

Estou me divertindo demais agora para arruinar minha identidade secreta.

— Se você tirar, eu chupo seu pau.

Eu franzo a testa e paro de andar.

— O quê? — minha voz sai mais profunda; um tom de alerta que nunca ouvi antes.

Olivia não tem ideia de quem eu sou e apenas se ofereceu para me chupar em troca de eu tirar minha máscara. Seguro seu queixo com firmeza, levando a faca até sua garganta e pressionando a ponta afiada em sua pulsação. Quero cortá-la, causar um corte profundo e escancarado, para ver seu sangue escorrer por todo seu corpo. Mas ao mesmo tempo também quero beijá-la. *Droga*.

— Eu tenho um irmão — ela diz, com os olhos lacrimejando. — Se você me machucar, ele vai te encontrar.

— Ah, é? — O que sinto agora é êxtase puro. Olivia me ameaçou comigo mesmo, ela acha que vou salvá-la.

Meu olhar cai para o medalhão posicionado entre seus seios, e ela arfa quando eu o tiro de seu pescoço.

— Não!

Abro, olho para a foto de nós mais jovens e o enfio na cara dela.

— É ele?

— S-Sim — ela chora. — Por favor, não quebre. Por favor.

— Você o ama? — minha pronúncia permanece firme.

— Ele é meu irmão — ela responde, com o lábio inferior tremendo. — É claro que eu o amo.

Eu rio — rio pra caralho, de um jeito que nunca fiz antes. Minha risada geralmente é silenciosa, um movimento sutil do meu corpo enquanto sorrio, mas desta vez é alta, com minha cabeça jogada para trás e um sorriso genuíno no rosto.

Essa maldita...

Como pode dizer que me ama depois de destruir o que tínhamos?

Agarro minha máscara e a tiro, e seu rosto desaba quando ela vê a balaclava.

— Um combinado... — Eu paro, meu tom está uma merda. — É... um combinado.

Ela me observa jogar a máscara de gás para o lado, e eu ando até a parede onde todas as correntes estão conectadas e afrouxo as que estão em seus pulsos e coleira, fazendo-a cair de joelhos, com as pernas ainda afastadas.

Seu cabelo, se eu não estivesse usando a porra das luvas, seria tão macio contra o meu toque. Eu o agarro enquanto fico na frente dela.

O porão não é claro, uma lâmpada de merda ao lado dá um brilho suave, então Olivia não consegue ver meus piercings ou olhos direito. Eu liberto meu pau, agarro sua mandíbula com firmeza e enfio em sua boca.

Desta vez, deixo que ela faça o trabalho. De joelhos, acorrentada, o sangue secando em seus mamilos e sua boceta encharcada, ela envolve seus dedos delgados em torno da base do meu pau e engole todos os centímetros que consegue. Não sou pequeno e definitivamente não tenho um tamanho médio, então o fato de ela conseguir aguentar todo o meu comprimento é impressionante.

Fecho os olhos e aproveito a sensação dela chupando meu pau, enquanto sua outra mão agarra minha coxa e sua garganta se contrai em torno da minha espessura. Olivia engasga, mas eu agarro sua nuca e a mantenho ali até sentir que estou quase gozando.

Não quero gozar ainda, então me afasto, guardo meu pau novamente e dou um tapa leve em sua bochecha rindo enquanto ela olha para mim.

— Você tem piercing.

Eu olho para ela, sem agraciá-la com uma resposta. Por dentro, estou em pânico. Eu não tenho um piercing normal. Eu tenho várias barras como uma escada posicionadas na parte inferior do meu pau e um arco na ponta. Alarguei as orelhas um pouco quando saí da prisão e tenho novas tatuagens no pescoço e nas mãos, mas fora essas mudanças, nada em mim está muito diferente desde os dezenove anos.

Ela limpa a boca.

— Devolva meu medalhão.

Me devolva meus oito anos perdidos, tenho vontade de dizer.

Olivia tenta ficar de pé com as pernas trêmulas e não consegue, então eu a ajudo puxando a corrente de volta no lugar, tirando-a completamente do chão. Molho os lábios e pego um cigarro enquanto a observo pendurada no teto com a coleira a sufocando — mas não o suficiente para matá-la. Ela está com falta de ar enquanto eu acendo um cigarro, inalando e soprando a fumaça contra sua boceta.

Olivia se contrai, e eu sorrio para mim mesmo enquanto levo meu cigarro até seu núcleo, logo acima de seu clitóris, e pressiono a ponta ardente em sua pele apenas por uma fração de segundo, mas é o suficiente para fazê-la gritar e gemer enquanto arrasto minha língua por sua fenda brilhante, chupando a área que acabei de queimar.

Ela está... excitada. Mais excitada ainda. Então ela também gosta desse tipo de dor?

Faço um pequeno rastro de queimaduras em sua pele, até seus seios, e marco minhas iniciais logo abaixo deles, beijando e lambendo cada marca até meu cigarro apagar. Eu apalpo seus seios, mordendo seus mamilos e rompendo a pele, e todo o seu corpo treme quando ela atinge um orgasmo. Suas coxas estão tensas, e vejo sua boceta se contraindo e seu corpo chacoalhando nas correntes enquanto eu enfio dois dedos dentro dela para levar seu orgasmo ao seu pico absoluto.

Ela desmaia logo em seguida, mas eu continuo. Lambo seu clitóris e adiciono um terceiro dedo, a fodendo com eles enquanto massageio sua bunda.

Tiro os meus dedos e me ajoelho atrás de Olivia, separando suas nádegas com as minhas mãos e usando a umidade do seu orgasmo para lubrificar o seu buraco enrugado. Ele está olhando diretamente para mim, como se quisesse conversar, então eu o silencio enterrando minha língua lá dentro.

Olivia desperta gritando, e eu sorrio para mim mesmo enquanto ocasiono um último orgasmo nela.

Isso vai ser tão divertido, Olivia.



Estou sentado em uma cadeira, esperando-a acordar. Já se passaram três horas e estou entediado.

De pé, pego outra corrente, prendo no teto atrás dela, puxo entre suas pernas e a prendo em um aro que instalei para usar como roldana. Suspiro, observando por um minuto, depois puxo a corrente, a fazendo passar entre suas pernas e a tirando do chão.

O grito que Olivia solta me faz rir.

Seu clitóris está preso entre dois elos da corrente e já vejo uma mancha de sangue. Fica bem nela, vermelho é definitivamente sua cor.

Eu lambo o local e ela estremece.

— Seu psicopata!

Ótimo, revide, irmãzinha. Não ceda.

Olivia tenta me dar uma joelhada no rosto, mas as correntes a impedem. Puxo a corrente entre suas pernas para cima e ela grita, embora eu consiga ver como já está encharcada.

Ela é masoquista, e adoro, porque me considero um sádico de merda.

Olivia está segurando um gemido enquanto eu arrasto minha língua por suas costelas, parando em seu mamilo. Chupo a ponta, feliz em ver que os dois já estão duros como pedra.

— Você ama dor — digo perfeitamente, e sinto vontade de me dar um tapinha nas costas. — Eu amo dor.

— Tanto faz, idiota — ela retruca, puxando suas restrições. — Você não faz ideia de com quem está mexendo. Quando ele descobrir onde estou, porque ele *vai* descobrir, ele virá atrás de você.

Eu sorrio e toco sua bochecha. Menina boba. Mulher boba, bonita e inteligente com quem quero passar o resto da minha vida.

Na ponta dos pés, ela distraidamente move os quadris para frente, de modo que a corrente esfregue em sua boceta. Eu me sento na cadeira novamente e a observo enquanto acendo um cigarro.

— Continue — exijo, alcançando o cóis da minha calça para segurar meu pau, o acariciando enquanto ela se esfrega na corrente.

Ela está esfregando sua bunda também, e seus olhos se reviram quando ela cede. Olivia é sacana e sexy pra caralho, eu admito. Eu também quero foder seu buraco traseiro.

Eu me levanto e ando ao redor dela — Olivia parece muito absorta no prazer e apenas pausa os movimentos de seu quadril quando eu me posiciono atrás dela e separo suas nádegas para que eu possa observar a corrente entre elas.

Estendo a mão e afrouxo a corrente, enlaçando meu dedo nos elos entre sua bunda e o movendo para uma de suas nádegas. Ainda está contra sua boceta, mas agora tenho acesso à sua bunda.

Cuspo e minha saliva escorre pelas costas até seu buraco, depois balanço a cabeça e volto para a mesa. Pego minha faca, enrolo a manga o suficiente para mostrar um pouco de pele tatuada e corto minha carne enquanto Olivia arfa.

Atrás dela novamente, deixo meu sangue escorrer pelas suas costas, espalhando com a palma da mão e o observando penetrar na fenda de sua bunda.

Meu pau está pulsando e eu o puxo para fora, o acariciando algumas vezes com o punho sangrento antes de me alinhar com sua bunda.

Ela luta contra as correntes novamente, mas não ouço seus gritos, gemidos ou qualquer som enquanto enfio a cabeça do meu pau em seu buraco traseiro. Pouco a pouco, suas paredes me agarram e, porra, como é apertado. Mais apertado que sua boceta. Eu nunca fiz isso antes, nunca fodi uma bunda, e presumi que seria como deslizar dentro da boceta de Olivia.

Eu estava muito enganado. Esta é de longe a melhor coisa que já senti. Dói o quão estreito é o túnel de sua bunda, apertando cada centímetro meu que consigo empurrar para dentro. Ela está chorando, me implorando — pelo quê, não sei. Estou mais focado em o quão glorioso é comer seu buraco.

O sangue ainda escorre do meu pulso, então eu cubro suas costas com ele, solto sua coleira e agarro seu pescoço, fodendo Olivia enquanto as correntes esfregam sua boceta.

Ela está estremeando em meus braços e lágrimas escorrem pela minha mão enquanto meu sangue mancha seu peito. Porra, não consigo enxergar direito e meus gemidos estão profundos, altos e roucos. Acho que talvez precise ficar na bunda dela para sempre.

É oficial. Eu, Malachi Vize, juro preferir bundas a partir de agora. Para todo o sempre, satisfarei minhas necessidades enterrando meu pau no buraco traseiro apertado da minha irmã.

Ela atinge seu orgasmo, e consigo senti-lo no seu ânus. Fica mais apertado, tanto que temo que meu pau fique preso ou quebre ao meio, mas tudo bem. Eu ficaria feliz em morrer assim.

Você está vendo isso, papai? Estou enterrado dentro da minha irmã novamente, e não há nada que você possa fazer para me impedir.

Meus olhos reviram enquanto encho seu ânus com meu gozo. Eu o mantenho ali — profundo, latejante e depositando cada fio de esperma presente no meu corpo — enquanto ela soluça me implorando para parar.

Eu me inclino para frente, desconecto a corrente e Olivia chora ainda mais quando tiro meu pau da sua bunda. Eu sorrio para o meu trabalho; o sangue. O gozo. As lágrimas.

Estou quase terminando aqui, e quando terminar, Olivia vai jurar ser minha para sempre.



CAPÍTULO 14

Malachi

Mamãe está tentando me irritar.

Primeiro, ela organiza um jantar para Olivia e Xander. Agora, ela enviou um e-mail sobre marcar a porra da data do casamento para daqui duas semanas.

Talvez eu devesse matá-la. O casamento ainda aconteceria se a mãe da noiva tivesse sido tragicamente despedaçada e dada como alimento a uma matilha de lobos?

Conhecendo minha família, provavelmente.

Minha tarântula está rastejando sobre minha mão e eu a observo me explorar. Ela é nova. A comprei há alguns dias e acho que ela se parece muito com Spikey, meu antigo animal de estimação, que minha mãe destruiu quando fui preso.

Aqueles idiotas mataram a porra da minha aranha.

Eu ainda quero vingança por isso também, porque Olivia nem tentou impedi-los — segundo seu diário, ela não fez muito para me defender. Sendo bem honesto, tudo que li naquela porra de diário me irritou. Ela falava muito sobre mim, sobre o quanto eu era abusivo com ela, mas que ela gostava. Que ela gostava quando eu era manipulador e a forçava.

Então por que você testemunhou contra mim, doce Olivia?

Por que contar a todas aquelas pessoas o que fiz ao papai e depois encher meu celular com mensagens de voz chorando e se desculando; por que me procurar quando fui solto?

Por que agir como se você me odiasse quando sente minha falta?

Eu sou um hipócrita. Destruo qualquer pensamento amoroso que tenho sobre Olivia, mas no fundo, eu também senti sua falta. Estar separado dela era como ser jogado no mar sem saber nadar. Eu estava me afogando até colocar os olhos na minha Olivia novamente.

No momento, ela está com algumas teias de aranha sobre si. Meu animal de estimação rastejou por todo seu corpo até que decidiu tentar escapar do porão me fazendo correr atrás do merdinha.

— O-li-vi-a — murmuro para mim mesmo. Tento sussurrar mais rápido e me enrolo. Suspiro e verifico seu celular em busca de novas mensagens, mas até mesmo suas redes sociais não têm nada.

O que aconteceu com a sua vida emocionante, irmãzinha?

As correntes chacoalham e levanto o olhar para encontrá-la acordando.

— Ah — eu começo. — Ótimo. Acordou. — Eu queria dizer “você acordou”, mas ainda estou pegando o jeito dessa merda.

Eu me levanto e ando em direção a Olivia enquanto minha aranha corre em volta da minha palma. Ele ainda é um bebê peludo, mas o modo como ela arregala os olhos me diz que, um: ela não tem ideia de que tem teias por todo seu corpo e cabelo, e dois: ainda tem pavor de qualquer coisa com oito pernas.

Tadinho. Ele só quer ser compreendido, assim como eu. Não é, amiguinho?

— Não se atreva a chegar perto de mim com essa coisa!

Eu sorrio, ainda com a minha balaclava. Comi a bunda dela ontem e, enquanto ela esteve desmaiada, fui dormir na nossa cama e tomei banho. Tentei lavá-la com uma esponja, mas Olivia ficou excitada e acabei fodendo sua bunda novamente.

Ela até me implorou para dar atenção à sua boceta, mas eu neguei.

Não posso deixar de sorrir. Olivia é linda desde que éramos crianças. Acho que desde que a conheci no aeroporto, eu sabia o quanto ela seria importante

para mim, e quando ela aprendeu linguagem de sinais e a como tocar “Parabéns Pra Você” no piano para mim, pensei que era importante para ela também. Os anos se passaram, mas nunca aguentei ficar longe. Eu sempre quis beijá-la, rir com ela, me deitar em sua cama e observá-la dormir e cheirar a porra do seu cabelo como se fosse uma droga.

Eu era — *tecnicamente* — seu irmão. Ainda sou classificado como um, eu acho. E por mais que eu quisesse ser especial para ela e estar com ela, nunca quis ser seu irmão. Eu queria ser seu primeiro beijo, seu primeiro amor, sua primeira dança no baile. Eu queria segurar a mão dela e beijá-la sempre que quisesse. Eu nunca fui normal o suficiente para ela, eu sempre fui o esquisitão sem voz.

Nossos pais me odiavam — eu era o garoto adotado que eles nunca deveriam ter adotado. Ela era o anjo — ainda é para mim, apesar de tudo — e eu fui o erro.

Meus pais já estavam preocupados com minha fixação pela minha irmã, mas quando eu tinha quinze anos, eu a beijei durante um jogo de tabuleiro e fui transferido para o outro lado da mansão, então tínhamos que arriscar nossas vidas toda vez que queríamos entrar furtivamente no quarto um do outro andando pela borda do telhado.

Quando eu tinha dezenove anos, sabia que o que sentia por Olivia era errado. Era como uma doença que eu não tinha ideia de como tratar. Olivia Vize era minha irmã, e eu tinha fantasias de transar com ela, de beijá-la até não conseguirmos respirar, de eu machucá-la e ela gostar.

Eu estava tão perigosamente obcecado por Olivia que planejei transar com ela enquanto ela dormia, mas resolvi ir a um encontro para tentar deixá-la com ciúmes.

Esse foi o meu primeiro erro: todo mundo inventou mentiras sobre mim. Eu era o perdedor, o esquisito, mas todas as garotas queriam chupar meu pau ou tentar me fazer transar com elas para ver se eu gemia o nome delas. Nunca cheguei perto de Anna. Eu não a beijei e definitivamente não transei com ela. Olivia foi minha primeira — ela é a única pessoa com quem já estive.

Tentei contar para Olivia, mas ela continuou agarrando minhas mãos enquanto eu estava sinalizando, e não consegui dizer o nome dela, muito menos

todas aquelas palavras. Ela me deu um tapa, gritou comigo, então fiquei com sobrecarga sensorial e explodi.

E acho que fiquei com raiva e estraguei tudo.

Agora, minha irmã está se afastando de mim, o mais longe que consegue enquanto eu arrasto a palma da minha mão sobre seus seios, com a minha aranha rastejante e assustadora em cima da minha mão. Ela está tremendo muito e seus pequenos gemidos estão deixando meu pau duro. Eu o arrumo na calça, o prendendo no lugar, e ela olha para baixo.

— E-espera... — Ela hesita, e sua expressão me diz que esse é um medo que ela talvez não goste de sentir.

Ainda bem que isso não é sobre Olivia — isso é para mim. Pelos anos que ela tirou de mim.

Inclino a cabeça como sempre faço quando olho para ela e deslizo a palma da mão para cima e sobre seu seio coberto de teia.

Ela congela enquanto deixo a aranha rastejar em seu rosto. Acho que nem está respirando quando inclino ainda mais a cabeça, observando-a passar por um de seus olhos.

— Lin-da.

— Por favor, tire isso. Por favor, Kai. Por favor. Eu faço qualquer coisa.

Prendo meu lábio entre os dentes e vou atrás dela.

— Gosto do jeito que... — Paro, reunindo coragem para continuar falando, cravando os dentes em seu pescoço para ganhar mais tempo. Ela choraminga e puxa as correntes. — Você grita — consigo terminar, lambendo sua clavícula, sua nuca, e mordendo o outro lado de seu pescoço.

Movo seu cabelo para o outro ombro, puxando minha calça para baixo para libertar meu pau, e o pressiono em sua entrada.

— Grite mais alto — acrescento enquanto forço meu pau em sua boceta por trás, fazendo seus pulmões expelirem o som mais excitante de todos enquanto sua cabeça é jogada para trás.

Meu animal de estimação está rastejando pela lateral de seu rosto, e consigo ver o medo em sua expressão, o que me faz rir.

— A dona aranha — eu sussurro em seu ouvido, deslizando para dentro e para fora de sua boceta — subiu pela parede.

Meu tom sai surpreendentemente bom. Talvez seja o fato de eu estar distraído com meu corpo pressionado contra o dela, ou a maneira como sua boceta agarra meu pau enquanto eu continuo me afundando ouvindo sua respiração ofegante de medo e prazer.

— Veio a chuva forte — digo lentamente, mordendo o lábio e gemendo enquanto penetro ainda mais fundo — e... a... derrubou.

— Ah, Deus! — Olivia geme, as correntes chacoalhando enquanto ela as puxa e meu amiguinho peludo rasteja pelo seu cabelo.

— Já passou a chuva — eu sussurro, deixando cair minha mão na frente dela para beliscar seu clitóris enquanto torço seu mamilo —, o sol já vem... surgindo.

Sinto minha aranha correr para o meu pescoço, se acomodando ali enquanto fodo minha garota com mais força. Um arrepio percorre minha coluna até minhas bolas enquanto canto o resto da letra com os dentes cerrados.

— E a... dona... aranha...

Ela explode em volta do meu pau, suas paredes internas apertando minha espessura; eu belisco seu clitóris com mais força, empurrando mais fundo e a fazendo gritar durante seu orgasmo.

Minhas bolas apertam mais do que nunca e meu pau se contrai soltando jatos de gozo com cada contração da minha própria liberação.

Minha visão fica embaçada e quase desabo contra ela enquanto recupero o fôlego.

Olivia fica mole novamente, então eu suspiro e a puxo, pressionando minha testa em suas costas enquanto espalho a substância pegajosa que vaza dela sobre suas bochechas, batendo com força suficiente para deixar uma marca.

Sinto cócegas na minha nuca, onde a balaclava não cobre e me viro cuidadosamente para pegar minha tarântula.

Eu a seguro na palma da mão e rio enquanto pego uma corrente acima de mim para me apoiar, já que estou um pouco tonto.

— Continua... a subir.

A aranha sobe pelo meu braço enquanto eu circulo minha irmã.

Vou cheirar o cabelo dela e franzo a testa. Não cheira a morango como quando chegamos aqui. As queimaduras parecem que também precisam de mais creme. E seus pulsos estão vermelhos e em carne viva por causa das correntes.

Eu a mantive acorrentada por muito tempo?

Fiquei mais do que feliz em limpá-la quando ela se molhou, alimentá-la quando ela precisava de comida, mas acho que minha menina precisa de um bom banho. Olivia está coberta de sangue seco, teias, gozo, queimaduras de cigarro e marcas de mordidas.

Tudo bem.

Talvez ela já esteja cansada.

Eu sei que sim. Eu meio que quero apenas me deitar com ela e abraçá-la, mesmo que ela me bata no processo.

Libero seus pulsos e a pego em meus braços. Minha aranha repousa em meu ombro enquanto a carrego para fora do porão. Eu a deixo vir conosco para o quarto enquanto Olivia ronca contra meu peito. Eu a levanto mais alto para que possa jogá-la sobre meu ombro e colocar meu animal de estimação em seu tanque.

Levo Olivia para o banheiro e encho a banheira enquanto a sento no chão, de costas para mim, e passo um pente em seu cabelo. Ela choraminga durante o sono e esfrega suas coxas, então eu abaixo minha mão e seguro sua boceta a fazendo se empurrar contra a minha palma instantaneamente.

— Não — eu digo, afastando a mão. — Ainda não.

Eu a coloco na banheira, mas sem me acomodar atrás dela como faço sempre que a drogo em seu apartamento. Lavo todo o sangue do corpo dela com uma esponja, depois pego seu shampoo habitual e ensaboo seu cabelo com ele. Olivia continua escorregando para baixo, e isso está me irritando pra caralho.

Segurando-a no lugar, tiro minhas roupas com uma mão — até a balaclava — e me acomodo atrás de Olivia para mantê-la imóvel enquanto lavo seu

cabelo. Suspiro feliz com o quão perfeitamente seu corpo se ajusta ao meu enquanto apalpo seus seios e belisco seus mamilos, a fazendo chorar baixinho.

Ela ainda está inconsciente enquanto eu a seco, escovo seus dentes, a beijo e a coloco na cama. Visto roupas limpas — um moletom com capuz e calça para esconder minhas tatuagens — e visto a balaclava novamente, me sentando na cômoda com um cigarro enquanto ela dorme.

Nua.

Exposta.

Marcada pela minha boca e com as minhas iniciais queimadas nela, além de pequenos cortes da minha faca.

Olivia é perfeita e é *minha*.

Apago o cigarro e me deito na cama ao seu lado. Também estou cansado, mas não consigo dormir — ela vai acordar antes de mim e tentar fugir.

Ela não pode me deixar. De novo não.

Puxo minha irmã contra mim — a conchinha perfeita, minha peça de quebra-cabeça —, abraço-a e beijo o local atrás de sua orelha. Beijos suaves e castos. Ela suspira, gira os quadris e eu me inclino para trás ao ver sua bunda se esfregar contra meu pau endurecido.

Lembro daquela primeira vez, na minha cama, quando ela pensou que eu estava dormindo e esfregou a bunda no meu pau. Eu estava tão perto de ultrapassar o limite naquele momento, mas eu era virgem, e sendo um idiota ou não, Olivia me deixava nervoso.

Ela ainda deixa.

Coloco Olivia de costas e me acomodo entre suas pernas, puxando minha boxer para baixo para que meu pau fique livre. Eu aperto sua base, o acarício uma vez, e, em seguida, pressiono contra seu clitóris, a deixando tensa e abrindo ainda mais as pernas para mim.

Deslizo minha cabeça perfurada contra suas dobras e passo pela sua entrada; ela se ajusta a mim, sua boceta envolve minha cabeça e me faz estremecer.

Agarro o travesseiro ao lado de sua cabeça com uma mão e aperto seu pescoço com a outra. Seus olhos se abrem enquanto eu aperto e me afundo mais ainda dentro dela.

Boa menina, Olivia. Esteja acordada enquanto eu te como assim.

Ainda não tinha a fodido nessa posição com ela acordada e quero que olhe nos meus olhos enquanto eu a destruo.

Seu olhar arregalado passa pelos meus olhos, e enterro meu rosto em seu pescoço enquanto balanço meus quadris contra ela, me impulsionando com tanta força que a cabeceira da cama bate contra a parede. Eu inalo, sentindo o cheiro de seu cabelo, o frescor dele, e meu pau formiga à medida que engrossa.

— Malachi?



CAPÍTULO 15

Malachi

Faço uma pausa; meus pulmões param de funcionar e meu coração acelera enquanto permaneço imóvel, como se eu tivesse a imaginação dizendo meu nome. Ela disse mesmo? Ou é a voz dela na minha cabeça de novo? Quando estava preso, sempre tive conversas com ela, mas nunca conversas reais. Eu estava enlouquecendo e me iludi pensando que ela estava deitada ao meu lado algumas noites.

— Malachi — Olivia diz novamente, e eu me contraio dentro dela, empurrando meu corpo para poder sair de cima dela.

Mas ela me prende envolvendo suas pernas em volta da minha cintura e seus lábios estão entreabertos enquanto olha erráticamente nos meus olhos novamente. Sua mão trêmula se levanta e eu não me afasto enquanto ela desliza a balaclava sobre meu queixo, minha boca, meu nariz, e a remove completamente.

Meu cabelo preto, longo e caindo sobre meus olhos, chama sua atenção. Ela passa a mão por ele com as pernas ainda firmemente ao redor dos meus quadris enquanto uma lágrima escorre do canto de seu olho.

Seu olhar segue seus dedos, descendo do meu cabelo para traçar uma das minhas sobrancelhas, indo pela lateral do meu rosto até meu queixo, passando

pela barba por fazer até meus lábios.

Ela está hipnotizada. Como se não me visse há mais de oito anos.

Quero dizer, ela não me viu mesmo, mas eu esperava que ela gritasse comigo para sair de cima dela, me batesse ou me xingasse por tudo que eu fiz — não... isso. Ela está passando os dedos pelo meu rosto.

E eu estou deixando. Em vez de fazê-la pagar por arruinar quase uma década da minha vida, estou deixando que ela me toque tão livremente, e adoro isso.

Meu corpo está quente e formigando e... eu gosto disso.

Seus dedos são macios. Fiquei tão privado de toque enquanto estava preso que, quando a palma da mão dela toca minha bochecha, eu me inclino contra seu calor.

— Você consegue falar — Olivia diz, com o lábio inferior tremendo. — Você consegue... Você consegue falar, Malachi.

Eu olho para ela e meus lábios se movem, mas nenhum som sai. Balanço a cabeça e congelo quando ela levanta a cabeça e me beija. Seus lábios são tão suaves e viciantes, eu relaxo contra o beijo e separo meus lábios, permitindo que sua língua deslize para se mover contra a minha. Seu gosto, seu maldito beijo — eu não tinha ideia de que precisava tanto disso.

Ela movimenta os quadris para cima e eu encontro seus movimentos com um impulso lento, enquanto nós dois ofegamos um na boca do outro. Ela agarra um punhado do meu cabelo e inclina minha cabeça para aprofundar o beijo enquanto eu lentamente entro e saio dela.

Ela está encharcada em volta do meu pau, mas estou mais focado em seu beijo, na maneira como ela choraminga e segura meu cabelo e como assume o controle enquanto me empurra e sobe em cima de mim.

Olivia parece um maldito anjo enquanto sobe em meus quadris, ficando de joelhos para pairar sobre meu pau e se abaixando para que eu a preencha novamente. Suas mãos estão no meu peito, pressionando meus músculos enquanto ela pula no meu pau. Eu seguro seus quadris, fodendo sua boceta e cerro os dentes quando um rosnado profundo sai da minha garganta.

Olivia grita em cima de mim e crava as unhas no meu peito enquanto suas paredes internas me apertam durante seu orgasmo. Ela está tremendo, mas ainda quicando no meu pau e no controle enquanto sobe e desce.

— Quero ouvir você gemer de novo — ela diz, se inclinando para agarrar meu pescoço e movimentando os quadris sobre mim mais rápido, fazendo meus olhos revirarem. — Deixe sua irmãzinha ouvir sua voz. Quero sentir as vibrações em sua garganta enquanto você geme para mim, Malachi.

Suas palavras incisivas, a maneira como ela corta meu oxigênio e o quão forte ela está quicando no meu pau fazem minhas bolas apertarem. Eu gozei faz pouco tempo, o que diabos está acontecendo?

Fico tonto enquanto solto outro gemido e agarro seu ombro, a mantendo imóvel enquanto libero cada gota do meu gozo dentro dela.

Olivia cai em cima de mim e eu a seguro em meus braços. Meu coração está batendo forte no peito, eu estou suando entre nós e respirando pesadamente enquanto tento puxar o ar para os meus pulmões.

Depois de cerca de dez minutos, ela se senta e olha para mim.

— Meu Deus, Malachi. Que diabos você está fazendo?

Ela poderia estar me perguntando uma série de coisas. *Por que você me fodeu enquanto eu estava inconsciente? Por que você enfiou uma chave de fenda na minha bunda?*

As correntes? A aranha? Os cortes, mordidas e marcas de queimadura?

Tantas perguntas, e tudo que sou capaz de fazer é observá-la acima de mim, me chamando pelo meu nome e sob meu pau voluntariamente, toda linda e minha.

Mas então me lembro da nossa realidade e do que ela pensa que fiz com ela anos atrás.

— Anna... mentiu — eu forço as palavras, sentindo a raiva já me invadindo quando penso naquela vadia e como eu não quebrei o pescoço dela assim que saí da prisão.

— Ela mentiu? — Olivia pergunta, franzindo a testa.

Concordo com a cabeça, girando meu dedo em torno de uma mecha de seu cabelo.

— Você f-f-f... — Paro, balançando a cabeça chateado. Era muito mais fácil falar com a minha identidade secreta.

— Não tenha pressa — Olivia diz, sorrindo para mim, segurando a minha mão enquanto eu a afasto de seu cabelo e entrelaço nossos dedos. — Eu ouviria sua voz o dia todo. Apenas respire. Estou ouvindo. Vá devagar.

— Você f-foi a minha primeira. Eu ju-juro. Minha... primeira e... única.

Pelo menos ela não está rindo da forma como minha fala é. Ela está sendo paciente.

— Tive a sensação de que era tudo mentira mesmo. Meus amigos ficaram um pouco estranhos comigo depois das acusações sobre nós, e nossos pais me fizeram negar que alguma vez estivemos íntimos. Eu... odiei você pelo que fez ao papai, mas senti sua falta. Eu até tive a sensação de que era você o tempo todo, mas queria que você me punisse. Você não teria sido preso se não fosse pelo meu testemunho.

Então ela franze a testa e dá um tapa no meu peito.

— Você colocou uma maldita aranha em mim, seu idiota! — Ela aponta para seu corpo e para as iniciais queimadas em sua pele com as sobancelhas levantadas. — Sério? E por que você demorou tanto? Você foi solto meses atrás.

Eu sorrio e levanto as mãos, sinalizando: — *Estava esperando o momento certo para aparecer.*

Ela agarra meus pulsos e balança a cabeça.

— Não. Use sua voz. Fale comigo.

— Eu não... — paro, lambendo os lábios nervosamente — ... sou bom nisso.

— Você se saiu perfeitamente bem sussurrando uma música infantil em meu ouvido enquanto seu monstro rastejava pelo meu corpo.

— Você gozou — eu digo dando de ombros. — Você... gostou.

Ela sorri de forma ampla.

— É tão grossa.

— É. — Eu levanto as mãos de novo. — Me deixe... s-s-sinalizar isso.

Ela acena com a cabeça e observa minhas mãos.

— *Não me arrependo de ter batido no nosso pai. Ele tornava minha vida um inferno sem motivo algum. Mas sinto falta da mamãe e sei que temos uma irmã mais nova. Ela parece legal, mas não pretendo falar com ela.*

— Ela é legal — Olivia diz. — Eu acho que você iria gostar dela. Ela é bastante falante e cheia de energia.

— *Então eu a odiaria.*

Ela revira os olhos.

— Era você que deixava chocolates e flores na minha casa?

— *Sim* — sinalizo. — *Eu também fodi você enquanto você estava inconsciente no chão do seu banheiro.*

— Vou fingir que não vi você sinalizar isso.

— *Você escreveu em seu diário que queria experimentar sonofilia. Você gozou no meu pau e tudo mais. Pode tirar da sua pequena lista.*

Ela faz um beicinho.

— Certo. Onde estamos? — ela pergunta, mudando de assunto.

— *Esta é a nossa casa. Vou reformar e decorar. Eu sabia que você queria morar em algum lugar isolado e, quando vi essa, usei o dinheiro que mamãe me deu para comprá-la. Moramos aqui agora. Sei que nenhum de nós quer ter filhos, mas se você quiser, há quartos vagos que posso decorar. Vou até comprar um cachorro se você...*

Ela agarra minhas mãos para me impedir de continuar.

— Malachi — ela diz, seu rosto ficando terrivelmente pálido. — Eu não quero morar aqui.

Eu puxo minhas mãos para soltá-las.

— *Você quer morar em outro lugar? Posso vender essa, não tem problema. Podemos ficar juntos onde você quiser.*

— Não. — Ela se afasta de mim. — Quer dizer... eu não quero morar aqui... com você. Ou em qualquer outro lugar com você. O que aconteceu desde o festival não muda o fato de você ter quase matado o papai. Eu não te perdoo por isso.

Meu coração começa a doer.

— Por quê?

— Por quê? — ela pergunta, uma lágrima escorrendo pela sua bochecha. — Você está realmente me perguntando isso? Porque eu não te amo. Eu... nós... Não, Malachi.

— V-você não me a-ama? — gaguejo as palavras, mas não me importo. Ela é uma mentirosa. Ela está mentindo e eu me recuso a aceitar isso.

Saio da cama e vou até minha calça, pegando meu celular. Demoro menos de cinco segundos para encontrar uma das mensagens de voz que ela me deixou, e ouço enquanto ela se senta na cama.

Ela funga na gravação, e então...

— *Malachi, onde você está?* — Olivia soluça, como se estivesse hiperventilando. — *Não consigo encontrar você em lugar nenhum. Mamãe disse que você foi solto há algumas semanas. Por que não veio me buscar?*

Ela está chorando, e vejo sua carranca se suavizar e seus ombros se curvarem enquanto ela se escuta. Olivia desvia o olhar enquanto a mensagem de voz continua tocando.

— *Eu sinto muito por não ter protegido você. Eu deveria ter contado a todos o que você significava para mim, e não contei. Fiquei com medo da reação, e todos disseram que você era vulnerável e que estava doente, que você era obcecado por mim porque tinha desejo de possuir algo ou alguém. Eu. E eu estava com medo de que eles estivessem certos.*

Ela funga um pouco mais.

— *Eu quero saber se foi real para você. Tudo aquilo. Se você disser que me ama, que significo muito para você, eu admitirei que sinto exatamente o mesmo. Porque eu sinto, Malachi. Eu te amo tanto que dói.*

Desligo a gravação e dou um passo à frente, meu corpo tremendo de raiva.

— Foi r-r-real. Tudo f-foi r-real. Tu-do era real. Você si-significa o m-mundo para mim. Mas você não vai d-dizer o mesmo, v-vai?

Ela abaixa a cabeça e balança, e eu sinto como se meu mundo inteiro tivesse desabado. Olivia está escorregando pelos meus dedos. Que merda eu faço?

— Sinto muito — eu digo, errando a pronúncia, mas quem se importa? — Pela aranha. Faca. Câmeras. T-t-tudo. Desculpe. — Fecho os olhos e solto um

suspiro. — Eu preciso de você, Ol... — Paro, meu coração dispara tão rápido que acho que vai parar.

— Eu não preciso de você — ela murmura, e sinto como se tivesse levado uma facada no peito. — Vou me casar em breve, Malachi, eu assinei um acordo. Eu não posso desistir. Eu não vou. Não temos chance nesta vida, você não vê? — Olivia se levanta, eu engulo em seco e recuo enquanto ela enrola o edredom em volta do corpo. — A sociedade nunca nos aceitaria.

Eu seguro o celular na minha mão.

— Foda-se a sociedade. — Não acho que minhas palavras tenham saído mais claras do que agora. — Fodam-se todos que estão contra nós.

— Você nem sabe amar direito. Seu diagnóstico prova isso. Por que eu desistiria de um casamento por alguém que nunca sentirá o mesmo por mim?

Eu fico quieto, porque ela está certa.

Minha versão de amor não é suficiente para ela — eu a amo, amo muito, mas como vou saber o que é normal e o que não é? Meu mundo gira em torno dela e sempre girou. Se essa não for uma versão de amor boa o suficiente para ela e eu não puder fazê-la feliz, qual é o sentido?

Olivia passa pela cômoda, balançando a cabeça quando vê que está cheia de roupas que comprei para ela nos últimos meses. Ela veste roupas íntimas, calça de ioga e depois pega alguns outros itens. Veste uma camisa, abotoa até o pescoço para esconder as marcas que lhe dei, e depois se senta na beirada da cama enquanto arruma o cabelo e coloca meias.

Fico encostado na parede, com as mãos atrás de mim, e tento pensar em tudo que posso fazer para convencê-la de ficar.

Voluntariamente. Quero que Olivia me escolha.

Por favor, me escolha. Ninguém nunca me escolhe.

Olivia se levanta, calça sapatos e enxuga os olhos.

— Não vou contar a ninguém que vi você — ela diz, de cabeça baixa. — Mamãe vai querer saber onde estive nos últimos dias, então vou precisar mentir e inventar uma história. Se você me deixar ir, esquecerei que isso aconteceu. Não complique as coisas, Malachi. Eu vou embora de um jeito ou de outro.

Eu não consigo responder. Eu apenas olho para o chão enquanto ela se move em minha direção e para na minha frente.

— Adeus, Malachi. Por favor, se cuide. Por favor.

Algo estranho está acontecendo comigo. Meu peito está dolorido e meus olhos estão pesados e... molhados. Acho que estou chorando pela primeira vez na vida.

Ela abre a porta, mas corro na frente dela, bloqueando sua saída enquanto caio de joelhos e agarro suas mãos.

— Olivia — sussurro claramente. — Por favor, não me deixe. Por favor, fique comigo.

A tristeza dela está estampada em seu rosto — ela está olhando para mim como se fosse eu quem tivesse partido seu coração. Seus olhos acompanham uma lágrima que caí sob meu rosto.

— Por favor — imploro. — Aceite minha v-versão do amor. P-or favor. Eu te amo, Ol-l-l...

Olivia não diz que também me ama ou que vai ficar. Ela apenas me dá um sorriso caloroso e afasta a mão antes de passar por mim.

Não me viro para vê-la indo embora da minha vida para sempre.



EPÍLOGO

Olivia

Duas semanas depois...

Meu véu de noiva desce pela grande escadaria enquanto meu pai me espera lá embaixo, segurando sua bengala enquanto se levanta da cadeira de rodas. Isso o manterá de pé até que ele termine de me levar até o altar. Ele sorri quando me vê com meu vestido, aquele que mamãe me fez usar, embora eu tenha dito que o odiava.

Está me apertando em todos os lugares possíveis, e acho que quebrei uma costela tentando entrar nele.

Tentar esconder as iniciais de Malachi gravadas em meu corpo foi difícil, mas consegui cobrir com maquiagem antes de entrarem na minha suíte do hotel.

Todos estão esperando por mim: meu futuro marido, que provavelmente já esqueceu meu nome, e minha futura família, que se preocupa mais com status do que com qualquer outra coisa.

Minha irmã adotiva, Molly, é uma das minhas damas de honra. Ela se juntou à família pouco depois de Malachi ter sido preso. No início, os tribunais não sabiam se deveriam colocá-la sob os cuidados da minha família, mas ela se divertiu muito conosco.

Ela gostaria de ter conhecido Malachi e diz que ele parecia ser um irmão mais velho divertido pelas fotos que mostrei a ela. Eu confesso, ele realmente foi um irmão divertido enquanto crescíamos. Fazíamos tudo juntos. Deixando de lado todas as coisas que não deveríamos ter feito, ele também era meu melhor amigo.

Aqueles oito anos sem ele foram uma tortura, mas as últimas duas semanas? Foram um inferno.

Ele invadiu meu apartamento um dia depois de eu ter ido embora, tirou todas as câmeras e deixou um bilhete dizendo que havia desenhado um bigode no rosto da mamãe em uma das fotos meses atrás e que eu deveria limpá-lo, e que todas as minhas garrafas de vinho estavam batizadas.

Ele desligou seu celular.

Por mais que eu não possa estar com ele, acho que teria adorado se ele estivesse me observando. Mas eu sei que não está mais. Ele simplesmente... se foi.

E sei que tomei a decisão errada.

Agora não posso fazer nada além de enlaçar meu braço no braço do meu pai e caminhar até meu futuro marido.

— Você está linda, anjo — papai diz, sorrindo. — Você será uma esposa maravilhosa.

Tento sorrir e falho.

Não levanto os olhos quando nos aproximamos das portas duplas, ouvindo a música do casamento tocando do outro lado. Paro, respirando fundo quando “Here Comes the Bride” começa, e as portas se abrem para revelar todos sentados em suas cadeiras. Eu os examino, procurando por um cabelo preto, um sorriso selvagem ou uma piscadinha, mas ele não está aqui — eu gostaria que ele estivesse.

Chego na metade do corredor antes dos meus pulmões pararem e o pânico se instalar. Paro abruptamente, fazendo meu pai quase tropeçar na bengala, e eu olho para ele.

— Eu... eu não posso fazer isso.

— Olivia — uma voz severa soa, e eu olho para Xander. O idiota arrogante que me disse que eu teria que perder peso antes de podermos fazer sexo. É claro que comi tudo que estava no meu frigobar ontem à noite. — Caminhe até mim agora.

Eu me viro para papai.

— Por favor, me deixe ir.

Ele parece confuso, olhando entre mim e mamãe.

— Anjo, o que está acontecendo?

— Eu amo Malachi — falo apressadamente, e seus olhos se arregalam. — Sinto muito pelo que ele fez com você, mas eu o amo, pai. Eu quero estar com ele.

Uma onda de alívio toma conta de mim e solto uma risada.

— Eu amo Malachi.

Xander balança a cabeça.

— Continue andando, Olivia. Não me envergonhe.

Mamãe se afasta de sua cadeira e, pela primeira vez em muito tempo, ela não me força a continuar. Ela suspira e acena para mim enquanto Molly pisca.

— Vá — papai diz, beijando minha bochecha. — Nós lidamos com eles. Seja feliz, anjo.

Deixo cair as flores caras, agarro a frente do meu vestido, me viro e saio correndo de lá. Deixo meus saltos onde eles escorregam dos meus pés e arranco meu véu enquanto saio correndo pela entrada.

Eu giro e procuro por ele, mas não consigo vê-lo.

— Malachi! — grito, soltando a faixa em volta da minha cintura para me livrar da longa saia, a deixando onde ela cai enquanto corro em direção aos portões. Saio ofegante enquanto faço sinal para um táxi e lhe dou instruções para chegar ao local que ele me levou no Halloween.

Sua casa. *Nossa*. Algo que deixei para trás.

Saio do carro assim que ele chega ao destino e congelo quando vejo Malachi parado perto do portão de metal, o choque estampado em seu rosto enquanto ele o abre e dá um passo em minha direção.

Ele está sem camiseta, seu rosto e peito estão brilhando com suor, seu cabelo preto está rebelde e encaracolado e ele está usando uma calça de moletom na altura dos quadris.

Malachi é o único para mim desde sempre. Ele é o meu para sempre.

Meu céu e meu inferno.

— Olivia?

Tão claro. Tão claro, puro e cheio de amor.

Eu rio e corro até ele, me lançando em seus braços fortes que instantaneamente me envolvem.

— Você é meu, Malachi. Você é meu e eu sou sua e eu te amo mais do que palavras são capazes de explicar. Por favor me perdoe. Por favor. Quero você. Quero estar com você, construir uma vida com você e criar memórias com você. Quero acordar todas as manhãs com você ao meu lado. Quero que você me persiga por essa floresta e me coma contra uma árvore. Eu quero tudo que você tem para dar. Tudo. Tudo. Porque eu escolho você. Eu...

Malachi me beija para me calar e sorri contra meus lábios.

— Eu te amo, Olivia.

Eu rio e envolvo minhas pernas em volta de sua cintura, meu rosto está dolorido de tanto que estou sorrindo.

— Eu também te amo. Você vai me levar para dentro de nossa casa e me mostrar o quanto me ama?

Ele balança a cabeça e me coloca no chão.

— Eu quero arrancar esse maldito vestido do seu corpo e fazer você sangrar em cima dele.

Sinto um frio na barriga e meu peito está subindo e descendo de ansiedade.

— Eu te desafio — provoco. — Eu te desafio a me perseguir e me fazer implorar.

Malachi geme e agarra meu queixo, dando um beijo severo em minha boca antes de me empurrar para trás, sorrindo e apontando para a floresta.

— Corra, pequena estranha.



Malachi

Ela some na floresta, aquele maldito vestido colado em seu corpo. O vestido que eu arrancaria assim que eu a pegasse.

Eu a deixo correr, se preparar, e deixo o medo e a paranoia trabalharem sobre Olivia antes de reivindicá-la como minha.

Inspiro, minhas narinas dilatando enquanto domo minha raiva com o pensamento de Olivia se casando com outra pessoa. Eu estava dando a ela espaço para pensar sobre sua escolha enquanto ainda a observo de longe. Eu tinha planejado enforcar o maldito com sua própria gravata na noite de núpcias. Ou derrubar a porta do quarto de hotel onde eles passariam a lua de mel e estourar a cabeça dele por pensar que podia ter Olivia.

Ela é minha. Ela é minha desde o momento em que nos conhecemos.

E ela continuará sendo minha maldita propriedade.

Serei eu quem a manterá a salvo, que segurará sua mão quando ela estiver com medo, fodê-la quando ela precisar do meu pau. Eu a beijarei e a lembrarei que não sou seu irmão de verdade; que não temos nenhuma relação de sangue.

Já aceitei que sou doente, porque eu amo quando ela me chama de irmão enquanto está cavalcando meu pau como a melhor irmã do mundo.

O mundo que se foda, e a nossa família que lide com nós estarmos juntos.

Caminho de volta para casa. Em apenas quatorze dias, eu quase terminei de reformá-la. Dormir tem sido um problema, então eu precisava de uma distração, algo para manter minhas mãos ocupadas enquanto eu vigiava os monitores em uma das paredes.

Abro a caixa de ferramentas e sorrio quando vejo a chave de fenda. Observo o cabo, viro na minha mão duas vezes e fecho a tampa da caixa com força.

Acima da lareira, uma foto de nós dois juntos está pendurada em uma moldura que fiz com uma das árvores que cortei. Olivia está sorrindo para mim enquanto tento afastar seu rosto. Lembro que ela sussurrou algo sacana no meu ouvido — provavelmente algo sobre as nossas aulas.

As aulas.

Será que consigo convencê-la a me dar mais aulas como aquelas? Aceitarei de bom grado fingir que sou o irmão inocente enquanto ela me força a ficar de

joelhos e me diz como devo comer sua boceta de novo.

Eu nunca fui inocente — inexperiente, sim — mas nunca inocente. Eu já tinha assistido filmes pornôs e me masturbado, mas não tinha me satisfeito, e ainda assim, assisti filme atrás de filme. Eu tinha me escondido em seu quarto enquanto a via se tocar e gozar, aprendendo as coisas que Olivia gostava.

Não me incomodava o fato de eu ser virgem aos dezenove anos. Havia outras coisas mais importantes do que transar com as garotas que se jogavam em mim.

Olivia era mais importante. Eu sabia que tinha que esperar. Sabia que um dia, mesmo se estivéssemos com trinta anos, eu enfiaria meu pau em minha irmã e a faria gritar meu nome. Eu teria esse som ecoando em meus ouvidos até o dia da minha morte.

Nunca tive medo de morrer — é algo inevitável. Mas o pensamento de morrer e deixar Olivia para trás? De deixá-la sozinha com toda a toxidade venenosa do mundo? Isso me apavora. Ela não pode confiar em ninguém, muito menos em nossa mãe.

Mas ela pode confiar em mim. Ela sempre pode confiar em mim.

Abro a porta de trás e olho para a floresta. Já se passaram dez, talvez quinze minutos. Olivia deve estar em pânico agora que o sol está começando a se pôr e a noite chegando. Logo mais, ela não conseguirá ver muita coisa.

Por que isso me deixa agitado?

Aumento meu aperto ao redor da chave de fenda e alongo meu pescoço, de um lado para o outro, ainda sentindo o beijo de Olivia nos meus lábios.

Eu preciso de mais.

Meus olhos observam os arredores enquanto eu caminho lentamente para fora do quintal que fica nos fundos da propriedade. Eu ainda precisava dar um jeito nele. Tem uma moto ainda por reconstruir — um projeto que meu terapeuta acha que vai me ajudar a focar — e equipamentos que acabei não usando na casa.

Abro o pequeno e rangente portão de metal e paro, ouvindo atentamente, mas tudo o que escuto são as folhas das árvores que o vento balança e a chuva que está começando a cair.

Uma tempestade está chegando.

— Me diga, Olivia — eu falo. Minhas palavras ainda meio bagunçadas já que eu só tenho falado comigo mesmo e o fonoaudiólogo nas últimas duas semanas. — Quando você vestiu esse vestido, você imaginou ele tirando do seu corpo? Você colocou uma cinta liga para ele tirar com os dentes?

Estou me irritando com as minhas próprias palavras.

Estou ficando com raiva.

Mas não consigo parar.

— Ele tocou você? — minha voz é baixa, uma ameaça, e acho que meu coração vai sair do meu peito com o pensamento de outra pessoa colocando as mãos em Olivia. Já lidei com os outros que ousaram chegar perto dela enquanto estive preso. Ainda bem que garanti de nunca ser pego e enviado de volta para a prisão.

— Ele nunca faria você se sentir como *eu* faço.

Ninguém poderia fazer Olivia se sentir como eu faço. *Nunca*. E se fizessem, eu os mataria.

Escuto um galho quebrando à distância, e em vez de correr diretamente para ela, eu a provoco um pouco mais.

— Você chorou por mim.

Meus passos são lentos e calculados, meus dedos fechados firmemente ao redor do cabo da chave de fenda enquanto me aproximo de onde ela está.

— Eu observei você — digo alto, meus olhos focados na escuridão à minha frente, sabendo que ela está escondida atrás de um enorme tronco de árvore. — Você não tinha ideia de que eu estava lá. Esperando. Sempre esperando por você, Olivia.

A chuva começa a engrossar, me molhando, gotas descem pelo meu cabelo e pela minha testa.

— É a sua vez de esperar, irmãzinha. Espero que você esteja com medo, que esteja tremendo nesse seu vestido de noiva, imaginando quando vou agarrar você nas sombras e fodê-la contra a árvore.

Meu pau fica tenso contra o tecido da minha bermuda, doendo para estar dentro dela.

— Vou tomar essa sua bela boca antes — eu digo. — Depois vou me enterrar na sua bunda. — Escuto um choramingo e sorrio. — Eu gosto de quando você está com medo, quando luta contra mim achando que realmente pode ganhar. Você nunca teve chance contra mim, Olivia.

Aumento minhas passadas quando escuto outros galhos quebrando.

Ela está correndo.

Giro a chave de fenda na minha mão. Assim que eu vejo um lampejo branco do seu vestido de noiva, começo a caçá-la. Cerro os dentes e me esquivo de galhos, me abaixo quando ela para e tenta jogar um galho em mim, errando por alguns centímetros. Ela grita e começa a correr de novo.

Eu vejo o sorriso em seu rosto.

Minha querida irmã é quase tão sádica quanto eu. Ela gosta de ser perseguida, pega e fodida. Uma vez ela me disse que queria ser perseguida em um cemitério, mas infelizmente, esta floresta terá que servir. Eu a perseguirei aqui todos os dias pelo resto de nossas vidas.

Uma clareira aparece. Há uma pequena cascata à frente. Será que Olivia vai pular?

Meu coração ricocheteia no meu peito quando eu paro de brincar e começo a realmente persegui-la. Eu a encontro rapidamente, agarrando seu cabelo e a tirando do chão. Ela grita e afunda as unhas no meu pulso, chutando minhas canelas.

Empurro seu peito contra a árvore mais próxima e a mantenho presa ali com uma mão enquanto coloco a chave de fenda entre os dentes e puxo seu vestido com força suficiente para rasgá-lo.

Ela choraminga, suas unhas ainda em meus pulsos, tentando se soltar. Eu adoro quando ela luta.

Puxo o vestido de novo, rasgando o tecido nas suas costas, então me inclino para frente e belisco seus mamilos tensos. Os joelhos de Olivia falham, mas meu aperto em seu cabelo a mantém de pé.

— Encontrei você — sussurro contra seu ouvido. — Agora eu nunca mais vou deixar você ir. — Rasgo um pouco mais do seu vestido, fazendo o material cair entre suas pernas e ao redor dos pés. — Você é minha.

— E você é meu — ela ofega, inclinando a bunda para mim.

Sorrio e a viro, segurando seu rosto.

— Seu... Me prometa que não vai fugir de novo? Eu vou caçar você.

Olivia toma meu polegar em sua boca e chupa. Pressiono meu dedo contra sua língua e empurro até sentir sua garganta contrair.

— Que irmãzinha boazinha...

Meu pau está implorando para eu fodê-la, para livrá-lo da calça e enfiá-lo nela, mas mantenho meu dedão na boca de Olivia e uso meu aperto para deixá-la de joelhos.

— Chupe meu pau — ordeno, tirando meu dedo de sua boca e acariciando seu lábio inferior. — Quero esses lábios ao redor do meu pau.

A chuva aumenta ainda mais, gotas grossas caindo em seu rosto enquanto ela olha para mim e alcança minha calça. Olivia dobra os dedos no material e puxa, meu pau ficando livre. Ela levanta o olhar enquanto fecha os dedos ao redor do meu comprimento, e eu vejo o anel de noivado em seu dedo.

Agarro seu pulso e arranco a joia, rosnando para ela.

— A única vez em que você for usar um anel como este, serei eu a colocá-lo em você, me entendeu?

— Sim — ela assente.

Aperto o anel em minha palma e o jogo na escuridão da floresta, pouco me importando onde foi parar, então agarro o cabelo de Olivia e forço meu pau em sua boca. Ela engasga ao redor dele, engolindo metade antes de seus dedos se fecharem ao meu redor, engolindo ainda mais a cabeça inchada.

Meus olhos reviram enquanto Olivia me chupa, sua cabeça balançando para frente e para trás enquanto largo seu cabelo e me apoio na árvore atrás dela.

— Porra, sua boca é tão gostosa, Olivia.

O elogio a faz ir mais rápido, me chupando com mais força, usando sua língua para massagear ao redor da cabeça e me engolindo um pouco mais. Atinjo o fundo da sua garganta e seguro a parte de trás de sua cabeça enquanto estoco para dentro e para fora de sua boca.

Ela arfa quando afasto o pau de sua boca.

— Vou gozar dentro de você — digo para Olivia, a guiando para se deitar sobre o vestido. — Abra as pernas. Me deixe ver o que é meu.

Suas pernas se afastam, me mostrando sua bela bocetinha, que está coberta com sua calcinha encharcada. Seus olhos arregalam quando levanto a chave de fenda e fico de joelhos entre suas pernas.

— Espera... — ela hesita, se apoiando nos cotovelos.

— Sim? — Alcanço a parte de dentro de sua coxa e deslizo o cabo da chave de fenda sobre sua calcinha, esfregando seu clitóris. — Você quer que eu pare?

Seus lábios se abrem, e então ela balança a cabeça. Minha garota é tão valente...

Quando me inclino para frente e passo minha língua sobre sua boceta, ela geme e cai de costas no vestido. Chupo seu clitóris ainda coberto com a calcinha, mordendo e rasgando o tecido para fazer um buraco.

Fecho os olhos e saboreio seu sabor.

Toda minha...

Olivia choraminga quando forço minha língua dentro dela, então afasto meu rosto e enfio o cabo da chave de fenda o máximo que consigo, mordo meu lábio inferior e observo enquanto sua boceta encharcada engole o cabo — a boceta encharcada e necessitada de Olivia.

Ela tenta fechar as pernas quando pressiono minha boca em seu clitóris de novo, gemendo e agarrando meu cabelo.

Ela é tão perfeita. Estou começando a achar que tudo isso é um sonho. Talvez eu ainda esteja na prisão e imaginando tudo isso? Tudo bem, contanto que eu nunca acorde, estou de boa ficando nessa bolha com Olivia.

Ela grita, arqueando as costas, enquanto eu começo a estocar a chave de fenda. Sabendo que seu orgasmo está chegando, prendo seu clitóris entre os dentes e tiro a chave de fenda, largando o objeto para poder enfiar dois dedos dentro dela. Suas paredes internas agarram meus dedos quando eu os curvo e então a fodo rápido e com força e me delicio com seu clitóris.

O orgasmo a atinge e os gritos de Olivia ecoam pela floresta.

O som é o suficiente para me deixar louco. Me afasto dela, abaixo minha bermuda e cueca, e me posiciono entre suas penas ao mesmo tempo que agarro

seu rosto.

— Você me deixou por oito anos, e então me deixou de novo. Não haverá uma terceira vez, Olivia.

— Nunca — ela diz desesperadamente, rebolando os quadris para que a cabeça do meu pau entre nela, fazendo-a gemer. — Por favor, Malachi.

— Você está arrependida?

Ela assente com a cabeça.

— Estou. Me desculpe, de verdade. Eu amo você. Eu sempre amei você.

Meu nariz toca o dela quando abaixo meu rosto, beijando-a suavemente. Seguro seu lábio inferior entre os meus, chupando, e então faço mesmo com o lábio superior.

— Você vai se casar comigo?

— Sim — ela geme quando eu a penetro, sentindo suas paredes apertando meu pau, seu orgasmo ainda ressonando. — Sim. Um milhão de vezes, sim. Vamos encontrar uma maneira.

Porra. Isso está realmente acontecendo.

Olivia é minha.

Seus olhos reviram enquanto estoco em sua boceta, o vestido ficando sujo e encharcado, tanto da chuva quanto da excitação escorrendo da boceta de Olivia. A penetro mais fundo, a beijo mais forte, precisando que este momento dure para sempre.

Continuo estocando, suas pernas me envolvem, minha pele já pinicando e o calor se concentrando em minhas bolas. Olivia se move comigo, encontrando cada estocada minha, me beijando, me amando da maneira que eu sempre quis ser amado.

Apoio minha testa na dela e nossos peitos deslizam um no outro, seus seios e mamilos tensos presos entre nós.

— Eu amo você — ela sussurra em meu ouvido, segurando o lóbulo entre os dentes. — Eu amo você, eu amo você, eu amo você. Me desculpe por não ser forte o suficiente, mas agora eu sou. Por favor, me perdoe.

Minhas bolas ficam tensas, meus músculos se contraem enquanto Olivia começa a gemer cada vez mais alto, outro orgasmo tomando conta de seu

corpo. Seus olhos reviram e o aperto de seu corpo no meu chega a doer. Suas unhas cravam em minha pele enquanto ela grita, choraminga e implora para que eu fique com ela.

Não que eu fosse ir embora.

Depois que eu a encho com meu gozo, continuo dentro dela por um bom tempo. Olivia está tremendo de tão forte que foi seu orgasmo. Mantenho minha cabeça apoiada em seu ombro, sentindo sua mão acariciar minhas costas enquanto ela diz uma e outra vez que sou dela.

Tensiono meus braços, saindo de dentro dela. Olivia sorri para mim, com lágrimas nos olhos.

— Você vai ter que me carregar para casa.

Eu rio, beijando seus lábios. Olivia ri enquanto me inclino e a levanto em meus braços, abraçando-a contra meu peito, deixando o vestido, a chave de fenda e minha cueca para trás na floresta.

Ela não tira os olhos de mim.

Quando entramos em casa, preparo um banho para nós. Ficamos na banheira até que a água esfrie, me lembrando de quando éramos crianças e dividíamos a banheira. Depois de comer, levo Olivia para cama e faço amor com ela.

Eu nunca tinha feito amor antes. Não tinha ideia de como era.

Eu já tinha fodido Olivia. Eu tinha reivindicado, arruinado ela de maneiras que um irmão não deveria, mas nunca tinha feito amor com ela.

É... diferente. Lento. Sensual.

Eu não achava que poderia amá-la mais, mas a amo. Tudo está mais aflorado enquanto eu a tomo em nossa cama. Ela nos gira e fica por cima, e mesmo a maneira como ela está me cavalgando é lenta, emocionante, e eu não consigo afastar meus olhos dela.

Depois que terminamos, ficamos deitados um nos braços do outro. Tudo está calmo; não é como se estivéssemos em uma pausa antes de algo ruim acontecer.

É isso que significa estar feliz? Eu gosto disso. Com certeza nossos pais poderiam entender, certo?

— Estou com medo do que Xander possa fazer.

— Ele não vai chegar perto de você. Vou lidar com ele.

— Você está começando a ter sua vida de volta, Malachi. Você esteve na prisão por quase uma década. Por favor, não se envolva nisso. Eu não deveria ter falado sobre isso. Xander não está na minha vida nem nunca estará. Apenas... fique comigo e esqueça do mundo. Por favor.

Um músculo na minha mandíbula tensiona.

— Você não pode me pedir para fazer isso, Olivia. Do momento em que conheci você, jurei a mim mesmo que te protegeria. Fiz um péssimo trabalho até agora, então não vou ficar sentado sem fazer nada sabendo que ele está por aí e é uma ameaça.

Ela tem medo dele. Eu deveria fazer algo sobre isso. Não pude proteger minha mãe de todos os traficantes de drogas e viciados que estavam constantemente entrando e saindo de nossa casa. Tudo o que pude fazer foi me esconder debaixo da cama com a minha aranha, que nunca quis falar comigo.

Todos os dias e noites, nos escondíamos debaixo da minha cama. Aquela aranha era minha melhor amiga, mas nunca falou, então por que eu deveria? Ela era feliz sem usar sua voz; eu também poderia ser. Ela era meu ponto de conforto, minha protetora. Se ela podia esconder a voz e ser valente o suficiente para se esconder debaixo da minha cama e não chorar, então eu também.

Esse foi o começo do meu novo eu. Eles queriam me ouvir gritar enquanto enfiava a agulha no meu braço, então eu não gritei. Eu estava faminto, magro, fraco, mas ao menos eu tinha poder sobre a minha voz. Eles não iriam tirar isso de mim também, porque eu tinha me escondido em um lugar onde apenas Olivia podia encontrar.

Eles queriam me ouvir implorar para que salvassem minha mãe, mas eu não podia.

Assim como aconteceu com Spikey oito anos atrás; eles mataram minha aranha. Pensaram que era engraçado me fazer assistir enquanto minha mãe biológica estava morrendo no chão. Eu não pude salvá-la, mas posso salvar Olivia.

— Não, Malachi — ela agarra meu rosto.

Sim, Malachi. Está tudo bem. Ela não precisa saber quando eu for tirá-lo da equação. Olivia verá a notícia sobre o desaparecimento dele, e então o problema estará resolvido. Ela pode berrar comigo enquanto eu a fodo.

— Me prometa que não vai fazer nada que possa colocar você em problemas. Papai pode consertar isso.

— Uhm — eu digo. — Me diga o que você quer na vida — mudo de assunto e abaixo minha cabeça, beijando a ponta do seu nariz. — Me diga, para que eu possa dar a você.

— Eu só quero você.

— Isso é tudo? — sorrio para ela.

— Minha vida toda a mamãe me empurrou para esse negócio de casamento até não significar nada a não ser que seja com você. E filhos? Nunca me imaginei como mãe, acho que eu seria péssima nisso. Mas... — Ela levanta um ombro. — Talvez um dia.

Meu sorriso some. Eu daria tudo o que ela quisesse. Mas um filho?

— E se eles forem como eu?

— Não tem nada de errado com você. — Olivia franze o cenho.

— Você realmente acha isso? — Até mesmo eu sei que tem muita coisa de errado comigo. É por isso que decidir ir para terapia; os medicamentos são um pouco intensos, mas consigo lidar com eles. Eu faria qualquer coisa para ser normal por Olivia. — Meu terapeuta disse que eu tenho muito no que trabalhar, mas posso mudar. Eu prometo.

Ela sorri, passando os braços ao redor do meu pescoço e puxando meu rosto para o seu, para sussurrar: — Eu amo tudo sobre você. Não quero que você mude.

Eu a beijo — a única garota à quem imaginei dar meu coração. Pode ser um pouco sombrio, um pouco surrado nas pontas, e minha cabeça pode ser um pouco louca, mas Olivia é a dona de tudo isso.

Olivia é a dona da minha mente, do meu corpo e da minha alma. Ela já era dona quando éramos crianças, quando éramos adolescentes, quando nos separamos. Mesmo quando eu a tinha presa no porão, era ela quem tinha o poder sobre mim.

Na minha cabeça, eu queria me vingar dela — agora sei que eu apenas a queria de volta.

E adivinha só...

Eu a consegui de volta.

Ela me escolheu.

Olivia realmente me escolheu, e eu planejo mantê-la para sempre.

FIM!

Mas será mesmo o fim?



SOBRE A AUTORA

Leigh Rivers é uma cientista biomédica escocesa que se aventurou no mundo da escrita de personagens sombrios e moralmente duvidosos, com histórias cheias de reviravoltas para deixar seus leitores loucos.

Quando não está lendo, escrevendo em seu laptop ou jogando até altas horas, ela faz aulas de pole dance, vai à academia e leva quatro cachorros para passear com os dois filhos e o marido.

REDES SOCIAIS

www.instagram.com/authorleighrivers

www.tiktok.com/@authorleighrivers



GRUPO EDITORIAL

Five

www.grupoeditorialfive.com

www.instagram.com/editorafive

www.x.com/EditoraFive

www.tiktok.com/@editorafive

